

MARIANA CRISTINA TAVARES DA SILVA SOUZA AMORIM

**“GRADUAÇÃO EM DANÇA? ISSO EXISTE?”
IMPACTOS DE ESTEREÓTIPOS NA IDENTIDADE DE ESTUDANTES DO
CURSO DE DANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS-BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

A524g
2018

Amorim, Mariana Cristina Tavares da Silva Souza, 1990-
“Graduação em dança? Isso existe?” : Impactos de
estereótipos na identidade de estudantes do curso de Dança da
Universidade Federal de Viçosa / Mariana Cristina Tavares da
Silva Souza Amorim. – Viçosa, MG, 2018.
xiii, 111 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexo.

Inclui apêndices.

Orientador: Rita de Cássia Pereira Farias.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Dança. 2. Estereótipos (Psicologia social). 3. Identidade
de gênero na dança. 4. Estudantes de dança. 5. Ensino superior -
Dança. 6. Identidade social. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Economia Doméstica. Programa de
Pós-Graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 792.8

MARIANA CRISTINA TAVARES DA SILVA SOUZA AMORIM

**“GRADUAÇÃO EM DANÇA? ISSO EXISTE?”
IMPACTOS DE ESTEREÓTIPOS NA IDENTIDADE DE ESTUDANTES DO
CURSO DE DANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

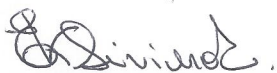
APROVADA: 06 de julho de 2018.



Christina Gontijo Fornaciari



Eveline Torres Pereira



Evanize Kelli Siviero Romarco
(Coorientadora)



Rita de Cássia Pereira Farias
(Orientadora)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os profissionais da Dança em especial àqueles que buscam o ensino superior como forma de profissionalização.

*“Façamos da interrupção um caminho novo.
Da queda um passo de dança,
do medo uma escada,
do sonho uma ponte,
da procura um encontro.”*

Fernando Sabino

AGRADECIMENTOS

Aqui agradeço aqueles que direta e indiretamente contribuíram para que esse momento se tornasse real, e a todos que estiveram comigo nessa trajetória acadêmica, que sabem o quanto esse percurso foi árduo. Foram muitas dores de cabeça, frustrações, ansiedade, prazos a cumprir e aquela correria louca que todo estudante de pós-graduação vive, mas também foram anos de aprendizagem, amadurecimento e crescimento pessoal e profissional que foram fundamentais para formar a pessoa que sou hoje.

Inúmeras pessoas fizeram desse sonho realidade, e foram fundamentais para que eu acreditasse em minhas capacidades, na importância do meu trabalho e dessa pesquisa. Mesmo correndo o risco de esquecer de mencionar alguns nomes, e já peço desculpas antecipadas por isso, gostaria de citar algumas pessoas, para expressar o quanto eu sou grata por vocês existirem na minha vida. Sinto-me lisonjeada de dividir com cada um de vocês a minha felicidade de finalizar esta etapa.

Primeiramente quero agradecer aos meus pais Altair e Izabel, por me mostrarem o caminho da honestidade, dedicação e do amor, mas principalmente por acreditarem nas minhas escolhas baseadas em meus sonhos. Ao meu irmão Gabriel por me permitir ser sua amiga-irmã e estar sempre ao meu lado para qualquer coisa.

Ao Mateus, por ser minha fortaleza e meu porto seguro, por suportar a dolorosa ausência em prol dos meus sonhos. Não teria conseguido chegar aqui sem seus conselhos, e principalmente sua paciência nos meus momentos de estresse, amo você. Aos meus filhotes de quatro patas, Sidney e Noob, que conseguem trazer a todo instante um sorriso em meu rosto e que me mostram todos os dias o que é amor incondicional.

Minha amada República V, (Camileide, Dudu, Fê, Fernandinha, Jessi, Livoca, Millene, Nina e Thuthu) minha família de Viçosa, devo a vocês a gratidão da amizade e por acolherem novamente a mim e ao Sidney. Com vocês aprendi a ser mais forte e acreditar mais em meus potenciais. Agradeço a cada uma de vocês a amizade, em especial a Fê e Jessi por me ajudarem diariamente a ver meus problemas por outros ângulos, por se tornarem minhas irmãs mais novas, a quem eu admiro por serem tão iluminadas e presentes em minha vida e na dos meninos também.

Não posso esquecer das minhas meninas: Ju, Gabi, Rose e Eva. Vocês são o total exemplo de cumplicidade e amor em forma de pessoa. Minha gratidão à amizade de vocês pelas conversas, conselhos, risadas, café e vinho, e principalmente por me apoiarem a qualquer hora e a qualquer momento.

À Universidade Federal de Viçosa, por me conceder a oportunidade de ter cursado graduação em Dança e agora a tão esperada conclusão da minha pós-graduação em Economia Doméstica, obrigada por possibilitar meu crescimento profissional. Agradeço ao Departamento de Pós-Graduação em Economia Doméstica que me admitiu no programa e aos funcionários do Departamento de Economia Doméstica - DED que sempre estiveram à disposição para me ajudar e orientar a qualquer momento. Também à Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio financeiro para a realização dessa pesquisa.

Agradeço à minha orientadora Rita de Cássia Pereira Farias, que me acolheu como sua orientanda, abraçando afetosamente as minhas ideias, colaborando com seus conhecimentos e acreditando no potencial da minha pesquisa. À minha coorientadora Evanize Kelli Siviero Romarco, a quem considero como mãe desde a graduação. Obrigada por entrar de cabeça nas minhas loucuras e contribuir de forma imprescindível neste trabalho, você é e sempre será meu exemplo de vida. Obrigada por me permitir através da experiência acadêmica em seus estágios encontrar um caminho profissional também na Educação Especial. Às professoras, Lilian Perdigão e Christina Fornaciari, pela ajuda e sugestões durante a defesa do projeto. A professora Bianca Sales por aceitar ser debatedora no seminário de defesa. Agradeço às professoras Christina Gontijo Fornaciari e Eveline Torres Pereira pelo aceite em compor a minha banca e pelas primorosas sugestões para melhoria na dissertação. A todos os professores das disciplinas realizadas, obrigada por partilharem seus conhecimentos comigo e me fazerem uma pesquisadora mais apaixonada pela ciência. À minha grande amiga de turma, Elimara, só tenho a agradecer pelo carinho e pela simplicidade, você é fantástica.

Agradeço ao Departamento de Artes e Humanidades, aos amigos e funcionários do curso de Dança, (Fátima, Imaculada, Marco Túlio, Néia, Roberto e Wellington,) obrigada por me aguentarem todos os dias, pelas conversas, confraternizações, risadas e principalmente pelas manhãs e tardes de café. Agradeço a todos os alunos do curso de graduação em Dança que se prontificaram a colaborar com essa pesquisa, vocês são os atores principais desse trabalho.

A vocês, toda minha gratidão!

Obrigada.

BIOGRAFIA

MARIANA CRISTINA TAVARES DA SILVA SOUZA AMORIM, filha de Maria Izabel da Silva Souza e Altair Tavares de Souza, nasceu em Carandaí, estado de Minas Gerais, em 02 de maio de 1990.

Iniciou seus estudos na Escola Municipal Abelard Pereira em Carandaí-MG, onde concluiu as séries iniciais do Ensino Fundamental.

No período de 2001 a 2007 cursou os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio na Escola Estadual Deputado Patrús de Souza também no município de Carandaí-MG.

Em 2009, iniciou seus estudos na Universidade Federal de Viçosa no curso de graduação em Dança, graduando-se em 2014. No mesmo ano cursou, como estudante não vinculado, a disciplina Cultura, Identidade e Corporalidade no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, na Universidade Federal de Viçosa.

No ano de 2015 foi professora da disciplina de Artes na Escola Estadual Francisco do Carmo e instrutora de Dança no projeto “Mais Educação”, na Escola Municipal Deputado Abelard Pereira, na cidade de Carandaí-MG.

Em março de 2016, ingressou no Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica, em nível de Mestrado, submetendo-se à defesa da Dissertação em junho de 2018.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	ix
RESUMO.....	x
ABSTRACT.....	xii
INTRODUÇÃO.....	1
CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	2
OBJETIVOS.....	5
PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	6
ARTIGO 1 - ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DO CORPO E SEUS REFLEXOS NO ENSINO SUPERIOR EM DANÇA.....	12
RESUMO.....	12
ABSTRACT.....	13
1. INTRODUÇÃO.....	14
2. CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DO CORPO.....	16
3. O CORPO SOCIAL E A FORMAÇÃO DO DANÇARINO.....	19
4. CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NO CORPO QUE DANÇA.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
6. REFERÊNCIAS.....	30
ARTIGO 2 - ESTEREÓTIPOS ENFRENTADOS POR ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM DANÇA E SEUS IMPACTOS EM SUA IDENTIDADE: UMA ANÁLISE FAMILIAR E SOCIAL.....	33
RESUMO.....	33
ABSTRACT.....	34
1. INTRODUÇÃO	35
2. PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	37
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	40

3.1 Escolhendo a Graduação em Dança e seu Retorno Financeiro.....	40
3.2 Dilemas entre a Diversão e a Profissionalização em um Curso Superior em Dança.....	51
3.3 (Re)configurando a Estereotipia sobre a Graduação em Dança.....	56
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
5. REFERÊNCIAS.....	61

ARTIGO 3 - ESTEREÓTIPOS E SEUS IMPACTOS NA ESCOLHA DA GRADUAÇÃO EM DANÇA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO64

RESUMO.....	64
ABSTRACT.....	65
1.INTRODUÇÃO.....	66
2. PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	69
3.RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	72
3.1 A Construção da Feminilidade na Graduação em Dança.....	72
3.2 Reflexos da Graduação em Dança na Orientação Sexual do Gênero Masculino.....	79
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
5. REFERÊNCIAS	91
CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS GERAIS.....	97
APÊNDICES.....	104
ANEXO.....	109

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEPE - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

DAH - Departamento de Artes e Humanidades

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MG - Minas Gerais

PPC - Projeto Pedagógico Curricular

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

UFV - Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

AMORIM, Mariana Cristina Tavares da Silva Souza, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2018. **“Graduação em Dança? Isso Existe?” Impactos de Estereótipos na Identidade de Estudantes do curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa.** Orientadora: Rita de Cássia Pereira Farias. Coorientadora: Evanize Kelli Siviero Romarco.

O corpo é construído por nossas intenções, hábitos e costumes. Se constitui de significado e simbologia, provenientes de uma construção histórica, social e cultural. Sendo ele um elemento de apropriação da dança, para o desenvolvimento expressivo e performático em cena e na arte, possibilita que ela seja compreendida, realizada e apreciada em diversos contextos e realidades diferentes, o que acaba caracterizando e identificando o sujeito/dançarino por determinadas significações e representações, para determinado grupo social. Devido à forma como a dança é vivenciada, compreendida e contextualizada e por haver uma variedade de áreas com que o profissional pode atuar, observa-se que uma construção de estereótipos, relacionados com o gênero, a sexualidade, o hobby, o nível salarial, entre outros, podem impactar na formação da identidade do indivíduo, o qual a procura como formação profissional em cursos superiores de Dança. Assim, essa pesquisa tem como objetivo identificar e discutir os estereótipos enfrentados por estudantes do curso superior em Dança da UFV em relação aos aspectos acadêmicos, socioculturais e familiares, verificando como eles impactam na identidade do próprio estudante. O estudo trata de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva e buscou, por uma abordagem crítico-dialética, discutir alguns conceitos, esclarecer e refletir acerca da realidade encontrada sobre a visão dos próprios graduandos sobre os estereótipos que enfrentam na graduação em Dança. Trata-se de um estudo de caso, visto que o fenômeno estudado está ligado diretamente aos alunos do curso de graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa-MG. A entrevista semiestruturada foi o instrumento empregado para a coleta de dados. Os resultados foram analisados de forma qualitativa, articulando-se as falas dos entrevistados com os referenciais teóricos sobre o tema. Dentre os estereótipos mencionados pelos estudantes se destacaram a associação do curso de graduação em Dança a uma aprendizagem direcionada apenas para a prática, com o foco na execução de movimentos dentro de distintas modalidades de dança. Outro aspecto foi a associação da dança apenas ao entretenimento e ao feminino, desconsiderando suas especificidades. Destacou-se, ainda, a visão da Dança como uma profissão que não

oferece status social e não traz um retorno financeiro favorável. Esses estereótipos trazem uma desvalorização do estudante de graduação em Dança pelo não reconhecimento da relevância e dos objetivos do seu processo de formação acadêmica e em decorrência de tais estereótipos, alguns estudantes desistem da formação acadêmica na área.

ABSTRACT

AMORIM, Mariana Cristina Tavares da Silva Souza. M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2018. **"Graduation in Dance? Does This Exist?" Impacts of Stereotypes on the Students Identity of the undergraduate course of Dance at the Universidade Federal de Viçosa.** Adviser: Rita de Cássia Pereira Farias. Co-adviser: Evanize Kelli Siviero Romarco.

The body is built by our intention, habits and custom. It is constituted of meaning and symbology, which come from a historic, social and cultural construction. Being an element of appropriation of dance, to the expressive and performative development in scene and art, it allows dance to be understood, performed and appreciated in different contexts and different realities, which turns out to characterize and to identify the subject/dancer by certain representations and meanings, for a particular social group. Due to the way how dance is experienced, understood and contextualized and because there is a variety of fields where the professional may work, it is observed that a construction of stereotypes, related to gender, sexuality, hobby, wage level, among others, can impact on an individual's identity formation, who seeks to dance, as professional training, in higher Dance education. Thus, this research aims to identify and discuss the stereotypes faced by higher Dance education students at UFV in relation to academic, sociocultural and familiar aspects, verifying how these aspects impact on the identity of the student. This study is an exploratory and descriptive research, and seeks, by a critical-dialectic approach, to discuss some concepts, to clarify and to consider the reality found through the students' own vision of the stereotypes they face in higher Dance education. This is a case study, since the phenomenon studied is directly linked to the students of the undergraduate course of Dance at the Federal University of Viçosa – MG. The semi-structured interview was the procedure used to collect data. The results were qualitatively interpreted, articulating the speech of the interviewed with the theoretical references on the subject. Among the stereotypes mentioned by the students, the one that stood out the most was the association of the higher Dance education to a learning directed only to the practice, focused on the execution of movements according to the dance modalities. Another aspect was the association of Dance only to entertainment and the feminine, disregarding its specificities. It stood out, yet, the view of Dance as a profession that does not offer social status and does not bring a favorable financial return. These stereotypes bring a devaluation of the Dance students by not recognizing the importance

and the objectives of their academic formation process and, because of such stereotypes, some students give up on the academic formation on this field.

INTRODUÇÃO

O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem (MAUSS, 2003, p.407).

Esta pesquisa trata de um estudo sobre diversos questionamentos sobre a escolha em cursar graduação em Dança na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Meio as inúmeras informações e expansões de conhecimento que a Universidade oferece, cabe destacar o quanto as experiências acadêmicas são pertinentes na construção da identidade do estudante e do futuro profissional em Dança.

A pesquisa possibilitou aprofundar os estudos em tal temática, buscando investigar e refletir sobre as experiências vivenciadas por outros alunos da instituição que ingressaram na graduação em Dança. O interesse foca-se em compreender as tradições e simbologias que representam as construções históricas e culturais, por meio da visão daqueles que buscam a graduação em Dança, e como essas afetam sua identidade.

Dentro de tal perspectiva é enriquecedor investigar a abordagem social do corpo, as formas de ação e a compreensão do indivíduo frente a sua realidade podendo essa ser entendida como uma construção simbólica das relações estabelecidas pelo homem. As definições sociais, de acordo com o meio, recaem sobre o corpo e vem contribuir para que esse seja depósito tanto de aspectos positivos quanto de negativos. Tais fatores podem estar vinculados aos prestígios, estereótipos e preconceitos que são construídos, incorporados e reproduzidos pela sociedade.

Tais questões possibilitaram a busca pela compreensão de como a dança é vivenciada, compreendida e contextualizada enquanto um curso superior, a partir da realidade do próprio estudante. Diante desse fato, buscou-se desvelar os estereótipos vivenciados pelos graduandos de um curso superior em Dança, destacando como esses impactam sua identidade enquanto discentes.

Dentro da temática investigativa é relevante mencionar os motivos que despertaram o interesse e a construção da presente pesquisa. No desenvolvimento desse processo, foi necessário, buscar um olhar minucioso para identificar a existência de estereótipos do curso de graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa. Considerando a proximidade com o tema, pois o aprofundamento em tal questão passa pela revisita as minhas experiências e memórias como graduanda em Dança até chegar a Pós-Graduação em Economia Doméstica, optei pelo uso da primeira pessoa para redigir a contextualização do problema.

Contextualização do Problema

A dança entrou em minha vida na infância, por volta dos cinco anos de idade, quando minha mãe me matriculou em uma academia onde uma professora formada em Educação Física em Carandaí-MG, (cidade onde morava com meus pais), oferecia aulas de balé clássico. Permaneci nessa academia até os dez anos de idade. Passado algum tempo, por volta dos meus quinze anos, a dança voltou a fazer parte do meu cotidiano no ensino médio de uma escola pública na qual estudava. Nas aulas de Educação Física conheci uma professora interessada na dança, que sempre organizava montagens coreográficas e festividades no ambiente escolar, como gincanas, festas juninas e festas de fim de ano. Percebendo o interesse de algumas alunas, como eu, ela formou um pequeno grupo de dança, no qual realizávamos aulas, montagens e ensaios na escola com o objetivo de apresentar as coreografias na cidade e região.

Com a popularidade do grupo e o interesse de mais alunos participarem das aulas, foi realizada uma audição para selecionar novos estudantes e professores para integrar o grupo. Assim, surgiu a Companhia Fábrica de Movimentos que, embora tenha sido extinta posteriormente, serviu de experiência para a carreira profissional de alguns alunos. Desse público, alguns participantes viram a dança apenas como hobby, outros ingressaram após o ensino médio em cursos superiores que tivessem alguma ligação com o corpo, como os cursos de Educação Física e Fisioterapia e outros optaram por aprimorar as técnicas e buscaram Escolas de dança em cidades maiores. No meu caso, optei pela Graduação em Dança na Universidade Federal de Viçosa, para me profissionalizar enquanto uma bailarina.

Escolher a Graduação em Dança não foi fácil. Meus pais não aprovaram a ideia, pois tinham em mente que eu deveria escolher um curso que pudesse me oferecer um retorno financeiro, o qual eles acreditavam que eu pudesse ser mais valorizada socialmente e que pudesse ganhar dinheiro suficiente para adquirir bens materiais como uma casa, carro, roupas, comida etc. Minha mãe é professora de História, e não gostaria que eu seguisse seus passos. Meu pai era mecânico em uma fábrica de cimento e gostaria que eu fosse engenheira mecânica. Dentro da realidade de vida de cada um deles, percebi que o fato da não aprovação da minha escolha -cursar dança- estava muito ligada às suas experiências e construções sociais e culturais. Sempre fui criada vendo a dura realidade de minha mãe, não sendo valorizada pela sua profissão, (professora) mas me orgulhava pela sua paixão imensa em exercê-la. Já meu pai, sempre teve o trabalho como parte

fundamental de sua vida. A sua dedicação, o seu esforço e as noites a fio eram algo que ele não desejava a mim, vendo em outra profissão uma oportunidade para que eu tivesse uma vida melhor e com menos esforço que a dele. Mesmo com opinião divergente, eles me permitiram realizar o curso dos meus sonhos.

Ingressei na graduação em Dança, em 2009, convicta que iria aprender a dançar, e me tornar uma bailarina, visto que minha experiência e contato com a dança até aquele momento era apenas prático. Portanto, essa forma de ver a dança antes de ingressar na universidade me fez notar como as construções de estereótipos ocorrem. Após entrar na graduação e frequentar as aulas, compreendi que existia uma concepção de dança muito maior e diversificada daquela que eu conhecia. Percebi que minha própria visão sobre o conceito de dança era restrita à execução de movimentos, sendo que outros alunos e pessoas com quem convivi também compartilhavam desse pensamento. Essa visão limitada sobre a dança, vinda da minha vivência no grupo de dança da minha cidade, onde tinha a visão de dança associada apenas a ensaios e apresentações, me levou a acreditar que ao entrar na universidade eu iria aprender a dançar as diversas modalidades de dança (balé, dança contemporânea, dança de salão, entre outras).

A mudança de percepção ocorreu à medida que fui adquirindo os conhecimentos com as disciplinas da graduação ofereciam, o que me levou a compreender que a dança não se limitava apenas a “sequências de passos”, havia nela toda uma reflexão histórica, sociológica, antropológica da conscientização do corpo/dança. Essa mudança de concepção ocorreu com as novas experiências adquiridas em meu percurso acadêmico, fazendo com que eu percebesse a dança em outras esferas.

A percepção inicial que eu tinha do curso superior de dança e a compreensão posterior que tive foi corroborada por uma entrevista dada à revista *Dança Brasil* (2016), quando um ex-aluno da graduação em Dança da UFV relatou sua experiência ao ingressar no curso. Assim como eu, ele também acreditava que vivenciaria uma aprendizagem apenas prática, diferentemente do que de fato ele encontrou no ensino superior em Dança:

Em vez disso, [acreditando que o curso era apenas prático] tinha História da Dança, Consciência Corporal, Música e Movimento, Arte do Movimento, Psicologia do Desenvolvimento da Aprendizagem e Citologia e Histologia. E com o passar dos semestres, foram aparecendo o Contemporâneo, Ballet Clássico, Dança de Salão e até Danças Brasileiras, que eu nem sabia que poderia existir algo do tipo. Hoje entendo que todas as disciplinas compostas na Matriz Curricular do curso são de extrema importância para o profissional da dança, seja ele formado em Licenciatura ou Bacharelado. (PEREIRA, 2016, p.30-31)

Notava que havia outros estudantes do curso que passavam por situação semelhante à minha e, diante a tais inquietações, durante os cinco anos que permaneci no ensino superior (2009-2014), fui me questionando sobre o que era ser um estudante do curso de Dança, sobre a visão que as pessoas têm desses estudantes e a construção dos estereótipos frente a sua escolha profissional.

Convivendo e conversando com outros estudantes, amigos e outras pessoas, em meu cotidiano, sempre me deparava com perguntas do tipo: “Que curso você faz?” Ao responder “Dança”, notava diversas reações e respostas como: “Graduação em Dança? Isso existe?”, “Para dançar precisa de curso superior?” “Dança? Nem sabia que existia esse curso aqui!” “Seus pais deixaram?” “Por que você não escolheu um curso que te dê dinheiro?”, “Só tem gays nesse curso, né?”.

Buscando reafirmar minha identidade enquanto graduanda em Dança, sempre tentava justificar, buscando diversos argumentos para defender o meu curso. Sempre trazia as disciplinas da matriz curricular do curso como suporte para que as pessoas pudessem compreender a relevância do profissional graduado em Dança. As pessoas com as quais eu conversava, que se prontificavam a me ouvir, geralmente ficavam surpresas por não saberem que dentro de um curso de graduação em Dança se abordava, por exemplo, conteúdos teóricos. Essa incompreensão do que de fato se desenvolve no ensino superior em Dança, fruto da construção social e cultural da dança, rebate negativamente na identidade dos estudantes do curso.

Após concluir a graduação em Dança, em 2014, me matriculei no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da UFV, como estudante não-vinculada, para cursar a disciplina *Cultura, Identidade e Corporalidade*, ministrada pela professora Rita Farias, minha atual orientadora. Nessa disciplina, pude discutir o corpo e sua relação com a cultura, a identidade e as construções de gênero ligadas à corporalidade. Aprofundei meus estudos buscando um diálogo entre a minha área de formação (Dança), e as reflexões para com o corpo construído pela cultura e pela sociedade, investigando seus significados, representações e seus reflexos na sociedade. Nesse processo compreendi, a partir de Le Breton, que:

O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. A caracterização do corpo, longe de ser unanimidade nas sociedades humanas, revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas. O

corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural. (LE BRETON, 2012, p.26)

A partir desse entendimento, constatei que minhas experiências acerca do curso de Dança constituíam um profícuo instrumento de pesquisa, que merecia ser desvelado. Deste modo, ingressei como estudante de Pós-Graduação em Economia Doméstica, em 2016, com o objetivo de explorar essa temática e contribuir como pesquisadora para ampliar as reflexões sobre os aspectos ligados a dança.

Desta forma, essa pesquisa é pertinente, uma vez que possibilitou trazer reflexões acerca da corporalidade, compreender as construções sociais e culturais em torno da graduação em Dança na UFV, além de analisar os fatores que possibilitam a construção de estereótipos em torno da formação.

Objetivos

O objetivo geral dessa pesquisa é identificar e discutir os estereótipos enfrentados por estudantes do curso superior em Dança da UFV em relação aos aspectos socioculturais, familiares, verificando como eles impactam em sua identidade.

Especificamente os objetivos se nortearam em:

- Identificar e discutir a visão da família e da sociedade sobre o graduando de um curso superior em Dança, a partir dos relatos dos estudantes de Dança,
- Refletir sobre as questões de gênero envolvidas na escolha da profissionalização em curso superior em Dança.

PROCESSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, visto que tratou de uma realidade que não tem como ser quantificada, por apresentar questões particulares ao universo dos sujeitos. Conforme Minayo, a pesquisa qualitativa trabalha com:

O universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1996, p.21)

Na pesquisa qualitativa não só o universo do sujeito está em questão, mas a escolha da forma de conduzir e desenvolver o trabalho, tendo em vista a convicção de que não há uma suposta neutralidade na escolha do tema, uma vez que a própria pesquisadora é parte da realidade estudada.

Dentro da perspectiva qualitativa, a pesquisa que ora se apresenta é de natureza exploratória e descritiva. Foi analisado o discurso dos participantes, em um processo que envolve “[...] levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população,” como propõe Gil (2002, p.42). Logo, a ótica dos participantes perante o objeto de pesquisa foi fundamental, sendo possível, além de explorar e descrever; argumentar, discutir conceitos, esclarecer e refletir acerca da realidade pesquisada, trazer também uma abordagem crítico-dialética. Esse tipo de abordagem, que contribui para o aprimoramento de ideias sobre o curso de graduação em Dança e a partir de uma perspectiva socioantropológica, possibilitou desvelar, mediante o discurso dos participantes, aspectos ligados aos estereótipos construídos e veiculados ao curso.

Por contemplar a realidade vivenciada apenas pelos graduandos do ensino superior em Dança da Universidade Federal de Viçosa-MG, a pesquisa foi considerada um estudo de caso que, de acordo com Yin (2001), trata-se de um fenômeno amplo e complexo que não pode ser estudado fora do contexto aonde ocorre naturalmente.

O estudo de caso, de acordo com Tull e Hawkins (1976), deve ser usado com o objetivo de geração de ideias, buscando esclarecer os fenômenos, além de contribuir para a formulação de novas teorias e questões que possam servir como base para futuras investigações de um grupo, comunidade ou indivíduo. No estudo de caso em questão foram realizadas entrevistas sistemáticas, buscando aprofundar na compreensão dos significados que permeiam a identidade do estudante do curso de Dança na UFV.

Local da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada no município de Viçosa, localizada no estado de Minas Gerais pertencente a zona da mata mineira. Possui como municípios limítrofes: Teixeiras, Guaraciaba, Porto Firme, Paula Cândido, Coimbra, Cajuri e São Miguel do Anta e está a 230 km da capital Belo Horizonte. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE 2017¹ a população conta com uma estimativa de 78.381 habitantes. Dentre eles, segundo a página oficial da Prefeitura municipal², existem cerca de 20 mil moradores flutuantes, sendo esses estudantes da instituição federal e particulares de ensino superior existentes na cidade.

Dentre tais instituições, destaca-se a Universidade Federal de Viçosa-UFV, que oferece 68 cursos de graduação nas modalidades bacharelado e licenciatura, distribuídos em seus três campi nas cidades de Viçosa-MG, Rio Paranaíba-MG e Florestal-MG. Dentre eles, o curso de Dança no campus de Viçosa é o único curso de artes da instituição.

Segundo o Projeto Político do Curso (PPC) de Dança-Licenciatura-UFV (2017), ele foi criado no ano de 2002, dentro do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes sendo o primeiro curso de ensino superior e público do Estado de Minas Gerais e ocupando o décimo terceiro lugar no país.

A Comissão Criadora do Curso de Dança foi constituída pelos professores: Frederico Vieira Passos, do Departamento de Tecnologia de Alimentos (TAL), Maristela Moura Silva Lima, do DES, [Departamento de Educação Física] Alba Pedreira Vieira, oriunda do DES, [Departamento de Educação Física] Maria do Carmo Couto Teixeira, do Departamento de Educação (DPE) e pelas convidadas Suzana Martins, da UFBA, [Universidade Federal da Bahia] Dionísia Nanni, especialista na área e Patrícia Lima, Proprietária do Núcleo Arte e Dança de Viçosa, então diretora da companhia Grupo Êxtase de Dança. (PIMENTA, 2016, p.139).

Tanto a modalidade de bacharelado quanto da licenciatura, foram aprovadas pelo “Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UFRV em 12/07/2000, com registro em Ata nº 360/2000.” (PPC/DANÇA-LICENCIATURA-UFV, 2017, p.1).

¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/panorama>. Acesso em: 15 de jan. 2018.

² Disponível em: <http://www.vicosa.mg.gov.br>. Acesso em: 15 de jan. 2018.

Participantes da Pesquisa

Os participantes da pesquisa foram estudantes do curso de Dança, de ambos os sexos, da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, matriculados no período de 2014 a 2017. De acordo com o PPC/Dança-bacharelado-UFV (2017), o período mínimo para a formação em Dança é de três anos e meio e de acordo com o PPC/Dança-licenciatura-UFV (2017), o mínimo é quatro anos.

De acordo com os dados obtidos pela coordenação do curso de Dança da UFV, na ocasião da pesquisa encontravam-se matriculados 111 alunos, os quais ingressaram no período de 2010 a 2017.

DISCENTES DO CURSO DE DANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA		
	TOTAL	%
Alunos matriculados no curso de Dança (2010 a 2017)	111	100
Total de alunos no período de 2014 a 2017	77	100
Total de Homens - 2014 a 2017	23	29,9
Total de Mulheres - 2014 a 2017	54	70,1

Quadro 1 – Discentes do curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa

Buscando abarcar o período mínimo de formação, mantendo uma ordem cronológica dos anos de ingresso, foram selecionados 6 estudantes de cada ano (2014, 2015, 2016 e 2017), totalizando 24 participantes. Dentre eles 12 citaram ser do sexo e gênero masculino e 12 do sexo e gênero feminino, cujas idades variaram de 17 a 41 anos.

A amostragem foi do tipo não-probabilística que, de acordo com Oliveira (1989, p.35). “a seleção, amplitude e avaliação da amostra são baseadas num critério próprio do auditor, e, portanto, sua natureza é eminentemente subjetiva.”

Instrumentos da pesquisa

Para realizar a coleta de dados, foi elaborado um questionário com roteiro semiestruturado que serviu de ferramenta para realizar as entrevistas com os participantes. A entrevista foi realizada individualmente no Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal Viçosa, em horário e dia escolhido pelos estudantes. As entrevistas foram gravadas, sendo os áudios transcritos e analisados, pautando-se nos referenciais

teóricos.

Através das entrevistas, nós estamos tentando identificar junto à outra (s) pessoa (s) as versões dos fatos para determinadas situações, e estas, podem se diferenciar de uma pessoa para outra. Podemos então, pela entrevista, identificar opiniões, concepções, percepções, avaliações e descrições, todos sobre fatos internos à pessoa ou externos a ela. (TOLOI; MANZINI, 2013, p.3299).

Ao desenvolver o roteiro de entrevistas (Apêndice A), buscou-se responder aos objetivos gerais e específicos da pesquisa, estando atento ao vocabulário utilizado para que os sujeitos pudessem compreender as perguntas de forma clara. As perguntas foram formuladas de modo a não gerar desconforto ou constrangimento ao participante.

No processo de recolha de dados foi adotado a entrevista exploratória que visa:

[...] encontrar pistas de reflexão, ideias, e hipóteses de trabalho, e não para verificar hipóteses preestabelecidas. Trata-se, portanto, de abrir o espírito, de ouvir e não de fazer perguntas precisas, de descobrir novas maneiras de colocar o problema, e não testar a validade dos nossos esquemas. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008, p.70).

Por meio das entrevistas os participantes da pesquisa puderam expressar sua opinião sobre a graduação em Dança, mencionando as diversas situações vivenciadas e os fatores particulares envolvidos na escolha da formação em Dança o que possibilitou um maior entendimento da problemática em estudo.

Visando atender aos aspectos éticos, segundo as normas do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice B). Termo foi apresentado antes de iniciar a entrevista, visando informar aos participantes os procedimentos e riscos envolvidos, mencionando o seu direito de desistir de participar da pesquisa em qualquer momento. O TCLE objetiva ainda foi resguardar os direitos dos sujeitos envolvidos na pesquisa, evitando abuso e desrespeito. A proposta da pesquisa foi analisada e aprovada pelo comitê de ética da UFV sob o parecer nº 2.160.201 e CAAE 69771317.5.0000.5153.

Durante a discussão dos resultados todos os nomes dos participantes foram substituídos por nomes fictícios precedidos de sua idade e ano de ingresso na instituição.

Tratamento dos Dados

A análise empregada foi textual discursiva visto que tal abordagem, de acordo com Moraes e Galiazzi (2006), visou analisar os dados a partir de uma organização de texto em unidades de significado. Santos e Dalto (2012) citam que nessa fase o pesquisador aprofunda seus conhecimentos sobre os dados adquiridos na pesquisa. Por meio da organização textual, a pesquisa visou, de acordo Moraes (2003), construir interpretações sobre os dados adquiridos, decodificando as significações. Nesse sentido, os textos foram “assumidos como significantes em relação aos quais é possível exprimir sentidos simbólicos” (p.193). Após a organização do texto em unidades de sentido, buscou-se sua categorização, articulando tais significações.

A categorização é um processo de comparação constante entre as unidades definidas no processo inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes. [...] também implica nomear e definir as categorias, cada vez com maior precisão, na medida em que vão sendo construídas. No seu conjunto, as categorias constituem os elementos de organização do metatexto que a análise pretende escrever. É a partir delas que se produzirão as descrições e interpretações que comporão o exercício de expressar as novas compreensões possibilitadas pela análise. (MORAES, 2003, p.197)

Essa metodologia possibilitou realizar um trabalho contextual, buscando extrair o máximo de coerência diante dos fatos pesquisados.

Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas buscando encontrar as categorias que melhor atendessem as discussões dos artigos 2 e 3 desenvolvidos na pesquisa. Portanto, as categorias foram estabelecidas de acordo com o tema abordado, proveniente da literatura e dos objetivos apresentados.

As categorias determinadas foram intituladas como: Escolhendo a graduação em Dança e seu retorno financeiro; Dilemas entre a diversão e a profissionalização em um curso superior em Dança; (Re)configurando a estereotipia sobre a graduação em Dança; A construção da feminilidade na graduação em Dança e por fim; Reflexos da graduação em Dança na orientação sexual do gênero masculino.

Estruturação da Apresentação

Para a apresentação da presente pesquisa foi escolhido o formato de artigos, sendo a dissertação composta por três artigos. A parte inicial do texto, que corresponde à etapa da introdução do tema, foram abordados os objetivos que conduziram a pesquisa, bem como as estratégias metodológicas empregadas.

O primeiro artigo, intitulado *Estereótipos na construção sociocultural do corpo e seus reflexos no ensino superior em Dança*, trata das bases teóricas que deram suporte à pesquisa, fundamentando as discussões desenvolvidas nos artigos 2 e 3. Foram analisadas as obras de alguns autores que corroboraram com suas diferentes visões sobre o corpo e suas construções sociais, atrelando os estereótipos à identidade do sujeito em interface com a Dança.

O segundo artigo, intitulado *Os estereótipos enfrentados por estudantes de graduação em dança e seus impactos em sua identidade: uma análise familiar e social*, aborda a visão dos participantes da pesquisa sobre sua família, bem como a Dança como escolha profissional. O artigo aponta os estereótipos encontrados no âmbito familiar, em relação à graduação em Dança buscando refletir sobre seus impactos na constante (re)construção da identidade do estudante.

O terceiro artigo, intitulado *Estereótipos e seus impactos na escolha da graduação em Dança: uma questão de gênero e sexualidade*, se fundamenta na própria visão dos estudantes sobre os marcadores de gênero e sexualidade na escolha de cursar a graduação em Dança. Buscou-se discutir a construção de estereótipos envolvidos na escolha do curso de Dança como profissionalização, a partir da ótica e das experiências do próprio estudante sobre tais construções, problematizando como essas impactam em sua identidade.

Após os artigos, apresenta-se as considerações finais de todo o trabalho, buscando interligar as discussões e reflexões acerca da pesquisa realizada, trazendo proposições pertinentes para a realização de futuros trabalhos.

ARTIGO 1

ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DO CORPO E SEUS REFLEXOS NO ENSINO SUPERIOR EM DANÇA

Resumo: O presente artigo apresenta uma investigação sobre o corpo/dança enquanto provenientes de uma construção histórica, social e cultural. Portanto, nesta perspectiva, pode-se dizer que o entendimento desse corpo, como ele se estrutura, se organiza vai estar ligado as relações que são constantemente estabelecidas com o meio em que ele se encontra. Diante a esse fato, o que pode ser representativo para determinado grupo, pode não ser para outro, ou a forma de compreender determinados hábitos, costumes, cultura, entre outros, vão estar ligados as próprias experiências e percepções que o indivíduo constrói e reconstrói de acordo com sua realidade. Dentro desta perspectiva, a dança possui diversos contextos e pode ser compreendida e identificada por diferentes perspectivas. Entretanto, podem ocorrer certas generalizações, pré conceituações e estereótipos, e esses podem refletir na identidade do sujeito de acordo com a visão e compreensão social acerca dos seus diversos domínios de atuação, como por exemplo a área profissional, caso da graduação em Dança. Para o procedimento metodológico foram utilizados artigos, livros e monografias que contribuíram para construir tais conceitos que envolvem o objeto de estudo, permitindo conduzir a pesquisa para um eixo significativo quanto ao conhecimento teórico. Dessa maneira, foi possível aprofundar os conhecimentos sobre o corpo além dos conhecimentos fisiológicos e anatômicos. Verificou-se a relevância em pesquisar com mais profundidade tais questões para que seja possível identificar quais e como os estereótipos construídos em relação à realidade dos graduandos em Dança, e como estes podem refletir na compreensão do seu papel enquanto estudante do ensino superior.

Palavras-chave: Corpo; Dança; Estereótipos; Graduação em Dança.

STEREOTYPES IN THE SOCIOCULTURAL CONSTRUCTION OF THE BODY AND THEIR REFLECTIONS IN HIGHER EDUCATION IN DANCE

Abstract: This article presents an investigation of the body/dance while arising from a historical, social and cultural construction. Therefore, on this perspective, it can be affirmed that the understanding of this body, how it is structured, how it is organized, will be connected to the relations that are constantly established with the environment where it is. Considering this fact, what may be representative to a certain group may not be to other, or the way to understand certain habits, customs, culture, among others, will be connected to the experiences and perceptions that the individual builds and rebuilds according to his reality. On this perspective, the Dance has many contexts and can be learned and identified by different perspectives. However, a few generalizations, pre-conceptualizations and stereotypes may happen, and these can reflect at the individual's identity according to the vision and social comprehension about his acting fields like, for example, the professional area, the case of Dance under graduation. For the methodological procedure, articles, books and monographs contributed to build such concepts about the object of study, what allowed conducting the research to a significant axis regarding theoretical knowledge. That way, it was possible to deepen the knowledge regarding the body, seeking a conception that goes beyond the physiological and anatomical knowledges. The relevance in researching such issues more deeply was verified so that it is possible to identify which and how stereotypes are built in relation to the reality of the Dance undergraduation students, and how these can reflect in the comprehension of their role as higher education student.

Keywords: Body; Dance; Stereotypes; Graduation in Dance.

1. INTRODUÇÃO

Investigar a história do corpo em uma perspectiva histórica, social e cultural envolve compreender toda a organização de uma sociedade, suas formas de agir, construir e transmitir conhecimento através das relações sociais estabelecidas em seu cotidiano. Nesse sentido entende-se que:

O corpo é instrumento de posicionamento do indivíduo no mundo social; por meio dele se expressa, movimenta-se, desenvolve-se intelectualmente, evolui-se e exercita-se a cidadania. Na interação social com outros corpos, (re)constrói a história e a ciência; na descoberta de novos caminhos, o corpo se torna sujeito, ator e autor de transformações epistêmicas (LIMA, 2013, p.14).

Corroborando essa reflexão, Mauss (2003, p.407) traz uma importante asserção ao afirmar que “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem.” Sendo assim, é por meio dele que se constrói e se carrega hábitos, crenças, códigos morais e ideologias, refletindo na maneira de viver e compreender o mundo.

Existem diversas linhas de estudo que visam compreender o corpo em diferentes aspectos, seja físico, cognitivo, histórico, espiritual, entre outros. Barbosa, Matos e Costa (2011, p.32) mencionam que o corpo, por abordar uma temática volvida às questões da natureza e cultural, possui uma diversidade e uma variedade de correntes teóricas, filosóficas e antropológicas que visam investigá-lo.

Apesar da diversidade dos estudos do corpo, elas se cruzam quando o olhar sociocultural é colocado como forma de compreendê-lo em seu espaço/tempo. Desse modo, o corpo socialmente construído é refeito de histórias, comportamentos, gestos, representações, crenças e simbologias que transcorrem de geração a geração, sendo fundamental na formação e transformação da identidade do corpo/indivíduo. Esse fator só é possível devido à cultura que, segundo Laraia (2004), não pode ser entendida como um processo de uma criação isolada, onde um indivíduo é responsável por gerar sozinho um conceito ou uma ação. A cultura se deve a toda uma construção social, sendo descendente de uma sucessão de conhecimentos e aprendizados estabelecidos na relação entre as pessoas. O autor ainda afirma que “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado.” (p.46). Logo, a cultura é um importante mecanismo que estabelece a construção e transformação constante da relação corpo/sociedade.

De acordo com Zemp (2013, p.31), o corpo “[...] faz parte da herança cultural de um povo. Ela constitui um vetor poderoso de identidade étnica, sexual, etária, hierárquica social.”. Dentro da vasta diversidade cultural que estabelece uma relação com o corpo/cultura, cabe ressaltar as manifestações artísticas. Em específico a esse artigo, a linguagem da dança, que cabe ser destacado devido a sua relação direta com o corpo e, principalmente, por seus valores conceituais, enquanto construção sociocultural.

A dança é uma arte que se refere as construções sociais enquanto simbologia, representações e expressões da sociedade, visto que segundo o autor supracitado “[...] pode ser compreendida sob a ótica de múltiplas abordagens.” (p.31). Sobre a diversidade cultural que ela apresenta, o autor ainda destaca que seus variados gêneros e objetivos, fazem com que ela seja vivenciada e interpretada pela sociedade de acordo com o contexto em que os sujeitos estão inseridos. Logo, esse fator pode acabar caracterizando e identificando o sujeito/dançarino por determinadas significações e representações.

Pensando em como a dança é conceituada e vivenciada para determinados grupos sociais, é relevante buscar uma discussão que possa aferir a construção social e cultural que recaem sobre o corpo, contribuindo para que ocorra generalizações, pré conceituações e estereótipos. Quando esses marcadores são incorporados e reproduzidos pela sociedade, eles podem impactar de forma positiva ou negativa a formação da identidade do indivíduo, o que poderá afetar a pessoa que queira se profissionalizar ou se tornar um professor de dança ao buscar uma formação técnica ou superior na área.

Dessa forma, o presente artigo, objetiva discutir sobre a relação corpo/dança enquanto provenientes de uma construção histórica, social e cultural; e analisar as construções de estereótipos e como esses podem impactar o indivíduo que procura a graduação em dança como profissionalização.

Em termos metodológicos, a pesquisa é do tipo bibliográfica, tendo como base autores que, com suas obras, produziram conhecimentos científicos que dessem suporte para as discussões sobre corpo, dança e cultura. Outro recurso utilizado como eixo da pesquisa foi o conteúdo abordado nas disciplinas oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (Cultura, Identidade e Corporalidade; Gênero, Socialização e Trabalho) e da Extensão Rural, (Antropologia Social) na Universidade Federal de Viçosa no período de 2014/2, 2016/1 e 2016/2. Tais disciplinas foram utilizados autores cuja linha de pesquisa contribui para a construção do aporte teórico sobre corpo, cultura e dança.

Além dos conhecimentos proporcionados pelas referidas disciplinas, foram utilizados os bancos de dados Capes e Scielo. Através de palavras-chave: Estereótipos na Dança, Graduação em Dança e Corpo Social, foi realizada busca por trabalhos que pudessem contribuir com os estudos da temática.

A partir de obras que tratam do corpo no contexto da cultura e sua relação com os estereótipos, os principais autores que fundamentaram esse artigo foram: David Le Breton (2012), Erving Goffman (2009 e 2012), Franz Boas (2005) Marcel Mauss (2003), Marcos Emanuel Pereira (2008, 2009 e 2013) e Roque Laraia (2004). Sobre o conteúdo da dança, foi realizado um fichamento de livros, de artigos científicos e monografias relacionados à antropologia da dança, história do corpo e ensino superior em dança. Para esta revisão também foram utilizadas obras de autores como Alain Corbin, Courtine e Vigarello (2008), Giselle Camargo (2013), Rudolf Laban (1978), entre outros.

Aprofundar tais conceitos em relação ao objeto de estudo permitiu conduzir a pesquisa a um conhecimento teórico. Desta maneira, após a análise realizada com as bibliografias consultadas, as ideias foram organizadas, possibilitando traçar um diálogo entre a construção sociocultural do corpo e os estereótipos que recaem sobre a formação do profissional em Dança.

2. CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DO CORPO

Pode parecer óbvio para muitas pessoas, mas quando se fala em corpo a tendência é trazer a mente uma imagem do corpo humano de forma anatômica/fisiológica (tronco, membros, cabeça, órgãos e vísceras, entre outras partes ou sistemas). Esse formato pode ser de fácil compreensão e interpretação quando se busca defini-lo de uma forma generalizada. Pode-se dizer que esse conhecimento fisiológico e anatômico, de aprender e conhecer o corpo é formado desde a infância, quando o corpo começa a ser desenvolvido e se habitua ao ambiente familiar e escolar. No âmbito escolar, por exemplo, o corpo passa a ter uma atenção maior no que envolve seus conceitos, sendo trabalhado de forma mais aprofundada geralmente nas aulas de ciências e biologia. Mesmo existindo no ensino formal, outras disciplinas que abordem o trabalho com/para o corpo (como educação física, história, filosofia, artes entre outras) acabam não tendo o mesmo destaque que a área biológica, o que pode explicar a assimilação direta do entendimento de corpo com a mecânica, física e bioquímica.

Os estudos que abordam os aspectos biológicos do corpo são fundamentais para entender as patologias, suas formas de tratamentos, entre outras. Porém, explorar seus conceitos além dessa vertente é agregar conhecimentos, expondo e respondendo a questionamentos que muitas vezes passam despercebidos pelo ser humano como, por exemplo, o corpo enquanto construção sociocultural. Compreender o corpo pela ótica sociocultural permite que o sujeito se perceba e perceba o outro dentro de um contexto, histórico, cultural e social, percebendo o corpo como responsável por transmitir, através de suas ações, um significado o qual vai ser percebido, caracterizado e interpretado de diversas formas, dentro e fora do contexto que o indivíduo se encontra.

Autores como Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello (2008) investigam esta vertente do corpo sociocultural em seus trabalhos. Na obra “A História do Corpo I”, ao discutirem os conflitos do corpo moderno e sua singularidade, mencionam que a partir do século XIX o corpo começa a ter uma perspectiva culturalista onde há uma maior consciência da sua gestão social. As ações que o corpo realiza no cotidiano são construídas e estabelecidas por sua relação com o mundo, buscando uma concordância com o contexto social e ideológico baseados na cultura em que se vive. Essa maneira de pensar o corpo por um aspecto mais social pode ser entendida ainda como um estudo contemporâneo, visto que, de acordo com os autores, há aproximadamente duzentos anos que essa maneira de tratar o corpo vem, aos poucos, sendo discutida e colocada em questão.

Já Marcel Mauss (2003) foi um dos pioneiros a buscar entender o corpo em suas ações e representações sociais em uma abordagem sociológica e simbólica. Em sua obra *As técnicas do corpo*, ele estuda os modos de agir do corpo, acreditando que tais técnicas são ensinadas no contexto da cultura e reproduzidas como movimentos mecanizados. Nelas estão inseridas toda uma construção social em que “Tudo em nós todos é imposto.” (p.408). Portanto, as construções de gestos, formas de pensar e agir são, segundo ele, estabelecidas, incorporadas e reproduzidas socialmente.

Corroborando com tal perspectiva, David Le Breton (2012), confirma essa relação em sua obra *A sociologia do corpo* citando que:

Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva [...]. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2012, p.7).

Ao refletir sobre essa assertiva do autor, nota-se que corpo em movimento vai além de um mero reprodutor de ações físicas do cotidiano. Entender o corpo social é compreender as raízes das ações, buscando destrinchar seus fundamentos e as razões pelas quais diferentes pessoas realizam variadas ações (andar, tomar banho, comer, dormir, se vestir, entre outras) que se tornam habituais em seu cotidiano. Dessa maneira, o corpo está constantemente em movimento, o que permite a expressão, comunicação e interação de diferentes indivíduos com seu meio social.

Pensar nesse corpo que constantemente se constrói e reconstrói de acordo com as experiências vivenciadas cotidianamente é entender que, segundo Marques (1998, p.75) “[...] o nosso corpo é a expressão do nosso gênero, etnia, faixa etária, crença espiritual, classe social etc.” Laraia (2004) também aborda a construção social do homem como resultado do meio cultural em que se está inserido. O homem segundo o autor “[...] é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam” (p.46). Concordando com Laraia (2004), Le Breton (2012) denomina de *corporalidade humana* o fenômeno social e cultural que é objeto das representações e significações na sociedade. Logo, através da corporalidade, são estabelecidas as lógicas sociais e culturais que envolvem o corpo em comunicação com o mundo.

De acordo Franz Boas (2005), o ser humano percebe o mundo de acordo com o ambiente em que ele vive, o que vai ao encontro das ideias do cientista social Erving Goffman (2012), quando afirma que o que é significativo para uma sociedade pode não ser para outra, gerando um conflito devido à maneira como cada ser enxerga, vive e reproduz a sua cultura.

Assim pode-se dizer que é por meio do corpo que os símbolos, significados, costumes e hábitos são constantemente construídos e compreendidos, de acordo com o contexto cultural em que uma determinada sociedade está inserida. Dessa forma, o corpo pode ser entendido como um fator social que está além dos aspectos anatômicos e fisiológicos, propiciando uma interface com diversas áreas de conhecimento. Para tanto foi trazido alguns conceitos sobre a relação entre a construção do corpo social com a arte, especificamente o corpo articulado à dança como uma formação profissional.

3. O CORPO SOCIAL E A FORMAÇÃO DO DANÇARINO

“A arte é a mais digna e nobre manifestação das capacidades do ser humano.” (LIMA, 1993, p.17). É através dela, que o homem explora seus sentimentos e expressa sua percepção de mundo. Veras (2002) concorda com Mauss (2003) que o corpo é de fato o primeiro instrumento do homem, porém acrescenta que o ato de movimentá-lo permite que a comunicação entre os seres humanos e sua relação com o mundo seja estabelecida.

Lobo e Navas (2008) fazem referência ao corpo, suas tradições e simbologias que representam as construções históricas e culturais de uma sociedade. Conforme as autoras, “O ato de dançar traz à tona sentimentos primais que ganham forma no corpo, manifestando nossas impressões de mundo, escrevendo-as em movimento dançado no tempo e no espaço” (LOBO; NAVAS, 2008, p.25).

Essa linguagem artística é um importante elemento cultural da expressividade do corpo em movimento, sendo considerada como uma das manifestações mais antigas que se tem conhecimento, como forte elemento cultural da comunicação humana. A dança sempre fez parte do cotidiano do ser humano, como forma de expressão, na vivência do homem e nos diversos acontecimentos de sua vida. Os conceitos sobre dança podem ser entendidos como “[...] uma manifestação repleta de signos inerentes ao contexto sociocultural no qual estamos inseridos [...]” (VERAS, 2002, p.8). Logo, ela pode ser compreendida como um importante elemento da criação e transmissão da história da sociedade.

Franz Boas (2005), a respeito da dança, menciona que ela pode ser entendida como movimentos rítmicos de qualquer parte do corpo, seja cabeça, braços, pernas ou pés. Portanto, ela está vinculada ao processo investigativo, compreendendo o corpo/dança enquanto um processo expressivo e significativo para a sociedade. Camargo (2013) na obra “Antropologia da Dança I”, menciona que Franz Boas foi significativo no que se refere as investigações antropológicas da dança, por ele não utilizar teorias generalizadas para certificar os elementos encontrados em suas pesquisas. Ou seja, ele buscava compreender as reações que a dança despertava na cultura a qual ele observava, inferindo a subjetividade de diferentes perspectivas culturais. Apesar da relevância de seus estudos, ele não se aprofundou especificamente na dança, mas se permitiu investigar o corpo enquanto movimento/dança e suas construções socioculturais.

No século XX, Rudolf Laban foi considerado um grande teórico da dança e estudioso do movimento humano, buscou entender profundamente os elementos

constituintes da arte e do cotidiano do sujeito, cultivando sua curiosidade nas manifestações do movimento humano. Alvares (2005, p.28-29) menciona que Laban “[...] consistiu um sólido e sensível conhecimento ao observar, analisar e criar um sistema de anotação do movimento (Labanotação), e organizar um rico instrumento didático para a teorização e exploração das possibilidades expressivas do movimento.” Portanto, pode-se dizer que ele seguiu uma linha de pesquisa que aborda a relação social para com a cultura do corpo/movimento enquanto dança.

Um observador de danças regionais e nacionais pode obter muitas informações quanto ao estado de espírito ou traços de caráter preferidos e desejados por uma comunidade em particular. Em tempos bem antigos essas danças era um dos meios principais de ensinar o jovem como se adaptar aos hábitos e costumes dos seus antepassados (LABAN, 1978, p.43).

Logo, a dança tem um papel relevante no que se refere a trocas de conhecimentos, hábitos e costumes, mas entender o conceito do que é de fato dança, exige que seja levada a atenção à subjetividade em que essa está contextualizada. Joann Kealiinohomoku que tinha a antropologia da dança como objeto de estudo, reafirma essa ideia a respeito do conceito de dança:

[...] não existe definição apropriada que possa ser utilizada em várias culturas diferentes, segundo a época e o lugar. [...] não podemos ter certeza de que todos querem dizer a mesma coisa, ou compreender o modo como um termo é utilizado. (KEALIINOHOMOKU, 2013, p.132).

Como foi visto, a dança pode ser interpretada de diversas formas e contextos devido à variedade de cenários em que essa está inserida. Dentre inúmeras propostas de se pesquisar, entender e vivenciar a dança, no presente artigo discute-se a dança enquanto uma área de conhecimento do ensino superior, visto que ela, em suas diversas modalidades, “[...] constroem suas abordagens teóricas articulando um leque de conhecimentos estruturados em uma proposta curricular que leva em conta aspectos sociais, políticos e culturais nos espaços em que estão inseridos” (CARVALHO, 2016, p.149).

Geralmente muitos dançarinos iniciaram sua carreira e formação profissional ainda na infância ou adolescência, sendo o conhecimento adquirido pela tradição e prática de movimentos aprimorados com o tempo. Em escolas de dança ou academias, o aprendizado e o aperfeiçoamento da dança eram (e ainda são) realizados por professores

com experiência ou que já haviam chegado a certa idade em que as limitações físicas os impossibilitavam de atuar, cabendo a eles repassarem os conhecimentos adquiridos em sua carreira.

Com o passar do tempo, visando se especializarem, muitos bailarinos adquiriram mais conhecimentos e buscaram se aprimorar cada vez mais, recorrendo a cursos técnicos ou conservatórios de dança. Entretanto, se quisessem se enveredar para um ambiente mais acadêmico o recurso era entrar para um curso de graduação em Educação Física, cuja matriz curricular possuía disciplinas voltadas para a dança. Rodrigues (2009) menciona que faltava um lugar específico para dialogar e refletir, de forma sistêmica, todo o conhecimento em dança, tornando necessário levá-la a uma experimentação científica, o que contribuiu para a criação dos cursos em Instituições de Ensino Superior. O ensino superior em Dança traz uma perspectiva de estudar o corpo/dança, diferente do somente movimentar. De acordo com o PPC/Dança-licenciatura-UFV (2017, p.2) a Dança possui um papel relevante enquanto ensino superior, sendo esse um ambiente onde o indivíduo pode

[...] desenvolver reflexões sobre o corpo/sujeito, a educação somática, a criatividade, além da manutenção e elaboração de habilidades específicas, produção e criação de trabalhos artísticos, sintonizados com a sociedade atual, que entende a arte do corpo como aquela que concretiza processos e propõe projetos em diálogo com a sociedade em que vive.

Diante desse fato, a formação em Dança, pode ser percebida como uma ciência que busca defender os valores humanos, construindo e reconstruindo comportamentos e pensamentos, explorando a criatividade e principalmente transformando conhecimentos.

O ensino superior em Dança no Brasil surgiu no ano de 1956 na Universidade Federal da Bahia, na cidade de Salvador. A UFBA foi a única universidade a oferecer o curso de graduação em Dança por um período de 29 anos (SILVA, 2016). Autora ainda cita que entre os anos de 2002 a 2012 houve um crescimento significativo de cursos no país, chegando a 41 cursos de graduação no ano de 2016.

De acordo com o PPC/Dança-licenciatura-UFV (2017), no ano de 2002, o curso de bacharelado e licenciatura em Dança entra em vigor na Universidade Federal de Viçosa. Esse curso pode ser considerado o “[...] o primeiro curso de ensino superior e público criado no Estado de Minas Gerais e o décimo terceiro do Brasil.” (p.1). O curso de Dança então começa a ter seu lugar dentro da instituição sendo aprovado pelo “Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UFV em 12/07/2000, com registro

em Ata nº 360/2000.” Seu reconhecimento “pela portaria 882 de 10 de abril de 2006 do MEC.” (PPC/DANÇA-LICENCIATURA - UFV, 2017, p.1).

Como já mencionado, o papel de um curso de graduação em Dança, envolve uma série de particularidade e relevâncias as quais o estudante que escolhe essa formação encontrará suas competências profissionais. Dessa forma, o curso oferece duas modalidades profissionais - o bacharelado e a licenciatura -, sendo que geralmente os estudantes optam por realizar as duas modalidades. De acordo com o PPC/Dança-licenciatura-UFV (2017, p.1):

O Curso de Licenciatura em Dança da UFV tem por objetivo formar professores de Dança para atuar no Ensino Formal – Infantil, Fundamental e Médio, mas também em espaços de educação alternativos. Neste sentido, objetiva-se formar o profissional com competências para desenvolver habilidades entre os saberes artístico, pedagógico e científico. Estes objetivos, que envolvem a investigação de aspectos metodológicos e novas tendências pedagógicas aliada ao trabalho artístico, pedagógico e científico, são incentivados ao corpo docente e discente do curso de Dança por meio da criação e desenvolvimento de cursos e projetos de extensão, pesquisa e grupos de pesquisa elaborados para atender a necessidade de consolidação do curso, capacitar discentes e promover a interdisciplinaridade e a práxis artístico-pedagógica-acadêmica.

Já o curso de bacharelado também possui suas particularidades enquanto seus objetivos pedagógicos. De acordo com o PPC/Dança-bacharelado-UFV (2017), o aluno que escolhe tal modalidade deve reconhecer as diversas possibilidades criativas e potencialidades que o seu corpo e o corpo do outro podem oferecer. Enquanto bacharel, poderá ser capaz de atuar na criação e produção artística, direção, coreografia, preparação corporal, instituições públicas de arte e cultura. Além disso, o curso de bacharelado “Visa a produção de conhecimentos que possibilitem a análise, reflexão crítica, organização e sistematização do pensamento na área da Dança.” (PPC/DANÇABACHARELADO-UFV, 2017, p.1)

Ricardo Pina, ao dar uma entrevista à Revista Dança Brasil, mencionando os objetivos do curso de graduação, destaca que “[...] o curso não é para aqueles que querem ser formados em uma modalidade de dança específica, mas, sim para quem quer pensar a dança em todas as esferas: desde o início do projeto até depois da apresentação” (PEREIRA, 2016, p.30-31). Portanto, os conhecimentos a serem adquiridos no ensino superior em Dança, estão ligados diretamente ao mercado de trabalho que o profissional irá atuar, após a conclusão do curso.

A graduação tem um importante papel no conhecimento sobre o corpo/dança, porém, como já foi apontado, existe uma diversidade de objetivos, de danças e de culturas que são vivenciadas e interpretadas pela sociedade. Sendo assim, os conceitos de dança são variados e transmitidos culturalmente, socialmente e historicamente pelas gerações. Muitas vezes os reflexos dessas construções e propagações do conhecimento sobre/do corpo no cenário artístico, ou mais especificamente do corpo que trabalha com a dança na proposta acadêmica, podem trazer estereótipos que envolvem os sujeitos que escolhem essa área de atuação. Isso pode ocorrer de acordo com as significações e caracterizações que generalizam o conceito de dança gerando muitas vezes, formas equivocadas de percebê-la em suas distintas formas de atuação.

Diante desse fato, a Dança pode muitas vezes ser desconhecida enquanto seus aspectos acadêmicos como formação profissional, o que pode refletir na identidade do sujeito, podendo se tornar alvo de estereótipos na escolha dessa área como atuação.

4. CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NO CORPO QUE DANÇA

O conceito de estereótipo, de acordo com Lima (1997), surgiu como referência a uma placa de metal que tinha como objetivo reproduzir a impressão em série. Simão (2014, p.244) confirma que “O termo estereótipo, neologismo criado no século XVIII, foi utilizado inicialmente pela tipografia para designar um conjunto de modelos fixos.” De acordo com ambos os autores, os estereótipos surgiram na área de Ciências Sociais quando Walter Lippman empregou esse conceito na obra *Public Opinion*, em 1922. De acordo com Simão (2014, p.245), ele tinha como objetivo “[...] esclarecer quais eram os múltiplos fatores que determinam a opinião pública nos meios de comunicação de massa.” A autora também fala que, por volta da década de 1950, os estereótipos passaram a ser tratados de forma cognitiva e social e no século XIX passaram a ter um caráter que envolvem os modos de ver e perceber os problemas e a sociedade.

[...] o termo é entendido como tudo que se adéqua a rigidez ou invariabilidade, um padrão fixo e geral, ou a esse próprio padrão, formado por ideias preconcebidas e alimentado pela falta de conhecimento ‘real’, se é possível afirmar que este existe, sobre o assunto em questão. Também é entendido como algo que é falso ou proveniente de falsas generalizações, um clichê ou lugar-comum, e opõe-se à ideia do que é autêntico e variado (SIMÃO, 2014, p.244).

Em relação às diversas abordagens dos estereótipos, Lima (1997) fala sobre duas, uma que busca a perspectiva cognitiva e outra a questão social. No presente trabalho, deu-se enfoque na perspectiva social, a esse respeito Lima (1997) cita que os padrões sociais e culturais são elementos fundamentais para a formação de estereótipos, que podem ser “[...] compreendidos como sistemas de valores, a partir dos quais os indivíduos se categorizam a si próprios e aos outros, de forma a procurar uma imagem positiva de si como atores sociais” (LIMA, 1997, p.177).

O estereótipo é então uma impressão que marca determinantemente as relações sociais. Eles podem e devem, porém, ser revalidados e remodulados, pois sofrem alterações de acordo com o contexto e com a intensão de quem o cria ou que dele se apropria (BRITO; BONA, 2014, p.17).

Um autor que aborda a discussão sobre os estereótipos é Marcos Emanuel Pereira, que atua em estudos relacionados aos aspectos da psicologia social tendo os estereótipos e percepção social como eixos de pesquisa. O autor traz o conceito de categoria, um termo que segundo ele “[...] envolve a aplicação de rótulos verbais, por parte de um agente humano, a objetos presentes no mundo físico, mental ou social” (PEREIRA, 2013, p.219). Dentre as modalidades de categoria as quais ele aborda (as naturais, as nominais, as relativas aos artefatos criados pelos seres humanos e as sociais), buscou-se compreender a categoria social visto que essa elucida a temática desenvolvida visto que:

A categorização social, ocorre nas circunstâncias em que uma pessoa deixa de ser percebida individualmente e passa a ser qualificada como um elemento de uma totalidade, mediante a aplicação de critérios físicos (cor da pele, gênero, idade, etc.) ou características de natureza distinta (sociais, econômicas, religiosas, etc.) (PEREIRA, 2013, p.221).

Portanto, a categorização social tem sua relevância uma vez que podem facilitar o reconhecimento das pessoas, ajudando a simplificar informações organizando-as de forma mais eficiente. “A categorização possibilita tanto a redução da complexidade do mundo, quanto a formulação de influências de informações” (PEREIRA, 2013, p.222). Essa assertiva vai ao encontro do pensamento de Espindola (2009, p.190), que acredita que “O estereótipo é um produto da interação social. Os indivíduos têm categorias socialmente salientes, nos quais organizam o mundo.” Portanto, de acordo Pereira (2013), essas formações de grupos fazem com que os sujeitos tendem a pensar que os atos, propósitos e crenças se tornem iguais.

Ele ainda menciona que tais categorias criam certos atalhos na mente, fazendo com que o sujeito consiga de forma ágil responder as necessidades que encontra no seu meio. Porém, certa facilidade de associações carrega também imprecisões com relação as categorizações. Essa assimilação de informações, as quais ele aborda, podem gerar sobre as pessoas um padrão e uma expectativa em sobre os papéis sociais criados com relação ao sujeito. Pereira (2009) fala que uma expectativa pode ser compreendida como atos que se precipitam em relação ao sujeito, que carregam crenças sobre o outro de forma futura. Diante desse fato, o autor associa a expectativa aos estereótipos, dizendo que “[...] uma característica fundamental de uma crença estereotipada é a busca de eventos que confirme a crença [...]” (PEREIRA, 2009, p.210).

Moreno (1999, p.28), cita que “Tudo que fazemos, como nos comportamos, a forma de pensar, falar, sentir fantasiar e até sonhar sofre influência da imagem que temos de nós mesmos”. Essa imagem, segundo a autora, é construída de acordo com o que é oferecido pela sociedade, cabendo a ela padronizar certos comportamentos e limitações. Essa perspectiva também se correlaciona com a abordagem de Souza (2006), que traz uma importante reflexão sobre identidade e os estereótipos sociais.

Os estereótipos sociais se propagam e tornam-se formas fixas estabelecidas no convívio social [...]. Assim, os estereótipos 'são considerados como estruturas que podem ser representadas dentro das mentes individuais', e 'podem ser amplamente compartilhados pelas pessoas que convivem no interior de uma mesma cultura' (SOUZA, 2006, p.160).

Para que seja possível compreender tais costumes culturais, Geertz (1989) corrobora dizendo que é necessário identificar o que é significativo para uma sociedade, buscando entender o todo a partir de suas partes. Logo, as definições sociais de acordo com o meio em que se vive, recaem sobre o corpo contribuindo para que esse seja depósito de prestígio, de preconceitos, e de estereótipos, que são incorporados, reproduzidos e percebidos pela sociedade. Pereira (2008) aponta que os processos de categorização são complexos, onde criam-se expectativas de determinados comportamentos, que podem ou não se enquadrar dentro do que se espera do membro pertencente a uma categoria estabelecida.

[...] o pensamento categórico ativa as estruturas de conhecimento devidamente armazenadas na memória e estas guiam o processamento da informação sobre os diferentes alvos de julgamento social. Este conhecimento ativado contribui decisivamente em tarefas como a

elaboração de inferências, a avaliação e a formação de impressões sobre o alvo (PEREIRA, 2008, p.283).

Portanto, entender as construções dos estereótipos em relação à dança está totalmente ligada à forma como ela é conceituada e vivenciada pela sociedade, seja por quem a pratica, ou não. Esse fator acaba caracterizando e identificando o sujeito/dançarino por determinadas significações e representações que o conceito de dança possui para um determinado grupo social. Dessa maneira, entende-se que cada indivíduo pensa de acordo com os valores culturais e ideológicos em que vive, reproduzindo o que lhe foi transmitido e propagando o que se torna habitual em seu cotidiano.

Nota-se que os estereótipos construídos por uma pessoa em relação à outra podem não estar ligados de fato à realidade daquele sujeito, onde um rótulo pode condicionar uma pré conceituação antes mesmo que seja tomado conhecimento do que realmente se vê. Pereira (2009, p.2012) fala que “[...] a ação humana não é regida inteiramente por critérios centrados na reflexão e nem a tomada de decisões está fundamentada numa análise criteriosa de todos os elementos pertinentes à situação.” As percepções que envolvem as ações do sujeito podem ser entendidas como frutos de um padrão construído socialmente do “ser ideal” e “adequado” ao contexto que se está inserido, porém muitas vezes não há, de imediato, uma reflexão ou uma verificação daquilo que se julga que atende de fato à realidade.

Assim sendo, os estereótipos podem trazer uma compreensão mais fácil sobre os diversos aspectos do cotidiano em que o sujeito se encontra. Porém, ele também pode carregar configurações equivocadas sobre a categoria que se trata, devido a uma generalização conceitual. Para Espindola (2009, p.194), os “Estereótipos são elaborados para definir-se ou definir o outro, apresenta uma imagem idealizada, uma esquematização onde as qualidades do objeto são reduzidas, engloba todos em um único conceito.” Dessa forma, os estereótipos no contexto da dança, em específico no curso superior em Dança, podem ser compreendidos como construções de opiniões acerca do que se acredita ser, mesmo sem ter contato prévio ou conhecimento sobre o que é desenvolvido no curso. Ou seja, as formas de perceber e compreender a graduação em Dança, podem ser caracterizadas de um modo generalizado no que envolve os conhecimentos de um determinado grupo social com relação a dança. Dessa maneira, os estereótipos que podem envolver a graduação em Dança, podem se propagar e serem tomado socialmente como uma verdade.

Ao se tornar realidade, os estereótipos construídos acerca do estudante de graduação em Dança, podem ser fortes agentes de impactos em sua identidade, visto que uma não compreensão factual da sua atuação profissional, pode levá-lo a um sentimento de inferioridade, desvalorização, baixa autoestima e até mesmo vontade de desistir da área.

As heranças culturais estão intimamente ligadas à identidade e aos papéis sociais, pois estes são construídos de acordo com o cotidiano e com as relações estabelecidas pela sociedade e pelo ambiente cultural. Portanto, de acordo com Cuche (1999), a identidade social não é formada unicamente por indivíduo, visto que:

Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). (CUCHE, 1999, p.177)

Há uma construção sociocultural que faz com que a identidade do sujeito seja formada, caracterizando-o e dando significado às suas ações de acordo com a sua realidade de vida. Essas identidades são construídas a partir das representações e conceitos preestabelecidos, que são gerados e propagados pela sociedade. Em cada realidade cultural, o ser e suas ações são caracterizadas de acordo com a forma que se enxerga tal realidade, que pode ser compreendida positivamente ou negativamente.

No que envolve o comportamento do sujeito frente à sociedade, Goffman (2009, p.41) menciona que “[...] seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo.” Nas relações sociais o autor destaca que quando há uma interação entre desconhecidos, a aparência e as atitudes serão os primeiros fatores a serem analisados, mas também deve ser considerado as experiências vividas e os estereótipos preestabelecidos, visto que configuram o sujeito estabelecendo a interação entre eles.

Portanto, os estereótipos construídos relativos a dança refletem na maneira em que a graduação e consequentemente os estudantes vão ser caracterizados, sendo agente nos impactos que podem ocorrer na identidade do indivíduo que escolhe esse curso como formação. “A ameaça dos estereótipos se refere a uma queda flagrante no desempenho de uma pessoa em um determinado domínio de atividades quando esta sabe que está sendo julgada [...]”. (PEREIRA, 2004 apud PEREIRA, 2009, p.218). O estudante nessa situação pode ser percebido e retratado de forma a desvalorizar suas particularidades enquanto

profissional em prol de um julgamento restritivo que possa não atender as expectativas sociais que o cerca.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a revisão apresentada, foi possível perceber que o corpo é mais que um artefato natural, ele é culturalmente construído. Compreendê-lo está além dos aspectos fisiológicos e anatômicos, sendo a sua relação social e cultural que torna possível a construção e a transmissão de conhecimento. Sendo assim, o corpo é o responsável por definir e identificar o sujeito de acordo com as experiências que ele constrói e reconstrói em seu cotidiano. Essa construção faz com que a identidade do sujeito seja formada, caracterizando-o e dando significado a suas ações de acordo com a sua realidade de vida. Pensar nesse corpo que constantemente se constrói e reconstrói faz parte dos estudos fundamentados na arte, especificamente na dança, pois esta faz parte da cultura e da história de toda uma sociedade.

Portanto, a dança por ser tratada em contextos culturais e sociais diversos e a forma que essa é compreendida pode muitas vezes categorizar aqueles que a realizam. Na perspectiva profissional, sendo o ensino superior um mecanismo de formação do indivíduo, pode também sofrer com a formação da visão cultural do senso comum quando esses não atendem aos seus fundamentais propósitos sociais, educacionais e culturais.

A identidade do estudante de graduação em Dança pode ser afetada, a partir do momento em que essas são delimitadas e definidas de acordo com uma visão pejorativa e pré-conceituosa sobre o seu papel enquanto estudante. Dessa maneira, pode-se perceber que ocorre uma negação e propagação de valores do curso escolhido pelo sujeito, muitas vezes sem realmente ter o conhecimento sobre ele, o que reduz esse indivíduo e o grupo ao qual pertence (graduandos em Dança) a características superficiais ou até equivocadas da sua área de atuação.

Logo, são necessárias pesquisas que visem aprofundar essa temática abordada, buscando identificar de forma minuciosa quais os estereótipos estão envolvidos na realidade do estudante de graduação em Dança, verificando como esses refletem na compreensão em sua identidade segundo as construções que envolvem seu papel como estudante e futuro profissional da área.

6. REFERÊNCIAS

- ALVARES, Kátia Salvany Felinto. Rudolf Laban nas artes Visuais: Fatores do movimento e o ensino do desenho. São Paulo, *Dissertação* (Mestre em Artes). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula. Mena; COSTA, Maria. Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p.24-34, 2011.
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BRITO, Danilo Lopes; BONA, Fabiano. Dalla. Sobre a noção de estereótipo e as imagens do Brasil no exterior. *Revista Graphos*, v. 16, n. 2, p.15-28, 2014.
- CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes. In: CAMARGO, Giselle Antunes (Org.) *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013.
- CARVALHO, Meireane Rodrigues Ribeiro. Profissional de dança: possibilidades de formação no estado do Amazonas. In: ROCHA, T. (Org.). *Graduações em Dança no Brasil: o que será que será?* Joinville: Nova Letra, 2016. p.29-36.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo I: .* Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- ESPINDOLA, Poliana. Merie. Semiótica social e estereótipos: uma análise na comunicação intercultural. In: SEMANA DE LETRAS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. 9, 2009. Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2009. p.187-201.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- KEALIINOHOMOKU, Joann. In: CAMARGO, Giselle Antunes (Org.) *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013.
- LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. 5.ed. São Paulo: Summus, 1978.
- LARAIA, Roque Barros. *Cultura, um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- LE BRETON, David Le. *A Sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- LIMA, Maria Manuel. Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem. *Revista da Universidade de Aveiro*, n.14, p.169-181, 1997.

LIMA, Marisa Mello. Do corpo sob o olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo. In: SEMINÁRIO NACIONAL CORPO E CULTURA. 4., 2013. Goiás. *Anais...* Goiás, 2013. p.1-17.

LIMA, Maristela Moura Silva. A dança na educação. *Revista Mineira de Educação Física*, v. 1, n.2, p.15-19, 1993.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. *Arte da composição: teatro do movimento*. 1ª ed. Brasília: LGE. 2008.

MARQUES, Isabel. Corpo, dança e educação contemporânea. *Pro-Posições*, v.9, n. 2, p.70-78, 1998.

MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac e Naify, 2003, p.399-422.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 1999.

PEREIRA, Marcos Emanuel. Cognição, categorização, estereótipos e vida urbana. *Ciências & Cognição*, v.13, n.3, p.280-287, 2008.

_____. Cognição Social. In: *Psicologia social: temas e teorias* CAMINO, Leôncio. et al. (Orgs.) Brasília: Technopolitik, 2013.

_____. Identidade, avaliação e desempenho escolar. In: José Albertino Lordelo; Maria Virgínia Dazzani. (Org.). *Avaliação educacional: atando e desatando nós*. Salvador: Edufba, v.1, p.201-224, 2009.

PEREIRA, Ricardo Pina. Bolsa de Bailarinos. *Revista Dança Brasil*: São Paulo, p.30-31, 2016.

RODRIGUES, Renato Ribeiro. Sujeito, formação e profissão: um recorte na realidade docente da dança em Goiânia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE SALVADOR. 16, 3, 2009. Bahia. *Anais...* Bahia, 2009. p.1-15.

SILVA, Eliana Rodrigues. Graduação em Dança no Brasil: professor como orientador e aluno como protagonista. In: ROCHA, T. (Org.). *Graduações em Dança no Brasil: o que será que será?*, Joinville: Nova Letra, 2016. p.29-36.

SIMÃO, Angelica Karim Garcia. Representações e estereótipos sobre a tradução português/espanhol. *Trab. Ling. Aplic.*, n. 53, p.243-257, 2014.

SOUZA, Helga Vanessa Assunção. Os estereótipos sociais: instrumento para a construção de identidades. In: ENCONTRO DO EVENTO PG LETRAS 30 ANOS, 2006. Recife. *Anais...* Recife, 2006, p.150-161.

VERAS, João. Bosco. *A dança e a promoção humana na sociedade: um estudo de caso*. Monografia (Especialista em Dança Educativa Moderna) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2002.

ZEMP, Hugo. Para entrar na dança. In: CAMARGO, Giselle Antunes (Org.) *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013.

ARTIGO 2

ESTEREÓTIPOS ENFRENTADOS POR ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM DANÇA E SEUS IMPACTOS EM SUA IDENTIDADE: UMA ANÁLISE FAMILIAR E SOCIAL

Resumo: Levando em consideração a diversidade de áreas de atuação da dança, a forma que ela pode ser percebida muitas vezes não condiz com suas reais funções, fazendo com que sejam criados estereótipos com base nos conhecimentos construídos e propagados culturalmente, historicamente e socialmente. O presente artigo buscou identificar e discutir os estereótipos enfrentados pelos estudantes que escolheram o curso superior em Dança da UFV como forma de profissionalização, compreendendo os aspectos socioculturais, acadêmicos e familiares; verificando como eles podem impactar na identidade desses sujeitos. A pesquisa pautou-se em um estudo de caso, visto que o fenômeno estudado está ligado diretamente com o contexto de vida especificamente dos 24 alunos do curso de graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa-MG. A entrevista semiestruturada foi o instrumento empregado para coleta de dados, por meio da qual foi possível alcançar um diálogo sobre o problema investigado. Os resultados encontrados possibilitam aferir que os estereótipos que mais se destacaram em relação a visão da família e da sociedade, de acordo com as falas dos estudantes, estão ligados às questões financeiras e de entretenimento. Sobre as questões financeiras, notou-se que a graduação em Dança é percebida como um curso que não gera status, estabilidade e boa remuneração. No que se refere ao entretenimento, notou-se que o curso é percebido com um enfoque meramente prático, o que o relativa apenas ao domínio de técnicas de gêneros de dança (balé, dança contemporânea, dança de salão entre outras) fazendo com que outros conteúdos desenvolvidos pelo estudante na graduação não sejam assimilados. Portanto, tais estereótipos podem afetar a identidade do sujeito, visto que ele pode ser compreendido de forma equivocada acerca da sua área de atuação, o que pode ocasionar a desvalorização, preconceito entre outros, com base na sua escolha profissional. Também foi possível verificar que tais estereótipos construídos podem se modificar conforme a compreensão dos reais objetivos e relevâncias do curso. Desse modo, o estudante é um importante instrumento para que tais visões sejam transformadas e sua escolha profissional seja mais valorizada.

Palavras-chave: Estereótipos; Família; Graduação em Dança; Identidade; Sociocultural.

**THE STEREOTYPES FACED BY STUDENTS OF A DANCE
UNDERGRADUATE PROGRAM AND ITS IMPACTS IN THEIR IDENTITY:
A FAMILY AND SOCIAL ANALYSIS**

Abstract: Considering the diversity of actuation areas of dance, the way it can be perceived can often not match its real role, causing stereotypes of being created based on knowledge built and propagated culturally, historically and socially. The present article aimed to identify and discuss the stereotypes faced by the graduation students that have chosen the graduate course in dance at UFV as a form of professionalization, comprehending the sociocultural, academic and family aspects; verifying how these may impact on the identity of these subjects. The research was based on a case study, once the phenomena studied is directly linked to the life context specifically of 24 students of the graduation course of Dance at Universidade Federal de Viçosa - MG. The semi-structured interview was the instrument used for data collection, whereby it was possible to reach a dialogue about the problem investigated. The results found make it possible to ascertain that the stereotypes that stand out the most in relation to the family and society views, according to the students' speech, are associated to financial and entertainment matters. On the financial matters, it was noticed that the graduation in Dance is perceived as a course that does not build status, stability and a good remuneration. On the matter of entertainment, it was noticed that the course is perceived with a merely practical approach, what subordinates it only to the domain of techniques of dance genres (ballet, contemporary dance, ballroom dancing and others), making that other contents developed by the student during the graduation not be assimilated.

Therefore, such stereotypes can affect the identity of the subject, as he can be misunderstood in relation to his acting field, which may lead to devaluation, prejudice among others, based on their professional choice. It was also possible to verify that such stereotypes can be modified according to the understanding of the real purpose and relevance of the course. Therefore, the student is an important instrument for such visions to be transformed and their professional choice to be more valued.

Keywords: Stereotypes; Family; Dance Graduation ; Sociocultural Identity.

1. INTRODUÇÃO

A dança é uma arte que pode ser compreendida em diferentes contextos e aspectos. Portanto, ela carrega através do corpo símbolos, significados, costumes e hábitos que são constantemente construídos e compreendidos de acordo com contexto cultural em que uma determinada sociedade está inserida. Laban (1978), um importante teórico da dança, fala que, desde tempos remotos, a dança era utilizada para as transmissões de costumes e hábitos de um povo através das gerações.

Dentre as diversas áreas de atuação em que a dança está inserida, ela também possui um campo amplo voltado para questões que envolvem a sua profissionalização. Rodrigues (2009) menciona que a profissionalização na dança teve início com a formação de professores e bailarinos na Academia Real de Dança e de Música de Paris, no século XVII. Em relação aos meios de se profissionalizar o sujeito, o ensino superior é destacado como uma das formas de proporcionar uma compreensão e um aprofundamento dos conhecimentos sobre os diversos aspectos que envolvem a dança.

De acordo com Aquino (2012), a dança entrou para a área acadêmica no Brasil, na década de 1950, com o surgimento do curso na Universidade Federal da Bahia - UFBA no ano de 1956. Sobre às razões que impulsionaram a ter seu espaço acadêmico, Rodrigues (2009), menciona que faltava um lugar específico para dialogar e refletir de forma sistêmica todo o conhecimento em dança, necessitando levá-la a uma experimentação científica e dialógica com a sociedade. Em vista disto, houve a contribuição para a criação dos cursos em Instituições de Ensino Superior – IES.

Porém, existem muitos profissionais da Dança atuando seja com formação superior, em cursos técnicos, com ensinamentos não formais ou até mesmo sem nenhum tipo de formação. Diante desse fato, não há uma distinção e compreensão em relação às especificidades da atuação de cada profissional. Devido a essa diversidade de domínios em que a dança é representada, a forma de interpretá-la, de realizá-la e de caracterizá-la vai ser determinada socialmente, culturalmente e historicamente de acordo com valores, costumes, vivências, e crenças construídas e transmitidas por um corpo social.

Portanto, quando é atribuída à dança uma visão generalizada enquanto suas significações, ocorre o que pode ser chamado de estereotipia, não sendo levado em consideração as especialidades e particularidades dos amplos aspectos em que a dança atua, como por exemplo, os da graduação.

Diante desse fato, a relevância do ensino superior em Dança pode não ser percebida por diversas pessoas, cuja desinformação contribui para que o indivíduo que escolhe esse curso, como formação profissional, seja alvo de preconceitos, o que pode impactar na relevância da sua área de trabalho enquanto estudante e futuro profissional. A Universidade Federal de Viçosa é reconhecida por seu contexto eminentemente agrário, sendo a graduação em Dança o único curso de artes da instituição o que enriquece a investigação da realidade dos alunos dentro de tal âmbito acadêmico.

Além disso, buscou-se descrever a percepção do estudante sobre a compreensão da família e da sociedade em geral enquanto graduando em um curso superior em Dança. É dado ênfase na família devido essa ser uma forte influenciadora nas construções socioculturais e na identidade do sujeito, o que pode intervir na maneira de pensar e agir do estudante no momento de escolha da sua profissão. Ainda, buscou-se analisar se houve alguma modificação de acordo com a percepção do estudante em relação a visão da família e da sociedade após o seu ingresso no ensino superior em Dança. Dessa forma, foi possível analisar se o ingresso do estudante no ensino superior possibilitou mudanças dos conceitos construídos pelos familiares e pela sociedade sobre a graduação em Dança e suas consequências na identidade do estudante.

Assim, é relevante para a comunidade científica por trazer informações que possibilitam ampliar a visão sobre a graduação em Dança no sentido de compreender seus impactos na identidade do estudante que escolhe a carreira acadêmica como formação. Diante desse fato, o presente artigo buscou identificar e discutir os estereótipos enfrentados pelos alunos do curso superior em Dança da Universidade Federal de Viçosa (UFV), no que se refere aos aspectos socioculturais, acadêmicos e familiares, verificando como ele impactam na identidade do próprio estudante.

2. PROCESSOS METODOLÓGICOS

Este estudo emerge de uma pesquisa qualitativa, por se tratar de uma realidade que não tem como ser quantificada pois se trata de questões particulares ao universo dos sujeitos.

Trata-se de uma natureza descritiva que, segundo Gil (2002, p.42), ao buscar uma descrição direta dos participantes, o pesquisador espera “[...] levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população.” A pesquisa também tem uma natureza exploratória, visto que visa aprimorar conceitos que envolvem o curso de graduação em Dança, em uma perspectiva social para desvelar aspectos ligados aos estereótipos construídos e veiculados que envolvem o curso.

Foram utilizados artigos, dissertações e livros para compor o aporte teórico e a discussão dos resultados da pesquisa. Buscou-se nos bancos de dados da Capes e Scielo algumas palavras-chave como: Estereótipos na Dança, Escolha Profissional e Graduação em Dança. Obras de autores como: Pereira (2008 e 2009), Erving Goffman (2012), Stuart Hall (2015), Denys Cuche (1999) entre outros, colaboraram para discutir sobre os impactos dos estereótipos sobre a identidade. Alguns autores também colaboraram para a discussão sobre a construção social e familiar em relação as repercussões nas escolhas profissionais dos filhos como Kátia Campos (2010), Dulce Luchiari (1996), Luciana Valore (2008), dentre outros. Para discutir sobre a dança enquanto formação no ensino superior, foram utilizadas as obras “Graduações em Dança no Brasil: o que será que será?” com a organização de Rocha (2016), e Algumas perguntas sobre Dança e Educação” com a organização de Airton Tomazzoni, Cristiane Wosniak e Nirvana Marinho (2010). Tais obras fazem parte do Seminário de Dança promovido pelo Festival de Dança de Joinville e trazem em seus conteúdos artigos que explanam sobre a temática que contribuíram para esclarecer os conteúdos desenvolvidos no presente trabalho.

Além da pesquisa literária foi feita, também a pesquisa de campo que se trata das situações vivenciadas pelos estudantes de graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa-MG, sendo seus comportamentos e experiências fatores que não podem ser controlados pelo pesquisador.

A pesquisa também é do tipo estudo de caso, por se tratar de um fenômeno amplo e complexo, como aborda Yin (2001), não sendo possível ser estudado fora do contexto aonde ocorre naturalmente. De acordo com Tull e Hawkins (1976), o estudo de caso deve ser usado com o objetivo de geração de ideias, buscando esclarecer os fenômenos, além

de contribuir para a formulação de novas teorias e questões que possam servir como base para futuras investigações de um grupo, comunidade ou indivíduo.

Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram 12 homens e 12 mulheres, possuindo a faixa etária entre 17 a 41 anos matriculados no período de 2014 a 2017. Em cada ano de ingresso (2014, 2015, 2016 e 2017) foram convidados 6 anos, sendo 3 homens e 3 mulheres. A amostragem foi não-probabilística feita com base na familiaridade de uma das pesquisadoras com o ambiente a ser desenvolvida a pesquisa, visto essa ter sido estudante do curso. Diante desse fato, foi possível uma aproximação maior com os estudantes sendo todos dos respectivos anos convidados a participar. Dessa maneira foram escolhidos aqueles que se sentiram mais a vontade e tiveram interesse em contribuir para tal pesquisa.

Instrumentos da Pesquisa

Como ferramenta para realizar a coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada que estabeleceu o contato entre a entrevistadora e os participantes, buscando um diálogo sobre o problema investigado. O roteiro foi constituído por perguntas mediante as quais buscou-se compreender a visão do estudante sobre a reação de sua família e pessoas em geral sobre a escolha em cursar graduação em Dança, as atividades que acreditam que são desempenhadas no curso, buscando apreender se houve alguma mudança na visão desses, após seu ingresso na instituição. A entrevista foi realizada individualmente e gravada, ocasião em que foram registradas o tom de voz e a forma que os participantes se expressaram diante das perguntas. Após as entrevistas, os áudios foram transcritos e o material obtido passou por uma pré-análise, seguida de uma análise mais ampla, pautando-se nos referenciais teóricos.

Todos os participantes assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi apresentado antes de iniciar a pesquisa. Para resguardar os direitos dos sujeitos envolvidos, foram retirados seus nomes e dando-lhes nomes fictícios precedidos de sua idade e ano de ingresso na instituição. A pesquisa foi analisada e aprovada pelo comitê de ética da UFV com o parecer nº 2.160.201 e CAAE: 69771317.5.0000.5153.

Tratamento dos Dados

Os dados foram analisados qualitativamente, sendo divididos em três categorias, agrupando as expressões e pensamentos mais mencionados:

1 – Escolhendo a graduação em Dança e seu retorno financeiro. Nessa categoria foram analisadas a influência dos familiares sobre a escolha do curso superior em Dança e a preocupação da família quanto ao futuro financeiro em relação à profissão escolhida;

2 - Dilemas entre a diversão e a profissionalização em um curso superior em Dança. Nesta categoria foi considerado a visão da família sobre os conteúdos que acreditam ser desenvolvidos na graduação em Dança. Portanto, tratou-se sobre estereótipos relacionados ao curso enquanto: hobby, entretenimento e aprendizagem de conteúdos apenas práticos na graduação;

3 - (Re)configurando a estereotipia sobre a graduação em Dança. Essa categoria se enquadra na visão dos estudantes, sobre a família, e os fatores que possam ter modificado, ou não, a visão dos familiares em relação ao curso de Dança, após o ingresso do estudante.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando apresentar e discutir os resultados encontrados na presente pesquisa, buscou-se discorrer os aspectos que foram mais significativos com base na semelhança e diferença das respostas encontradas de acordo com os participantes.

As perguntas realizadas possibilitaram identificar vários estereótipos enfrentados pelos estudantes que cursavam graduação em Dança, porém dois se destacaram. O primeiro está relacionado a profissão reconhecida por não oferecer um bom retorno financeiro. Outro estereótipo encontrado está na contextualização da dança, sendo essa entendida apenas enquanto prática, *hobby* e entretenimento o que acaba refletindo no primeiro estereótipo citado e na formação da identidade do graduando.

Compreendendo a pluralidade de significados dado à dança pelos estudantes, foi possível constatar as interferências de estereótipos em sua conceituação enquanto ensino superior o que afeta a identidade do estudante. O sociólogo e antropólogo francês Dennys Cuhe (1999, p.90) afirma que “A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.” Logo, ela pode ser estabelecida e transformada constantemente pelas relações socioculturais na qual o sujeito se identifica e é identificado pelo outro. De acordo com uma abordagem sociológica e pós-moderna do sujeito, a identidade é compreendida como uma construção social e cultural. Le Breton (2012) afirma que “O corpo existe na totalidade dos elementos que o compõe graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levaram o ator a assimilar os comportamentos do seu círculo social.” (p.9)

3.1 Escolhendo a Graduação em Dança e seu Retorno Financeiro

De acordo com as respostas dos participantes em relação às reações da família e das pessoas em geral sobre a escolha de cursar graduação em Dança, destacou-se que segundo os estudantes, os pais e familiares tiveram receio enquanto ao lado financeiro adequado que o curso poderia não oferecer. Cada participante tem sua história de vida e percursos diferentes, para que chegassem até a escolha em cursar a graduação em Dança, mas, devido as semelhanças das respostas de alguns entrevistados, algumas expressões, de seus familiares cabem ser destacadas.

De acordo com o participante Carlos (35 anos/2014), a preocupação da mãe era como ele, por meio da graduação em Dança, conseguiria se manter financeiramente “[...] a preocupação da minha mãe era: E aí? Como você vai sobreviver?” (Carlos, 35 anos/2014). Entende-se por meio desse argumento, que a graduação em Dança transmite à mãe, a ideia de um futuro incerto mediante a realização de um curso que não traria boas condições financeiras ao filho.

Já o participante Leo (18 anos/2017) acredita que o curso de Dança é caracterizado dessa forma, por um pensamento associado ao fato da sociedade esperar que o sujeito realize um trabalho ou busque uma profissão que traga resultado “[...] em termos quantitativos para o mundo.” A participante Ana (19 anos/2016) compartilha de um ponto de vista semelhante ao de Leo (18 anos/2017), considerando um sistema econômico que valoriza uma formação que produza e gere lucro, desvalorizando ou sequer enxergando possibilidades e potencialidades de outras ciências ou áreas no mercado econômico: “A ciência que é valorizada na escola é a ciência de conhecimento exato”.

Muitas são as significações que o sujeito constrói e reconstrói, por meio das relações que ele estabelece constantemente com o meio o qual ele vive. No caso do participante Leo (18 anos/2017), a preocupação da família com a questão econômica em relação ao que o curso possa oferecer é maior do que a aptidão ou a empatia do filho sobre o curso escolhido:

A única coisa que meu pai fez foi falar: ‘Olha (nome do Leo (18 anos/2017)), eu vou pesquisar mais sobre esse curso, eu quero saber se dá dinheiro. A questão não é o dinheiro agora, porque eu e sua mãe, a gente te sustenta e tudo mais, e a gente não liga, a gente sabe que você fica muito feliz quando dança, quando você mexe com isso, mas eu fico preocupado com seu futuro.’ (LEO, 18 ANOS/2017)

O fator financeiro é um dos pontos que muitas pessoas analisam quando vão realizar a tomada de decisão sobre ao seu futuro profissional, porém outros fatores também devem ser destacados, como a vontade e aptidão para determinada área. Segundo Stanka et al. (2014, p.457) essa empatia afeta a formação da identidade do sujeito, “[...] contribuindo para a escolha, todas as informações do mundo psíquico do sujeito, sua matriz estruturante, suas expectativas sobre si próprio, gostos, atividades e habilidade”. Fator percebido na fala do pai de Leo (18 anos/2017), quando o pai destaca saber da felicidade dele ao dançar, porém denota um apreensão sobre o futuro do filho, reafirmando a valorização econômica em detrimento aos fatores hábeis e de empatia do sujeito. Além disso, cabe destacar que o participante traz a seguinte expressão “quando

você mexe com isso”. Essa portanto, evidencia que não é somente uma questão financeira envolvida na relação do pai com escolha do curso do filho, pois tal expressão remete a ideia de informalidade, o que contribui para a desvalorização e revela o desconhecimento sobre a formação em tal área.

A expressão “passar fome”, foi notada nas falas de alguns participantes como o caso de Eli (19 anos/2017), onde ele coloca que: “Há um tipo de preocupação em chegar e perguntar: Ah! Mas isso dá dinheiro? O que você pode fazer com o diploma de dança? E aí eu sempre tive paciência pra explicar e falar que não é tão assim, que eu não vou passar fome no meio da rua não.” Nesse caso, ao dizer que não passará fome no meio da rua o próprio estudante já considera o estereótipo negativo em relação visão social da dança ser um curso que não traz um retorno financeiro favorável. Dessa forma ele busca esclarecer que é possível se sustentar com tal profissão.

O participante Juca (22 anos/2014) também traz, semelhante à Eli (19anos/2017), a expressão “passar fome” em sua fala: “[...] eu insisti, eu pensei: Não! Eles têm que entender que é isso que eu quero. Mesmo minha mãe ter virado pra mim e falado: ‘Você está querendo passar fome?’” Todavia, à reação dos pais à sua escolha em cursar Dança, o participante expressa sua vontade em entrar para o curso, independente das perspectivas de ser bem ou mal remunerado, não sendo esse o fator determinante ao escolher a Dança como profissão. A decisão quanto à escolha de uma graduação é um momento de muitas dúvidas e desafios, visto que essa opção muitas vezes não é tomada sozinha. No entanto, vendo o entrevistado Juca (22 anos/2014) mostrar a insistência pela graduação em Dança, reforça seu poder de decisão sobre a sua escolha profissional, e por novas transformações em sua identidade.

A associação da graduação em Dança como um campo que não oferece um retorno financeiro estável ao futuro bacharel e licenciado pode estar ligada ao fato dessa área possuir muitos profissionais atuando sem a devida qualificação. A atuação de pessoas sem formação (superior e/ou cursos técnicos profissionalizantes) faz com que a dança seja vista como uma profissão que pode ser realizada por qualquer sujeito, fazendo com que o profissional formado perca seu prestígio acarretando a desvalorização do mercado para profissionais qualificados na área.

Mesmo com a Lei 6.533/78 que, de acordo com Contreiras (2012, p.44), “[...] deixa claro que para o exercício da profissão de artista é imperativo um prévio registro na Delegacia Regional do Trabalho do Ministério do Trabalho, tendo validade em todo o território nacional,” é muito comum ver pessoas atuando sem registro ou sem

conhecimento básico. A não formalização e a falta de um conselho podem ser um fator que faz com que o profissional graduado realmente seja fragilizado enquanto não ocorre o reconhecimento de sua profissão.

Silva (2016) menciona que o crescimento das instituições de ensino superior em Dança, possibilitam um avanço no fomento do mercado de trabalho que envolve a remuneração do profissional da Dança:

Podem-se aferir a esse crescimento a criação de novas instituições superiores e, conseqüentemente, a expansão dos cursos superiores, melhor organização profissional da própria classe, a obrigatoriedade da disciplina Dança no ensino básico, o desenvolvimento da dança como área de produção de conhecimento e, de certa forma, o aquecimento da economia na produção cultural, que começou a permitir que o artista sobreviva do seu trabalho (SILVA, 2016, p.31).

Por outro lado, os aspectos que englobam a licenciatura em Dança, onde o profissional atua no Ensino Formal Infantil, Fundamental e Médio vem se fortalecendo, sendo esse profissional habilitado a ministrar a disciplina de artes. De acordo com Strazzacappa e Morandi (2006, p.8) os “[...] Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da área apontam que as quatro linguagens artísticas (música, dança, teatro e artes visuais) devem ser contempladas.” Nesse contexto, a educação é uma ferramenta indispensável para que a contextualização da Dança ocorra, pois dessa forma ela poderá ser reconhecida como uma área de conhecimento, e compreende-la de maneira crítica e construtiva. Assim, o profissional graduado em Dança vai aos poucos obtendo mais espaço e visibilidade, mostrando seu valor e progredindo no mercado de trabalho.

De acordo com a participante Nina (34 anos/2016), existe uma visão distorcida do curso, que ela atribui principalmente à falta de informação, onde as pessoas estereotipam algo que não conhecem de fato e reproduzem aquela informação ou conceito. “As pessoas não sabem o que é... elas veem o que passa na televisão, o que passa no popular, o que passa no comum, elas vão julgar em cima daquilo ou no que a maioria está dizendo”. Nessa perspectiva, a generalização que envolve o conceito de dança, sendo essa associada à indústria cultural e midiática, pode também se tornar forte aliada na construção desses estereótipos.

Alguns participantes também citaram que as pessoas geralmente perguntam se eles irão formar para dançar na dança dos famosos ou se tornarem bailarinas do programa do Faustão. Juca (22 anos/2014), fala que possui alguns amigos que falam que ele vai dançar no Faustão e ele cita que não menospreza a profissão, mas que sofre preconceito

pelas pessoas não saberem o que se trata na graduação em Dança. “[...] as pessoas não entendem em que lugar você quer estar, elas não perguntam, já chegam te dando aquela... a mesa pronta para o que você vai fazer da sua vida.” Outra participante que também aborda situação semelhante foi Diva (21anos/2014) que traz a mídia como um veículo de propagação da forma que a dança é percebida. “Quem se apropriou da questão da visão da dança foi a mídia, então qual a associação que as pessoas vão fazer? A bailarina do Faustão, é a bailarina do Tchan, não estou falando que é ruim, isso aí é discutível, mas é essa a visão que eles têm, entendeu?”

De acordo com Nepomuceno (2010), as danças que são apresentadas nas mídias, como a televisão, a qual pode ser considerada um veículo de grande propagação de conhecimento para a sociedade, pode não revelar sua real significância. Bourdieu (1997) traz em sua obra *“Sobre a televisão”* que:

O fenômeno mais importante, e que era bastante difícil de prever, é a extensão extraordinária da influência da televisão sobre o conjunto das atividades de produção cultural, aí incluídas as atividades de produção científica ou artística. (BOURDIEU, 1997, p.51)

Muitos programas de televisão têm como objetivo priorizar o sistema de produção com o intuito de gerar lucro e o corpo acaba se tornando um importante objeto de consumo. Dessa forma, deve-se compreender que de fato existem diferentes contextos em que a dança ocorre, por exemplo o caso das mídias. Porém, tal aspecto não deve servir como um padrão para caracterizar e conceituar todo trabalho em que se atua com a dança, pois cada domínio tem suas especificidades, tal como o ensino superior em Dança.

Pereira (2009) explica que as pessoas estruturam esquemas mentais em relação aos papéis que esperam que os sujeitos devam desempenhar. De acordo com o autor, “Este tipo de esquema encontra-se relacionado fundamentalmente com as normas e expectativas que são geradas pelos diferentes papéis sociais” (p.210). Portanto, ao compreender a dança apenas na esfera econômica, a expectativa dos papéis de qualquer pessoa que trabalhe na área pode ser compreendida de uma forma estereotipada. Dessa maneira, o conhecimento a respeito da dança acaba sendo limitado enquanto formadora de conhecimento, principalmente no que se refere ao ensino superior, anulando a ação do graduando em determinadas áreas no qual ele possa também atuar.

Uma relação entre a escolha da graduação e a influência desta na identidade do estudante ocorre no caso de Sara (25 anos/2015). Ela relata que quando contou ao seu pai sobre a sua aprovação na graduação em Dança foi um momento difícil e triste pelo fato

dela não realizar o sonho que seu pai ansiava. “[...] ele falou: Você vai, mas não vai ter pai.” Essa reação, segundo a participante, foi em consequência de sua mudança da cidade natal, mas principalmente pelo curso escolhido ser em Dança. “[...] para ele [o pai] foi um impacto muito grande, o sonho dele é que eu fosse veterinária, e aí, de repente, pra ele foi uma frustração”.

Dessa forma, nota-se a influência da família, principalmente na formação e nas construções socioculturais e na identidade do sujeito, que afetam o graduando na sua maneira de pensar e agir, para a escolha de uma profissão. Conforme Jordani et al., (2014, p. 26 “[...] a família tem grande influência, ajudando ou dificultando na escolha. Pois a família tem história e características próprias e valores particulares dado às profissões.” Diante a esse fato, nota-se uma transferência dos anseios dos pais para os filhos e que tanto a família quanto a sociedade são responsáveis pela formação da identidade do sujeito, sendo essa, construída constantemente pelas relações que são estabelecidas por ele em seu cotidiano.

Menezes (2010, p.20) trata a identidade como um conjunto de componentes que procedem da relação entre as pessoas e complementa citando que a identidade não pode ser entendida como “[...] um conceito fixo, ao contrário, é passível de mutações, dependendo da situação em que o interlocutor se encontra e com quem o falante/escritor está negociando sua identidade.” Hall (2015, p.24), ao discutir a identidade cultural, aborda a relação do descentramento do sujeito de acordo com teoria de Freud sobre o inconsciente como um dos cinco avanços sobre a teoria social. Essa teoria defende que a formação da identidade do sujeito é estabelecida pela criança de forma parcial e gradual, “[...] mas é formada em relação aos outros; especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre a criança e as poderosas fantasias que ela tem de suas figuras paternas e maternas”.

Assim, compreende-se o importante papel da família nesse momento de decisão do estudante na escolha da sua profissão, mas principalmente na formação de sua identidade, seja profissional e/ou pessoal. Segundo Valore (2008, p.66), “[...] o ato de decidir a respeito de uma ocupação profissional constitui momento de crise em qualquer época da vida, pois não se trata apenas de executar novas tarefas e sim, de apropriar-se de uma nova identidade profissional.”. Isso se confirma com a fala dos estudantes ao retratarem suas opiniões quanto suas experiências familiares .

Kátia Campos (2010, p.10), reforça esse argumento em sua dissertação “Transmissão geracional: repercussões na escolha da profissão” afirmando que:

A família é a matriz da identidade e cada uma estabelece um conjunto de exigências funcionais, que organiza a forma pela qual seus membros interagem. A história de vida, a identificação com outros significativos e a história familiar são referências para a constituição da identidade pessoal.

Portanto, é sobre tal circunstância que todos os entrevistados certificam que a graduação em Dança passa a ser estereotipada, por uma visão distorcida da família e por uma cultura midiática depreciativa. Ela é vista como uma área que não oferece segurança financeira, e que pode vir a interferir de forma significativa na identidade do sujeito que deseja ingressar nessa área, afetando positiva ou negativamente em sua escolha profissional.

[...] A estrutura familiar pode ser uma barreira à livre escolha, quando os membros desse grupo expõem suas opiniões sobre determinadas profissões de forma direta ou indireta. Os valores, ideias e concepções com relação às atividades profissionais são transmitidos por gerações, sendo algumas ocupações mais valorizadas do que outras (CAMPOS, 2010, p.89).

Um fator que também deve ser destacado é a valorização de determinados cursos, o que faz com que sejam reforçados o desprestígio e a distinção entre as graduações. Alguns participantes apoiam tal afirmação como é o caso de Ana (19 anos/2016), que reforça sua crítica, como já mencionado, em relação à valorização e desvalorização de determinadas áreas. A participante cita que cursos como as engenharias e a agronomia são cursos que “[...] produzem e geram lucro. Sendo assim, eles “[...], participam do desenvolvimento econômico do país”, o que faz com que haja uma maior valorização das áreas Exatas e Biológicas do que a área de Artes.

Como já mencionado, a participante Ana (19 anos/2016) trouxe a questão da valorização do conhecimento exato, já o participante Leo (18 anos/2017) expõe que as visões da família e da sociedade a respeito do curso de Dança se baseiam na valorização de cursos caracterizados para a sociedade enquanto rentáveis:

[...] muita gente acredita que o que está no momento é aquilo que vai trazer resultado [...]. Em termos quantitativos para o mundo. Então todo mundo quer fazer, engenharia, direito alguma coisa ligada a números, ou até umas faculdades de humanas assim... Ai, quando você fala Dança, as pessoas pensam que nem existe, porque não tem o porquê alguém fazer Dança nesse mundo de hoje em dia. (LEO, 18 ANOS/2017)

Esta forma de pensar e caracterizar o curso de graduação é construído socialmente, fazendo com que essas ideologias sejam reproduzidas e que os estereótipos sejam criados em torno do estudante. A construção social dos valores financeiros e ao prestígio sobre determinadas profissões também foram analisados nas falas de Juca (22 anos/2014) que diz que: “[...] todo familiar quer que a gente faça um curso de exatas. Que a gente vá construir prédios, cavando buracos, achando petróleo e não sei o que, ou sendo médico, fuçando o corpo da pessoa”. Logo o próprio estudante coloca a área de exatas como a esperada pela família e traça alguns exemplos de cursos que ele julga que esperavam que ele realizasse. Já a participante Tina (17 anos/2017), ao exprimir sua forma de pensar faz menção à cultura que, segundo ela, exerce uma influência na construção dos estereótipos acerca do curso de Dança.

Eu acho que é uma coisa muito enraizada na cultura, todo mundo querer fazer as coisas sempre pelo dinheiro, ou então pra ser reconhecido de uma maneira boa. Por exemplo: todo mundo... o sonho de todos os pais é que o filho faça Medicina ou Direito ou algo que dê um status social pra ele e ele consiga ganhar dinheiro também. Então eu acho que tem algumas reações: ‘Ah! Legal que você está fazendo Dança, mas, cara eu acho que você não vai ganhar nada com isso.

O ensino superior no Brasil surgiu no início do século XIX e veio como consequência das elites que se formaram fora do país e retornaram devidamente qualificados (STALLIVIERI, 2006). O surgimento das universidades foi muito conturbado e de acordo com a autora ele foi resultante da “[...] reunião de institutos isolados ou de faculdades específicas[...]” e tais consequências fizeram com que elas tivessem uma qualidade “[...] fragmentada e frágil.” A autora ainda menciona que as universidades no Brasil:

Resultam da demanda do mercado que sinaliza para a necessidade de formação de profissionais com qualificação fundamentalmente em áreas das engenharias, medicina e direito. Inicialmente estavam localizadas em grandes metrópoles economicamente mais importantes para o Brasil da época. (STALLIVIERI, 2006, p.3)

Navas (2010, p.59), ainda define que os cursos de medicina, direito e engenharia como “triunvirato de carreiras” e esses são, segundo ela, “[...] um tripé de força que sustenta muito do poder simbólico das instituições de ensino.” Logo, tais cursos exemplificados por Tina (17 anos/2017) e outros participantes são geralmente considerados por grande parte da sociedade como ofícios tradicionais ou cursos clássicos.

Um dos participantes entrevistado argumenta que o fato das pessoas reproduzirem esse pensamento é por haver um enraizamento histórico, sendo o Brasil um país que carrega um marco muito forte do preconceito e da divisão de classes.

Apesar do Brasil falar que não... que ele é livre e coisa e tal, mas não! Ele ainda tem muita divisão, muito preconceito e muito status social. Já começa com a graduação, aquilo que te falei... a Medicina: ‘Ah não, o cara vai ser médico.’ Ele é mais importante que o aluno de Dança e esse status social atrapalha demais. (PAULO, 41ANOS/2017)

A partir da asserção de Paulo (41 anos/2017), nota-se que uma visão equivocada e deturbada como essa citada pelo participante pode gerar uma falsa impressão de prioridades acerca das diferentes formações. Portanto não é possível medir o grau de importância de cada curso, visto que cada um possui suas particularidades e suas relevâncias dentro do contexto em que estão inseridos.

Outra participante, também, descreveu uma situação similar sobre a escolha do curso. Laura (19 anos/2017), relatou que nos momentos de decidir qual curso iria tentar cogitou realizar Dança ou Relações Internacionais e, ao escolher Dança, a família tentou convencê-la a mudar de curso e sugeriram uma alternativa. “[...] por que você não faz Relações Internacionais, depois seu pai te encaminha para dança, faz um projeto de dança, inclui a dança nas coisas que você for fazer”. Logo, pode-se aferir que a Dança dentro desse argumento é proposta para ser desempenhada como um papel secundário dentro de uma “profissão oficial”, o que sugere novamente que outro curso seja compreendido como sendo prioritário em relação ao de Dança.

O não pertencimento aos grupos ou categorias as quais são vistas como ideais podem afetar a forma que o sujeito vai ser percebido, principalmente se esse não estiver de acordo com seu contexto social. Berlatto (2009, p.142) afirma que “[...] a identidade social é ao mesmo tempo inclusão – pois só fazem parte do grupo aqueles que são idênticos sob certo ponto de vista – e exclusão – visto que sob o mesmo ponto de vista são diferentes de outros”. Portanto, o não pertencimento a tal identidade de grupo pode então, trazer a exclusão e a visão equivocada do sujeito e do grupo que ele pertence.

Ainda cabe destacar que a família exerce uma grande influência na escolha do jovem e isso se deve aos valores, os quais esse grupo se identifica, Luchiari (1996, p.84) destaca um aspecto importante que fundamenta a visão da escolha profissional do filho

pelos pais. Ela aborda que: “Se os pais não puderam realizar uma profissão desejada, por diversos motivos, frequentemente eles esperam que os filhos possam realizá-la em seu lugar.” Como pode ser observado nas falas de Juca (22 anos/2014): “O familiar [...] ele não quer que você faça o que você quer. Ele quer que você faça o que ele gostaria de ter feito, e que teria dado uma vida mais bem sucedida pra ele.”

A escolha dos filhos se insere numa linha familiar onde o passado vivido pela família é parte fundamental nas representações que os jovens fazem de si mesmos, de suas aptidões para vencer numa determinada profissão e dos valores que são atribuídos às profissões (LUCHIARI, 1996, p.84).

Além dos fatores mencionados, houve participantes que citaram ter tido o apoio da família, mas mesmo com tal apoio, o estereótipo da graduação em Dança de não oferecer segurança financeira e ter menos prestígio que outros cursos ainda permanecem. Maria (21 anos/2014) por exemplo, menciona que ao falar com a sua avó que gostaria de cursar Dança ela disse: “Será que ela vai conseguir ganhar dinheiro depois com isso?”. A participante ainda afirma que “Ela [a avó] ficava nessa insegurança, [...] mas quando ela viu que não tinha jeito, que eu amava mesmo aquilo que eu estava fazendo, que eu queria muito, ela super me apoiou e falou: ‘vamos!’” Já o participante Zico (24 anos/2015), disse que “[...] em casa eu tenho até apoio, por mais que os pais falem, eu já ouvi bastante, que eles queriam que eu fosse como a maioria quer que o filho seja médico, engenheiro...”

No caso de Vera (20 anos/2015) verificou-se que houve o apoio da família, mas o status de ser graduando em uma Instituição Federal acaba sobressaindo em sua escolha profissional:

[...] a minha mãe ela gostou muito por que, primeiro era uma faculdade pública, já começa por aí, eu fui a primeira pessoa da família a cursar um curso superior em uma instituição, em uma universidade federal. [...] Meu pai gostou também, mas pra ele foi mais difícil, primeiro pela questão que ele tinha uma preocupação do que eu iria trabalhar com isso, pra que isso ia me servir, e também a preocupação de estar longe da família assim.

Portanto, pode-se perceber que por Vera (20 anos/2015), estar em um ensino superior e principalmente em uma instituição pública, fez com que sua mãe se sentisse realizada por não ter ninguém da sua família que tenha concluído tal formação. Logo a filha traz algo inovador para a família.

Um dos fatores de estranhamento a respeito da Dança, está no fato de o curso estar inserido em uma instituição predominantemente agrária. O participante Paulo (41 anos, 2017) cita que as reações das pessoas, ao falar que é estudante de Dança, é de espanto e questionam a razão de realizar tal curso:

A maioria quer me questionar o tempo todo: ‘Mas por quê?’, ‘Por que Dança?’ Aí fala assim... tipo colocando a Dança como o último, a última opção dentro da UFV. Tipo: ‘Não, aqui é tão tradicional as agrárias. Por que você não foi para as agrárias? Agronomia. As pessoas se espantam e eu tenho que ficar me explicando, não deveria ser assim...

A Universidade Federal de Viçosa de acordo com seu Catálogo de Graduação (2017)³ oferece 62 cursos de graduação nas modalidades de Bacharelado e Licenciatura, e esses são distribuídos em Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba (3 campi da instituição). A instituição é reconhecida por seu contexto eminentemente agrário, devido à sua origem decorrer da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). No portal da Instituição⁴ essa informação é reafirmada apontando que “Por tradição, a área de Ciências Agrárias é a mais desenvolvida na UFV, sendo conhecida e respeitada no Brasil e no Exterior.”. O participante Chico (27 anos/2014), ao contrário de Paulo (41 anos, 2017), cita não se importar em ter que esclarecer às pessoas sobre as atividades desenvolvidas no curso, além disso, ele considera que, essa seja uma forma das pessoas se interessarem em conhecerem mais o curso.

A valorização e prestígio de muitos cursos de graduação como: Medicina, Direto e Engenharia vem desde o surgimento do ensino superior no Brasil, no período monárquico em meados do século XIX. Segundo Santos e Cerqueira (2009, p.3), nesse período, “[...] havia somente a preocupação de implantar um modelo de escola autônoma que formasse para as carreiras liberais: advogados, engenheiros e médicos, para atender às necessidades governamentais e, ao mesmo tempo, da elite local”. A área de artes acaba se distanciando desta realidade, especificamente e no ensino superior em Dança. Esse completa 62 anos no ano de 2018 da sua primeira instituição no Brasil (Universidade Federal da Bahia - UFBA) e ainda é desconhecido por muitos na sociedade enquanto um curso de formação superior.

3 UFV. Catálogo de graduação 2017. Disponível em: <http://www.catalogo.ufv.br>. Acesso em: 2 jan. 2018.
4 PORTAL DA UFV. Disponível em: <https://www.ufv.br>. Acesso em: 2 jan. 2018.

Tal fato, mostra um paradoxo da sociedade capitalista pois, assistir a grandes espetáculos é um emblema de classe. Entretanto, quando se fala em um curso voltado para as reflexões, as técnicas e o planejamento das diversas questões envolvidas na dança como arte e profissão causa um estranhamento, como o caso da estudante que o pai disse que ela não teria mais pai se optasse pelo curso de dança.

Os relatos ainda apontam que a realização profissional só tem valor quando se trata de um curso com possibilidade de um bom retorno financeiro.

3.2 Dilemas entre diversão e a profissionalização em um curso superior em Dança

A pesquisa apontou outro estereótipo muito citado pelos participantes: que a graduação em Dança é visto pela família e pela sociedade como um *hobby*⁵, entretenimento e aprendizagem de modalidades de dança, com um enfoque meramente prático sobre as disciplinas desenvolvidas no curso. Essa forma de perceber o curso foi abordada pelos participantes, principalmente quando foram questionados sobre o que os familiares e as pessoas em geral pensam que eles desenvolvem na graduação em Dança.

Esse pensamento pode estar relacionado à construção histórica, social e cultural do sujeito em relação a como ele compreende, vivencia e propaga a arte. É importante salientar que a dança de acordo com sua bagagem histórica, desde a era primitiva, sempre esteve relacionada a proteção e força para que o ajudassem na busca de alimentos, na dominação de terras, entre outros e em rituais de celebrações e festejos da vida cotidiana do homem. Sendo assim, compreender a dança enquanto hobby ou diversão faz parte das construções sociais e culturais centralizadas em uma trajetória histórica.

São muitas as vertentes que podem estar relacionadas à construção desse estereótipo acerca da área artística. Não seria possível no atual estudo fazer um aprofundamento acentuado em cada aspecto que possa esclarecer a formação desse entendimento, porém, foram traçados, de acordo com as respostas encontradas, alguns pressupostos que podem elucidar tais concepções.

A entrevistada Nina (34 anos/2016) conta que ela realiza graduação em Psicologia em uma faculdade particular na cidade de Viçosa-MG, concomitantemente à graduação

⁵ Na presente pesquisa, a palavra inglesa *hobby* é entendida como uma atividade praticada por prazer, diversão e passatempo, realizada nos tempos livres, o que normalmente não resulta em ganho financeiro. (Fonte: HOBBY E PROFISSÃO. Disponível em: <http://maringamanchete.com.br> Acesso em: 10 de jan. de 2018.)

em Dança. A estudante expôs que a família não compreendia o curso de Dança da mesma maneira que a graduação em Psicologia, e pontua “[...] as cobranças, os trabalhos, as provas, as exigências [...]”, como fatores que os pais desconheciam como parte da graduação em Dança. Percebe-se com a fala da entrevistada que, para sua família, o curso imprime uma ideia limitada no que se refere à exigência de dedicação ao estudo. Portanto, esse argumento leva ao pressuposto de que a graduação em Dança é diferente de outros cursos de graduação, visto que transmite uma ideia pré-concebida de que para o ensino de Dança não há a exigência ou necessidade de um aprofundamento intelectual e teórico. A participante, também, infere que os pais ficam admirados quando ela menciona que está estudando muito.

O fato da dança ser compreendida como um trabalho divertido, de acordo com Contreiras (2012, p.23) pode trazer a ideia de que não é considerado um trabalho, pois ele não se encaixa “[...] ao mercado de trabalho da maneira como este é socialmente reconhecido, uma atividade de rotina, repetitiva e cansativa.” Portanto, a concepção estabelecida socialmente é de que o trabalho é vinculado a ideia de sacrifício, de esforço, sofrimento e quando há uma associação da dança apenas como lazer e descontração a área profissional acaba, na visão do público leigo, destituída de mérito.

Algo semelhante ocorre com o participante Eli (19 anos/2017). Ele cita que muitas pessoas o questionam buscando saber o que ele realiza no curso. Ele explica dizendo que “[...] a gente lê textos, artigos acadêmicos como todo curso.” Percebe-se que muitas pessoas valorizam o conhecimento que visa o intelecto ao conhecimento corpóreo, e desconhecem que o trabalho com a área da Dança busca, essas duas abordagens. De acordo com João (20 anos/2015), as pessoas acreditam que o curso possui um perfil muito tecnicista e que a inteligência mental, possui mais valor que a corpórea. “Quando você fala que trabalha com dança, automaticamente você fala que mexe com o corpo e eles pensam: ‘ah esse trabalho não funciona, só o mental que vale.’”

Desta forma, a Dança, como muitos cursos ligados às Artes, acaba sendo rotulado como uma área que exige um teor mais prático e faz com que sua fundamentação teórica seja considerada irrelevante em comparação a outros cursos. Como já mencionado na pesquisa, a participante Sara (25 anos/2015) reforça esse aspecto, exemplificando em sua fala a comparação que a família exerce na sua escolha em cursar Dança e ao seu irmão ao cursar Zootecnia:

Sara (25 anos/2015): Meu irmão agora que passou em Zootecnia, está com dezoito anos e está fazendo a faculdade. Eu vejo a relação deles [família] com meu irmão, que é totalmente diferente, muito diferente, pela escolha dele.

Pesquisadora: Em relação a quê? Me dá um exemplo de diferença.

Sara (25 anos/2015): De perguntar... de se interessar mais... De [ela pensa] 'vou comprar botina e tal'. A sapatilha, quando eu fui falar, eles até deram atenção, mas não foi aquele negócio: 'Ah! Eu vou comprar.' Meu pai chega e fala: 'experimenta essa botina porque vai ficar bom' [fala com o irmão], 'você precisa ir pro meio do mato' [fala com o irmão], 'Seu irmão está fazendo um estágio com um boi' [fala com Sara (25 anos/2015) sobre o irmão]. E aí eu coloco alguma foto, alguma coisa assim, [redes sociais] envolvendo dança, a minha mãe fala: 'Ai que bonito!' Tipo, eu como entretenimento e meu irmão como uma coisa séria, entende?!

Uma das possibilidades que gera esse pensamento e avaliação de Sara (25 anos/2015) pode estar vinculado ao que Campos (2010, p.93) argumenta sobre a valorização da família por determinados cursos como “medicina, engenharia e direito”, considerados tradicionais. A autora aponta que de acordo com os resultados de sua pesquisa ela verificou que “Os cursos mais ligados às áreas artísticas, muitas vezes, acabam sendo vistos como ‘hobbies’ e não como uma profissão como outra qualquer”, resultado similar ao encontrado neste estudo. A participante Joana (18 anos/2017) cita que imagem da profissão da dança como *hobby*, faz com que as pessoas acreditem “[...] que você é um profissional que não precisa ser pago pra isso.”

De acordo com a autora, esse tipo de avaliação ou julgamento pode estar ligado a uma idealização de que são cursos praticados no tempo livre, que são divertidos, com o intuito de relaxar, dentre outras variáveis que focam apenas na diversão e no lazer. Essa questão pode ser constatada na fala de Vera (20 anos/2015) “[...] as pessoas acham que é uma coisa muito fácil assim, sabe?! Acham que a dança é uma coisa muito de divertimento... então isso dá uma carga de desprofissionalização da área”. A participante reconhece o papel da dança enquanto lazer. Porém enquadrar todos os conteúdos abordados na dança nessa perspectiva ou objetivo pode rotular o profissional, fazendo com que não seja reconhecido de acordo com suas habilidades e pelos conhecimentos adquiridos ao se tornar um bacharel ou licenciado em Dança. Esse rótulo estereotipado influencia significativamente no desenvolvimento da identidade do graduando em dança, principalmente quando este está em processo de formação profissional.

Já Diva (21 anos/2014) considera que as pessoas veem a dança como algo banal e ainda acrescenta que “[...] as pessoas não conseguem entender esse olhar assim... mais

profundo.” Esse “olhar profundo” citado pela participante pode estar associado aos objetivos que se tem com o curso de graduação em Dança. Ele permite que o aluno investigue e aprofunde seus conhecimentos em Dança buscando compreendê-la além de uma prática como ênfase apenas na diversão, no hobby e no entretenimento. Deste modo, de acordo com PPC/Dança-bacharelado-UFV (2017, p.18):

O curso tem por objetivo formar o profissional com competência para desenvolver habilidades entre os saberes artístico, pedagógico e científico. Formar profissionais atuantes e responsáveis, com visão crítica e sensibilidade, aptos a conectar conhecimentos, trabalhar com as diferenças e adaptar-se à complexidade do mundo contemporâneo.

Portanto, a graduação em Dança possui um objetivo amplo de conhecimentos que possibilita que o aluno assuma um posicionamento analítico, reflexivo e crítico, permitindo um diálogo com outras áreas de conhecimento, dentro de seu contexto sociocultural. “O estudante de Dança que busca a experiência universitária adquire não apenas conhecimentos técnicos específicos do seu campo de formação, mas saberes que o possibilitam construir sua singularidade enquanto ser social” (GATTI, 2016, p.77).

Como observado no depoimento dos participantes da pesquisa, muitas pessoas associam o ensino formal em Dança, (aqui a graduação em Dança) a um curso exclusivamente prático, como pode ser exemplificado em algumas falas dos participantes: “Eles acham que a gente vem para dançar, o povo não faz a menor ideia do que é estudado aqui” (JOÃO, 20 ANOS/2015). De forma semelhante, Toni (19 anos/2016) comenta que “Muitos acham que a gente vai ficar aqui só dançando, balé, dança de salão... [...]”. A incompreensão sobre a amplitude da formação em Dança também é destacada por José (24 anos/2016), Tina (17 anos/2017) e Laura (19 anos/2017):

Quando eu falava do curso de Dança todo mundo ficava espantado e sempre já [fazia] essa pergunta: ‘O que vocês fazem no curso de dança? Eu nem sabia que existia curso de dança!’ Eu acho que eles pensam mais na parte prática, que eu estou mais assim... que eu chego aqui como se fosse uma academia, eu chego para fazer aula de balé, daqui a pouco uma aula de contemporâneo, tipo uma coisa bem prática. (JOSÉ, 24 anos/2016)

Eles acham que eu fico dançando o dia inteiro, mas eles estão totalmente enganados, que é uma coisa que eu não faço é dançar. [...] não é chegar lá e: ‘Vamos lá gente! Vamos fazer uma coreografia de aula e vamos todo mundo dançar. Não é isso, não é mais um estúdio.’ (TINA, 17 anos/2017)

[...] ‘que diferente! Eu não sabia que tinha esse curso aqui na UFV’. Muita gente em Viçosa não sabe que existe o curso de dança: ‘Nossa! Não sabia que tinha o curso, o que você faz?’ Aí tem que explicar. Às vezes as pessoas já chegam indagando: ‘Mas o que você faz? Dança o dia inteiro?’ Aí eu tenho que explicar: Não... Eu não danço o dia inteiro! Quem me dera se eu dançasse o dia inteiro, eu tenho que fazer muita coisa. (LAURA, 19 anos/2017)

Nota-se pelas falas dos participantes, que a graduação em Dança carrega uma associação a uma aprendizagem prática. A universidade é, muitas vezes, comparada às academias, às escolas e aos estúdios de dança e esses espaços estão associados tanto à busca da dança por *hobby* ou visando se tornar um bailarino, dançarino ou interprete. O participante Adão (25 anos/2016) comenta que a compreensão do que é o curso de Dança traz um “[...] ponto de interrogação na cabeça da pessoa. Acho que elas pensam mesmo que a gente vem aqui só pra ‘dançar’, sei lá, acho que a maioria pensa assim.”

Logo, compreende-se que há uma caracterização do estudante relativa ao domínio de técnicas, de gêneros de dança (ballet, dança contemporânea, dança de salão, entre outras), da realização de ensaios e de espetáculos. Porém, envolve um conhecimento mais amplo, como menciona o Programa Pedagógico do curso de graduação em Dança:

O papel da Dança na universidade está relacionado ao desenvolvimento de reflexões sobre o corpo/sujeito, a educação somática, a criatividade, além da manutenção e elaboração de habilidades específicas, produção e criação de trabalhos artísticos, sintonizados com a sociedade atual, que entende a arte do corpo como aquela que concretiza processos e propõe projetos em diálogo com a sociedade em que vive. (PPC/DANÇA-BACHARELADO-UFV 2017, p.11)

Entende-se que o estudante de Dança é cultural e socialmente caracterizado e levado a conviver com os estereótipos e significados empregados pela sua família e pela sociedade na formação escolhida. Nesse sentido, Le Breton (2012, p.29) argumenta que “Muitas são as sociedades, muitas também são as diferentes representações e ações que se apoiam sobre seus conhecimentos”.

Dessa forma, cabe ao estudante a função de interligar e dialogar com os conceitos construídos no âmbito sociocultural com o que realmente é vivenciado e construído em uma graduação em Dança. Assim ele se torna um importante colaborador para as possíveis mudanças paradigmáticas do pensamento sobre sua área, quanto à sua formação, à sua profissionalização e à sua função, nos três eixos de análise: social, cultural e acadêmico.

3.3 (Re)configurando a estereotipia sobre a graduação em Dança

No que se refere aos estereótipos mencionados notou-se que a família e as pessoas em geral estão passando por uma visão diferentes sobre o curso de Dança após o ingresso dos participantes da pesquisa na graduação. Os entrevistados citaram que as mudanças ocorreram devido as informações e diálogos os quais eles puderam esclarecer sobre o curso e seus conteúdos e trazer suas experiências para aos membros das famílias e a pessoas que os indagavam sobre tal graduação.

Ao compreender que o curso busca um aprofundamento teórico e prático e que há uma diversidade de áreas interligadas à Dança, ele passa a ser mais valorizado e a família, estabelece uma confiança maior com relação à sua inserção no mercado de trabalho, pois seu campo de atuação é amplo e permite que ele atue em diferentes e diversos espaços. Dessa forma, os projetos pedagógicos do curso, tanto a licenciatura quanto o bacharelado, mencionam as perspectivas da atuação do futuro profissional que escolhe ingressar na carreira de bacharel e licenciado em Dança.

Segundo o PPC/Dança-bacharelado-UFV (2017, p.18), o curso tem como objetivo “formar coreógrafos, pesquisadores, intérpretes-criadores, produtores, aptos a atuarem no mercado de trabalho de Arte e Cultura, além do ensino não formal, como escolas de dança e academias.” No PPC/Dança-licenciatura-UFV (2017, p.8) às competências do licenciado são:

[...] elaborar e aplicar os próprios projetos pedagógicos de Dança, pesquisas e projetos de composição e de artes corporais; bem como ser capaz de aplicar projetos propostos por outros proponentes em diferentes circunstâncias, em especial no ensino formal, informal e em projetos sociais, conectado com as questões humanas da contemporaneidade.

A transformações das construções sociais em relação à Dança, favorecida pelas informações que o aluno proporciona às pessoas com quem dialoga, provém das experiências adquiridas enquanto estudante. Portanto as identidades dos estudantes são formadas e transformadas de acordo com o meio em que o sujeito está inserido e com as experiências em que ele vivencia nesse ambiente.

Uma experiência vivenciada pela participante Laura (19 anos/2017), mostra como a vivência em ser estudante de Dança pode interferir em sua identidade e consequentemente na maneira que sua família modifica sua percepção e compreensão sobre o curso.

Então, eles achavam que era hobby. Como eu entrei numa graduação e eles veem tudo que eu estou passando aqui agora... vendo que eu não estou simplesmente só dançando, vendo que estou fazendo provas, que estou tendo aulas práticas e teóricas, vendo a minha inspiração... porque eu falo muito dos profissionais que eu vejo aqui, falo das graduações que eles têm, do que eles já conseguiram. Então, agora acho que consegui mudar também, pelo que eu estou levando, pelas fotos que eu posto, pelas coisas que eu falo, pelo meu vocabulário que já mudou muito, pela minha mente que já abriu muito também e principalmente pelas informações que eu levo a eles.

Ao vivenciar esse período da graduação, o aluno pode se transformar, adquirir conhecimento e aos poucos traçar caminhos que o direcionem ao seu futuro profissional. Ao passar por tais vivências, o próprio estudante pode ter uma nova percepção de si mesmo, e essa mudança refletir naqueles a sua volta. Portanto, a família passa a ter um novo olhar para a Dança devido à bagagem que o estudante vai construindo. Dessa maneira ele passa a ser reconhecido pelas potencialidades e relevâncias que o curso pode lhe oferecer.

Em algumas falas dos participantes foi possível verificar que eles trazem as disciplinas abordadas na graduação como um meio de validar e dar uma maior seriedade e compreensão para aqueles que o desconhecem ou o estereotipam o curso. A participante Diva (21 anos/2014) exemplifica a anatomia como uma disciplina que geralmente as pessoas não associam ao ensino de graduação em Dança e quando descobrem que tal disciplina está inserida na matriz curricular do curso, percebem que esse visa um aprofundamento de conteúdos que até então não imaginavam. A participante Ana (19 anos/2016) compartilha essa vivência:

Assim, mudou muito a visão deles, a minha mãe fala: ‘nossa! Estou com vontade de ir fazer faculdade de Dança também.’ Porque é uma coisa que abrange tantas coisas interessantes do corpo humano e que vai para tantos lugares... Vai para o lugar da licenciatura, das escolas, trabalhar com educação, vai para o lugar de terapia, espetáculo também, tudo! No curso de Dança a gente aprende microbiologia celular, anatomia, depois tem fisio, [fisiologia] cinesio [cinesiologia]. A gente vincula todos esses conteúdos na parte prática e aí isso melhora potencialmente na nossa consciência corporal, na forma que a gente vai usar o nosso corpo e vai fazer os trabalhos. Então mudou muito, as pessoas tiram essa visão assim... mais leiga, comum... que até eu tinha, e aí as pessoas pensam assim: ‘olha! tem muito mais que eu imaginava.

Diante desse fato, novamente percebe-se o quanto a transdisciplinaridade é um aspecto forte e fundamental no curso de Dança, agregando conhecimentos de áreas conexas e fortalecendo a visibilidade do curso enquanto sua relevância social e cultural.

Portanto, pode-se dizer que devido ao diálogo estabelecido entre mãe e filha, se reconstruiu conceitos sobre a graduação em Dança. Isso só foi possível devido a novas experiências universitárias vividas pela estudante, que proporcionaram diferentes maneiras de compreender e perceber o universo e o ambiente da Dança enquanto ensino superior.

Além disso, o fato de a própria participante reconhecer que, antes de iniciar a graduação, sua forma de pensar também era limitada ao que lhe foi construído e transmitido socialmente a respeito do que é Dança. Portanto, é possível que através das relações sociais e culturais vivenciadas e pela experiência acadêmica a maneira de compreender a Dança tenha se modificado, ampliando seus conhecimentos e os transferindo para outras pessoas.

Algo semelhante ocorre quando o participante Pedro (21 anos/2015), que consegue despertar em seus familiares o interesse pelo curso de Dança:

Minha família... Eles se interessam mais a ir a teatro, eles perguntam muito o que eu estou fazendo aqui. Eles têm muito interesse acerca do que eu estou cursando, se bobear até mais do que eu. Eu afetei eles de uma forma muito significativa, de uma forma totalmente direta. Principalmente, acho que o fundamental foi isso, despertar neles o interesse, a curiosidade, a vontade de querer saber sobre as artes de um modo geral [...] (PEDRO, 21 ANOS/2015)

Pela fala do participante é possível perceber que a relação e a transmissão dos conhecimentos, das experiências e vivências do estudante na graduação para com a família foram fatores que fizeram com que ele despertasse o interesse maior da família pela arte. Portanto, estabelecendo esse diálogo e essa transmissão cultural dos conhecimentos e vivências, a família e as pessoas em geral podem, aos poucos, despertar o reconhecimento do papel da arte na sociedade e consequentemente do profissional que escolhe essa área como formação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou identificar e discutir os estereótipos enfrentados por estudantes do curso superior em Dança da UFV, e verificando seus impactos na identidade dos estudantes enquanto aos aspectos socioculturais, acadêmicos e familiares.

O trabalho contribuiu para a discussão dos problemas vivenciados pelos estudantes, se fundamentando em suas próprias visões, em relação às construções de estereótipos acerca da forma que a graduação em Dança é entendida pelos familiares. De acordo com as entrevistas realizadas, percebe-se que a maioria dos familiares dos graduandos, desconhecem os reais objetivos do curso de Graduação em Dança, dando-lhe diferentes atribuições. De modo geral, foi identificado que o conceito de dança vem sendo construído socialmente de acordo com a cultura, hábitos, histórias e vivências da sociedade com base na realidade que a cerca. Esses conceitos estão diretamente envolvidos com a forma que o profissional da dança, nesse caso os estudantes de graduação em Dança, são identificados.

Portanto, foi possível verificar com a pesquisa que a visão e os conceitos formados que envolvem a dança são geralmente generalizados, o que faz com que não haja uma distinção das suas diferentes áreas de atuação, como é o caso do graduando em Dança. Quando o ensino superior não é compreendido enquanto suas especificidades e valores, tanto ele quanto o estudante que o escolhe como formação profissional são enquadrados e caracterizados de forma equivocada ou superficial. Diante a esse fato, tal visão quando distorcida pode afetar a valorização e compreensão do estudante enquanto sua área de atuação no mercado de trabalho.

As falas dos participantes também evidenciam que ao apresentar conceitos, conhecimentos e experiências a respeito da graduação para a família, os estereótipos que a envolvem podem progressivamente serem transformados. Dessa forma, é possível que o reconhecimento factual da atuação do estudante na sua área de atuação ocorra, fazendo com que a família busque novos olhares para com a Dança.

Desse modo, o estudante de graduação tem um papel fundamental na propagação dos conteúdos envolvidos no curso e na transformação dos estereótipos pré-estabelecidos sobre a sua área profissional. O estudante atua como um mediador, ao fazer esclarecimentos e ampliar os conhecimentos que envolvem a dança, no contexto social, histórico e cultural onde está inserido.

Dada a importância do tema, torna-se necessário pesquisas que busquem ampliar os conhecimentos que envolvem a temática em questão, sendo possível investigar outros estereótipos envolvidos nessa realidade investigada. Além disso, é pertinente diversificar e expandir os locais de análise, buscando investigar se os resultados encontrados com os graduandos do curso de Dança da UFV, condiz com os contextos sociais, históricos e culturais de outros graduandos em Dança no Brasil e no exterior.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Rita. Ferreira. Formação em dança na Bahia: reconhecimento e contribuição. In: CONGRESSO DA ABRACE - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS. 7., 2012. Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2012. p.1-9.
- BERLATTO, Odir. A construção da identidade social. *Revista do Curso de Direito da FSG*, Caxias do Sul, v.3, n.5, p.141-151, jan./jun. 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CAMPOS, Kátia Nahum. Transmissão geracional: repercussões na escolha da profissão. Rio de Janeiro. *Dissertação* (Mestre em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- CATÁLOGO DE GRADUAÇÃO 2017. Disponível em: <http://www.catalogo.ufv.br>. Acesso em: 2 jan. 2018.
- CONTREIRAS, Clarisse Nunes Muniz. *Mercado de trabalho e perfil profissional: egressos da escola de dança/UFBA*. Salvador. *Dissertação* (Mestre em Dança). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999
- DIFERENÇA ENTRE HOBBY E PROFISSÃO. Disponível em: <http://maringamanchete.com.br>. Acesso em: 10 de jan. de 2018.
- GATTI, Daniela. Graduação em Dança na Unicamp: 30 anos de produção de conhecimento com o corpo e no corpo. In: ROCHA, T. (Org.) *Graduações em Dança no Brasil: o que será que será?*, Joinville: Nova Letra, 2016. p.29-36.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- JORDANI, Paulo Sergio et al. Fatores determinantes na escolha profissional: um estudo com alunos concluintes do ensino médio da região Oeste de Santa Catarina. *Revista ADMpg Gestão Estratégica*, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p.25-32, 2014.
- LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. 5.ed. São Paulo: Summus, 1978.
- LE BRETON, David. *A Sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- LUCHIARI, Dulce Helena Soares. Os desejos familiares e a escolha profissional dos filhos. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v.14 n.20, p.81-92, 1996.

MENEZES, Tayana Dias. A identidade social: uma análise teórica. *Revista Prolíngua*, João Pessoa, v. 5, n. 2, p.16-27, jul./dez., 2010.

NAVAS, Cássia. Centros de Formação: O que há para além das academias? In: TOMAZZONI, Ailton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana. (Org.). *Algumas perguntas sobre Dança e Educação*. Joinville: Nova Letra, 2010. p.78-83.

NEPOMUCENO, Marília. O corpo na dança: uma reflexão a partir dos olhares da indústria cultural. *Pensar a Prática*, Goiânia, v.13, n.1, p.1-19, jan./abr., 2010.

PEREIRA, Marcos Emanuel. Cognição, categorização, estereótipos e vida urbana. *Ciências & Cognição*, v.13, n.3, p.280-287, 2008.

_____. Identidade, avaliação e desempenho escolar. In: José Albertino Lordelo; Maria Virgínia Dazzani. (Org.). *Avaliação educacional: atando e desatando nós*. Salvador: Edufba, v.1, p.201-224, 2009.

PORTAL DA UFV. Disponível em: <https://www.ufv.br>. Acesso em: 2 jan. 2018.

PPC/DANÇA-BACHARELADO - UFV, Departamento de Letras Artes e Humanidades. *Projeto*. Viçosa, 2017. Projeto Pedagógico de Curso. Impresso.

PPC/DANÇA-LICENCIATURA - UFV, Departamento de Letras Artes e Humanidades. *Projeto*. Viçosa, 2017. Projeto Pedagógico de Curso. Impresso.

RODRIGUES, Renato Ribeiro. Sujeito, formação e profissão: um recorte na realidade docente da dança em Goiânia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE SALVADOR. 16., 3., 2009. Bahia. *Anais...* Bahia, 2009. p.1-15.

SANTOS, Adilson Pereira; CERQUEIRA, Eustáquio Amazonas. Ensino Superior: trajetória histórica e políticas recentes. In: IX COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL. 2009. Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 2009. p.1-17.

SILVA, Eliana. Rodrigues. Graduação em Dança no Brasil: professor como orientador e aluno como protagonista. In: INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE; ROCHA, T. (Org.). *Graduações em Dança no Brasil: o que será que será?*, Joinville: Nova Letra, 2016. p.29-36.

STALLIVIERI, Luciane. O Sistema de ensino superior do Brasil: características, tendências e perspectivas. In: UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2006, Caxias do Sul. *anais eletrônicos...* Caxias do Sul: UCS, 2006. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplPadrao/tplCooperacaoCapa/cooperacao/assessoria/artigos/imprimir/sistema_ensino_superior.pdf. Acesso em: 20 set. 2018.

STANKA, Sandro et al. Influências familiares na escolha profissional. In: II CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE DA SERRA GAÚCHA (FSG). 2014. v. 2, n. 2, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul, 2014. p.455-463.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. *Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança*. Campinas: Papirus, 2006.

VALORE, Luciana Albanesa. A problemática da escolha profissional a possibilidades e compromissos da ação psicológica. SILVEIRA, A. F. et al., org. *Cidadania e participação social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p.66-76, 2008. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/hn3q6/pdf/silveira-9788599662885-07.pdf> Acesso em: 02 jan. 2018.

ARTIGO 3

ESTEREÓTIPOS E SEUS IMPACTOS NA ESCOLHA DA GRADUAÇÃO EM DANÇA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Resumo: As construções de gênero e de dança são fruto das representações sociais, culturais e históricas que possibilitam que esses conceitos sejam compreendidos em diversos contextos. A visão acerca das idealizações de gênero pode reverberar nas construções de estereótipos sobre a graduação em Dança e, conseqüentemente, em seus aspectos profissionais. Ao escolher uma área de atuação que não atende aos padrões de gênero estabelecidos socialmente, os estudantes podem ser muitas vezes excluídos, desvalorizados profissionalmente, caracterizados e identificado de forma pejorativa pela sociedade. Diante de tal fato, a presente pesquisa buscou identificar e discutir sobre os estereótipos construídos socialmente e culturalmente acerca das questões de gênero e sexualidade que envolvem a escolha de formação do estudante de graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa-MG. O estudo é de natureza exploratória e descritiva, a qual teve como foco problematizar experiências dos estudantes de Dança acerca dos estereótipos ligados à gênero e sexualidade. A pesquisa pode ser tratada como um estudo de caso, visto que teve como foco interpretar um fenômeno contemporâneo em suas diferentes perspectivas, mediante a coleta de dados a partir de entrevista semiestruturada. A descrição e análise dos resultados foram interpretados de forma qualitativa, em uma abordagem textual discursiva, por envolver questões particulares ao universo dos sujeitos, discutidos a partir dos referenciais teóricos sobre o tema. Dentre os resultados alcançados, dois estereótipos mais se destacaram: a visão da dança como uma atividade exclusivamente feminina e a sua associação a homossexualidade. Tais estereótipos refletem no ensino superior em Dança e reforçam a distinção de gênero, afetando a procura do curso de graduação por homens devido ao receio de serem julgado socialmente, afetando sua identidade.

Palavras-chave: Estereótipos; Graduação em Dança; Identidade; Gênero; Sexualidade

STEREOTYPES AND ITS IMPACTS ON THE CHOICE OF CURSING GRADUATION IN DANCE: A GENDER AND SEXUALITY ISSUE

Abstract: The constructions of gender and dancing are elements, fruit of social, cultural and historical representations that enable these concepts to be understood, accomplished and appreciated in different contexts. The vision about gender idealizations can reverberate in the constructions of stereotypes associated to the graduation in dance and, consequently, what regard to the professional aspects. When a field of work that does not meet socially established gender standards is chosen, students can often be excluded, professionally devalued, characterized and pejoratively identified by their social group. Faced with such fact, the present research aimed to identify and discuss socially and culturally stereotypes constructed among issues of gender and sexuality that involves the choice of undergraduate student enrolled in the course of dance of the Federal University of Viçosa-MG. The study nature is exploratory and descriptive, which focused on analyzing, discussing and improving concepts through the participants' experiences involved with the issue. The research can be treated as a case study, as it had its focus in interpreting a contemporary phenomenon in its different perspectives, that occurred through a data collect from a semi-structured interview, that made possible to establish a dialogue about the problem investigated. The results description and analysis of the study were interpreted qualitatively in a discursive textual approach. This model was chosen because it is a reality where the data can not be quantified, since it involves personal questions about universe of the subjects discussed from the theoretical references on the subject. Among the results achieved, two stereotypes stand out: the view of dance as an exclusively female activity and its association with homosexuality. Therefore, according to the data collected of the students, such stereotypes reflect in higher education in Dance and reinforce the gender distinction, affecting the demand of undergraduate courses by men due to the fear of being socially judged, thus affecting their identity.

Keywords: Stereotypes; Graduation in Dance; Identity; Gender; Sexuality.

1. INTRODUÇÃO

O corpo é carregado de significado e simbologia, provenientes de uma construção histórica, social e cultural. De acordo com Le Breton (2012) as ações que envolvem esse corpo e a forma que ele vai ser percebido e compreendido estão ligadas às intenções, aos hábitos e aos costumes construídos socialmente. Os modos de ser e agir desse corpo envolvem, de acordo com Mauss (2003), técnicas corporais, já que cada cultura cultiva os seus corpos utilizando técnicas diferenciadas que possibilitam a construção das distinções, dentre elas, as de gênero.

No que se refere a construção de gênero, Alencar (2012, p.61) coloca que: “A concepção de gênero se desenvolveu por meio dos intercursos entre movimentos feministas e pesquisadoras interessadas nesse tema, oriundas de diversas áreas, tais como história, sociologia, antropologia, ciência política, demografia, etc”.

De acordo com Santos (2013, p.45) o conceito de gênero engloba as relações humanas, dando “[...] espaço para as reflexões sobre a importância de se compreender as características do masculino como elemento fundamental para as explicações das diferenças de gênero.”

De acordo com Bourdieu (2012), as diferentes representações do que é “ser homem” e “ser mulher” são estabelecidas no contexto social em que se vive. Farias (2017) ainda confirma que tais modos de “ser” são construídos e reconstruídos de forma constante e que o “constituir-se mulheres ou homens envolve discursos, práticas, premiações.” (p.1). Portanto, a sociedade molda e define os papéis sociais, sendo eles, permeados por valores culturais que são transmitidos e reproduzidos historicamente, “ensinando” os modos de ser homem e os modos de ser mulher. Tais modos são definidos e inseridos na sociedade onde a dicotomia entre os papéis sociais são continuamente reforçados por diferentes estratégias sociais. A autora ainda exemplifica as construções de tais papéis dizendo que:

Após nascer, meninos e meninas receberão roupas, brinquedos, discursos e regras de comportamento que irão canalizar o que é visto como certo ou errado, de acordo com o que se espera da criança, em função de seu sexo. Às meninas são ensinadas a serem meigas, vaidosas e prendadas para as tarefas domésticas. Nesse processo pedagógico, antes de aprender a andar, a menina já recebe uma boneca e treinará a amamentação, visando desenvolver a aptidão para a maternidade. O menino, por sua vez, não poderá chegar perto de uma boneca, pois, tabus os informarão que se ele brincar com boneca será visto como “mulherzinha”. Em suas vivências, a criança vai introjetando as normas

que dizem o que é certo ou errado em função do seu sexo e agindo conforme as expectativas sociais. (FARIAS, 2017, p.2)

Dentre as diversidades de discursos e normas que definem as construções de gênero, está a dança, que é percebida muitas vezes como uma atividade predominantemente feminina. Os estereótipos que envolvem essa percepção estão atrelados a uma imagem de que a dança muitas vezes gera uma ideia de suavidade, de leveza, de flexibilidade, de serenidade, de delicadeza, o que na realidade requer muitos treinos, esforços físicos e força, fazendo com que essa, não seja compreendida de forma factual. Tais estereótipos mencionados em relação à dança estão correlacionados ao papel social de feminilidade, cabendo à mulher o desempenho de tal representação. Desse modo, a associação entre dança e feminilidade pode envolver uma relação direta desta com o que o sujeito compreende e conceitua o que é dança, permeado pelas construções históricas e culturais que abarcam aquele que a pratica de acordo com os modos de “ser” homem e “ser” mulher socialmente determinados.

Na dança as representações do masculino e feminino também, são diferenciadas, uma vez que o profissional da área carrega em seu corpo e em sua atuação expectativas quanto à sua sexualidade, e essas podem corresponder ao que Cuche (1999) chama de eixo-identidade, que acontece quando alguém identifica o outro com algo que ele próprio não se identifica. Ou seja, as formas de caracterizar o sujeito de acordo com padrões vistos como apropriados para cada sexo, podem implicar em construções de estereótipos.

Os comportamentos sociais determinados à feminilidade encontram-se em oposição aos padrões da masculinidade. Espera-se que o homem seja forte, viril e dominador (BOURDIEU, 2012). Portanto, se a dança é compreendida como uma atividade feminina, espera-se que quem a realize se insira na classificação do feminino e não do masculino. Essa visão também pode ser estendida ao ensino superior em Dança, visto que ele é uma das formas de formação daquele que visa se profissionalizar na área.

Portanto, a forma que a dança é percebida envolve construções de gênero, que podem afetar a identidade do estudante, com base na dicotomia homem/mulher, feminino/masculino enquanto fator que possa não corresponder ao ideal que a sociedade espera que ele desempenhe. Desse modo, o graduando pode ser desvalorizado e julgado de forma preconceituosa e equivocada, de acordo com sua escolha profissional, afetando assim sua identidade.

Essa pesquisa busca fazer um paralelo entre a formação em Dança, gênero e orientação sexual, buscando compreender os diversos aspectos que envolvem as

construções culturais e históricas de uma sociedade que molda e define papéis sociais, sendo impregnada de valores culturais que são repassados e reproduzidos historicamente, que ensinam modos de ser homem e de ser mulher. Nessa perspectiva, busca também identificar e discutir sobre a existência de estereótipos que possam justificar a preponderância de um determinado gênero (masculino ou feminino), assim como a relação entre a orientação sexual do estudante do sexo masculino com a escolha em cursar graduação em Dança.

2. PROCESSOS METODOLÓGICOS

Para este estudo buscou-se trabalhar com uma pesquisa do tipo qualitativa, por se tratar de questões particulares ao universo dos sujeitos, que não tem como ser quantificadas. Segundo Minayo (1996, p.21-22), esse tipo de pesquisa [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, [...]”. Dessa forma, a pesquisa emerge em nos diversos aspectos que envolvem as construções culturais e históricas de uma sociedade que molda e define papéis sociais acerca da construções de gênero no quem envolve a graduação em Dança. Portanto tal análise não pode ser tratada de forma quantitativa, pois o que se almeja na investigação “[...] não é captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1996, p.22).

A pesquisa também é de natureza exploratória e descritiva. A natureza exploratória, de acordo com Gil (2002, p.41), visa uma “familiaridade com o problema”, possibilitando analisar e aprimorar conceitos sobre a dança de acordo com as experiências dos participantes com o problema envolvido. A natureza descritiva busca “[...] levantar as opiniões, atitudes e crenças da população escolhida em relação ao conteúdo pesquisado” (GIL, 2002 p.42). Para a pesquisa o relato do participante de acordo com o contexto em que se encontra foi relevante, pois foi levado em consideração sua opinião e comportamentos frente ao problema pesquisado.

Para o aporte teórico, foram utilizados artigos, dissertações, teses e livros disponíveis nos bancos de dados da Capes e Scielo. Foram utilizadas as palavras-chave: Gênero e Dança, Sexualidade e Dança, Estereótipos de Gênero na Dança; e selecionados os artigos de acordo com o título e posteriormente pela leitura dos resumos. Dessa forma alguns autores podem ser mencionados, enquanto colaboradores para a discussão da Dança, Sexualidade e Gênero como: Giuliano Andreoli (2010 e 2011), Andréa Souza (2007) e Ageniana Espíndola (2017). Alguns livros que abordam tal temática, também, foram utilizados como as obras dos autores Judith Lynne Hanna (1999) (*Dança, sexo e gênero: Signos de identidade, dominação e desejo*) e Cláudio Lacerda (2010) (*Representações da Masculinidade na dança e no esporte: um olhar sobre Nijinsky e Jeux*).

Alguns autores permitiram a compreensão e discussão das construções e representações culturais, históricas e sociais de gênero e seus impactos na identidade do

sujeito, sendo destaque Guacira Lopes Louro (1997, 2000 e 2008), e Pierre Bourdieu, (2012), e David Le Breton (2012).

Participantes da pesquisa

Para a pesquisa participaram 24 estudantes da Universidade Federal de Viçosa que estivessem matriculados no curso de graduação em Dança. A amostragem foi do tipo não-probabilística visto que não seria viável, devido ao tempo da pesquisa, realizar uma entrevista e compilar dados de toda a população de alunos matriculados no curso, o que totalizaria 111 ingressos.

De acordo com o PPC/Dança-bacharelado-UFV (2017), o período mínimo para a formação em Dança é de 3 anos e meio e de acordo com o PPC/Dança-licenciatura-UFV (2017), o mínimo é 4 anos. Buscando abarcar de alguma forma o período mínimo de formação, foram convidados os alunos dos anos, 2014, 2015, 2016 e 2017, sendo selecionados de acordo com o interesse e disponibilidade em participar da pesquisa 6 alunos de cada ano o que totalizou os 24 participantes. Dentre eles 12 são do sexo masculino e 12 do sexo feminino, e a idade variou entre 17 a 41 anos.

Instrumentos da Pesquisa

Buscando uma investigação que permitisse problematizar e refletir sobre algumas inquietações que envolvem a pesquisa foi escolhido como ferramenta a entrevista semiestruturada. Esse instrumento de pesquisa foi determinante para investigar os aspectos relativos às questões de gênero e sexualidade que envolveram a coleta de dados.

Para a entrevista foi disponibilizada uma sala do Departamento de Artes e Humanidades – DAH, para que fossem realizadas sem a interrupção de pessoas, e para que a gravação também não sofresse interferência externa com barulhos e ruídos que pudessem vir a prejudicar a transcrição das falas. Os horários e dias das entrevistas foram escolhidos de acordo com a disponibilidade do participante, sendo a duração da mesma de aproximadamente 50 minutos. Posteriormente a realização das entrevistas, foi feita transcrição dos áudios para que fosse realizada uma pré-análise dos conteúdos.

Os resultados e as discussões permitiram identificar, compreender e discutir sobre os estereótipos construídos socialmente e culturalmente acerca das questões de gênero e sexualidade que envolvem a escolha em ser estudante de graduação em Dança da

Universidade Federal de Viçosa em Minas Gerais.

Antes da pesquisa foi apresentado aos participantes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE o qual todos assinaram, visando atender aos aspectos éticos e informar os participantes sobre os procedimentos e riscos submetidos, havendo o seu direito de desistir em qualquer momento da mesma. A pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética da UFV com o parecer nº 2.160.201 e CAAE: 69771317.5.0000.5153.

Durante a discussão dos resultados os participantes não tiveram seus nomes expostos, sendo esses alterados por nomes fictícios precedidos de sua idade e ano de ingresso na instituição.

Tratamento dos Dados

Os dados encontrados na presente pesquisa foram tratados qualitativamente visto que essa tem como foco de abordagem “[...] aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32).

Dessa maneira, foram formadas 2 categorias com base na semelhança e reincidência das respostas dos participantes, sendo sistematizada nas temáticas Gênero e Sexualidade, apresentadas em:

1- A Construção da Feminilidade na Graduação em Dança. Nesta categoria buscou-se apresentar e discutir as construções de gênero e estereótipos que determinam a caracterização do feminino na Dança impactando na preponderação de tal gênero no Ensino Superior.

2 - Reflexos da Graduação em Dança na Orientação Sexual do Gênero Masculino. Nesta categoria discutiu-se os marcadores de gênero, buscando aprofundar os aspectos que tratam da construção social da masculinidade, refletindo sobre os estereótipos relativos à orientação sexual, como fator determinante para aquele que escolhe a graduação em Dança como formação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A Construção da Feminilidade na Graduação em Dança

De acordo com os dados obtidos pela coordenação do curso de Dança da UFV⁶ ingressaram 111 alunos entre os períodos de 2010-17, nas modalidades de Licenciatura e Bacharelado. Ao analisar o corte temporal da presente pesquisa - 2014 a 2017 - que equivale ao tempo médio de duração do curso, observou-se que pelo total de alunos neste período (77 alunos), 23 são homens e 54 mulheres. Esses dados comprovam a afirmação dos participantes de que há uma predominância de mulheres no curso sendo essas equivalentes a 70,1% em comparação a 29,9% dos homens.

Sobre o total de alunos que ingressam anualmente, em 2014 foram admitidos 14 alunos, sendo 9 mulheres e 5 homens. No ano de 2015 foram 17, sendo 13 mulheres e 4 homens. Em 2016 ingressaram 23 alunos, sendo 10 homens e 13 mulheres e em 2017 foram 19 mulheres e 4 homens. Diante de um número maior de mulheres, foi necessário investigar quais os fatores que justificam a predominância do gênero feminino no quadro de discentes no curso de Dança da UFV.

Na fala dos entrevistados, destacou-se a percepção de que a dança é categorizada socialmente como uma atividade eminentemente pertencente ao universo feminino. Essa visão pode ser decorrente de um esquema grupal, que:

[...] pode ser caracterizado como o conjunto ordenado de crenças disponíveis que permite definir os atributos de um grupo social. A presença de um esquema sobre um grupo social é suficiente para influenciar a percepção que se tem sobre os membros deste grupo, interferindo em processos como o foco de atenção, a interpretação da ação, assim como sobre o julgamento e o comportamento a ser adotado em relação aos membros do grupo percebido (PEREIRA, 2009, p.210).

A entrevistada Laura (19 anos/2017) menciona que tal construção social faz com que a sociedade defina a dança como uma atividade feminina o que gera um preconceito quando essa graduação é realizada por homens. “Eu acho que na nossa sociedade ainda tem um preconceito muito grande com relação ao homem que dança. Eu acho que a visão que é passada pra gente é que a dança é uma coisa feminina [...]”.

⁶ Os dados foram obtidos pela Coordenação do Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa em julho de 2017.

O estereótipo de gênero em relação à dança, vista como uma atividade feminina, pode ser compreendida e caracterizada pela idealização dos modos de ser, pensar e agir que são construídos de acordo com o meio social e cultural em que os sujeitos estão inseridos. Diante da percepção da dança como uma área feminina, quando um homem opta por esse curso, a sociedade percebe essa opção como algo que foge dos padrões construídos como “certo” ou “natural”. Ou seja, sendo a dança considerada feminina, não seria “natural” o homem buscar essa formação.

Esta questão do “certo” ou “natural”, vem ao encontro com o que Bordieu (2012, p.17-18) cita em sua obra *A dominação Masculina*, sobre o corpo do homem e da mulher serem fatores simbólicos significativos, enquanto base das construções determinantes dos papéis a serem desempenhados por cada sexo. Essa divisão “[...] parece estar na ‘ordem natural das coisas’ [...]”, fazendo com que essa seja apontada como algo tão natural, que acaba sendo incorporada, “[...] nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistema de esquemas de percepção, de pensamento e de ação”.

[...] múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência (LOURO, 2000, p.6).

Esse pertencimento a um grupo social, acaba caracterizando, de acordo com Bourdieu (2012, p.18), corpos como “[...] depósito de princípios e de visão e de divisão sexualizantes”. Semelhantemente, Le Breton (2012) fala sobre a divisão sexualizante que se faz do homem e da mulher desde a formação biológica:

O homem possui a faculdade de fecundar a mulher enquanto essa conhece menstruações regulares, carrega em si a criança que coloca no mundo e em seguida aleita. Aí estão os traços estruturais em torno dos quais as sociedades humanas acrescentam infinitos detalhes para definir socialmente o que significa o homem e o que significa a mulher, as qualidades e o status respectivo que enraizam suas relações com o mundo e suas relações entre si. (LE BRETON, 2012, p.65)

Essa divisão para definir os papéis do homem e da mulher, acabam por produzir certas visões estereotipadas que podem, de acordo com Pereira, Modesto e Matos (2012, p.203) definir, simplificar e organizar uma realidade, como também podem servir para “[...] justificar e racionalizar as ações e condutas”, na sociedade.

Ou seja, essas divisões sexualizantes ou de papéis, da masculinidade e feminilidade do sujeito podem ser compreendidas como uma situação esperada ou excêntrica. Louro (2008) afirma que quando nos afastamos de um padrão entendido como adequado, buscando “sair do centro”, o sujeito resulta em um ser excêntrico.

O conceito de centro vincula-se, frequentemente, a noções de universalidade, de unidade e de estabilidade. O indivíduo e as práticas culturais que não ocupam este lugar recebem as marcas da particularidade, da diversidade e da instabilidade. (p.44)

O participante Paulo (41 anos/2017) reforça esse apontamento quando menciona a sua própria experiência como homem que cursa graduação em Dança: “Quando há essa quebra de paradigma [...] vem um homem e entra em um curso que eles [sociedade] predeterminaram como sendo feminino. Aí meu caso, por exemplo, entrei aqui! Eles já falam [...] está fora do padrão.”. O participante Toni (19 anos/2016) também acredita haver uma aceitação melhor da família quando é uma mulher que escolhe realizar este tipo de graduação, ao invés do homem. “Acho que também é muito mais fácil ‘pras’ famílias aceitarem que a menina está fazendo um curso de Dança do que o menino, com certeza.”

As construções sociais e culturais de gênero que envolvem a dança e o ato de dançar podem reverberar na maior concentração de mulheres na graduação em Dança, visto que a sociedade ainda percebe como incomum o homem realizar uma atividade que é percebida socialmente como feminina. Na percepção de Le Breton (2012, p.66):

As características físicas e morais, as qualidades atribuídas ao sexo, dependem das escolhas culturais e sociais e não de um gráfico natural que fixaria ao homem e à mulher um destino biológico. A condição do homem e da mulher não se inscreve em seu estado corporal, ela é construída socialmente.

Compreendendo o “ser feminino” e o “ser masculino” por meio das características construídas socialmente, historicamente e culturalmente, acredita-se que o fato da dança ser conceituada como uma atividade feminina, também, decorra de um mesmo trajeto. Para que seja possível refletir sobre tais construções é importante buscar os fundamentos que possam explicar o fato da dança ter tal caracterização social, o que contribui para a reprodução de tais costumes, reforçando as diferenças, e consequentemente afetando a escolha da graduação em Dança em sua maioria por mulheres.

A dança, em seu sentido amplo, por ser considerada como “[...] a mais digna e nobre manifestação das capacidades do ser humano” (LIMA, 1993, p.17), faz com que o

homem explore seus sentimentos e expresse sua percepção de mundo. Porém, a construção do que é a dança, ocorre de acordo com a relação do indivíduo com o mundo, com a sua realidade de vida e com o que é transmitido, percebido, assimilado e propagado historicamente, culturalmente e socialmente.

Todavia, quando o estudo dessa linguagem artística se submerge em questões que envolvem gênero, algumas modalidades como o balé clássico, surgem principalmente quando os participantes fazem a associação com as suas experiências de vida e na dança. Por exemplo, o participante Toni (19 anos/2016) comparou as movimentações do balé clássico a ações de cunho feminino: “Acho que cai muito nesse lugar de cultural, da ‘bailarina do balé’, o balé é leve, ele é clássico, então a gente tem que assimilar essas qualidades sensitivas da mulher e da delicadeza dela.”. A participante Diva (21 anos/2014) também acredita que essa supremacia feminina na dança é muito grande, devido à tradição, advinda do balé.

Neste sentido, vê-se que, o balé citado pelos entrevistados, é relevante como a modalidade que representa o papel da feminilidade na dança. Todavia é interessante destacar que antes desta modalidade ser criada, no período do Renascimento (França) e do Quattrocento (Itália), por volta dos séculos XV e XVI, a dança, principalmente da corte era realizada pela elite social e pelos homens (BOURCIER, 2006).

De acordo com Rodrigues (2009) Luís XIV, amante da dança, mais conhecido como Rei Sol⁷ foi o responsável pela criação da primeira escola de dança a *Academia Real de Dança e de Música de Paris*, fundada no ano 1661. Nesse contexto, Charles Louis Pierre de Beauchamps, professor de Luís XIV, ficou conhecido pela evolução da dança clássica, lapidou e transformou os passos do ballet de corte criando e codificando a terminologia do balé clássico que é conhecido atualmente.

Hanna (1999, p.184) coloca que “Como as mulheres bem-educadas não apareciam em palcos públicos, os homens dançavam os papéis das mulheres como travestis”. Nesse período o homem tinha sempre o papel de destaque e ainda de acordo a autora, seus figurinos não restringiam tanto a movimentação em cena, o que poderia expor mais seu virtuosismo. Nascimento e Afonso (2013) ainda colocam que o rei Luís XIV, também, atuou nos papéis femininos em seus espetáculos. Segundo Andreoli (2011), o papel do homem nesse período estava associado a um papel patriarcal atencioso, ou seja, o homem

7 O reinado de Luís XIV foi marcado pelo luxo e beleza. O Sol foi utilizado por ele como forma de representação da ordem, sendo também o astro que dá a vida. (BURKE, 1994)

tinha um papel refinado, com gestos suaves e afetuosos. Portanto, ser cortês validava a sua masculinidade.

Já na época do Romantismo, por volta do século XIX, o então balé de repertório se firmou na Europa e o surgimento da dança nas pontas dos pés⁸. Na Ópera de Paris, ano de 1832, o primeiro balé nas pontas foi *La Sylphide*, com Marie Taglioni, com o tema do amor entre mortais e espíritos (BOURCIER, 2006). Os nomes de coreógrafos se espalhavam pela Europa, sendo Marius Petipa uma importante figura do ballet, criador da maioria dos balés de repertório, como *Dom Quixote*, *Bela Adormecida*, *Lago dos Cisnes*, entre outros.

É importante, observar que todos os processos de mudança do repertório artístico, como o da dança, estão intrinsicamente ligados com as mudanças de pensamento da época e da sociedade. Andreoli (2011), cita que com a revolução industrial os papéis antes estabelecidos aos homens foram transformados, devido à nova formação histórica e econômica da época. Rodrigues (2009, p.5) ainda reforça que:

As revoluções francesa, industrial e as guerras napoleônicas no século XIX representaram a desestruturação social aristocrática e a passagem do controle dos bens e riquezas à burguesia. Significando em dança a construção do balé romântico responsável pela supervalorização feminina e secundarização masculina, no desenvolvimento da técnica sobre a ponta dos pés e das sapatilhas para as mulheres.

Atenta-se ao fato de que os homens não perdem sua supremacia, ela é apenas modificada enquanto forma de representatividade. As mulheres, devido ao significado da imagem e qualidade feminina associada a beleza, leveza, suavidade e transcendência passaram a ser consideradas “[...] as principais figuras dos espetáculos, enquanto os homens passaram a ser coadjuvantes.” (NASCIMENTO; AFONSO, 2013, p.221).

Um período responsável por essa transposição de funções e representatividade na dança e nas Artes em modo geral, foi o da Revolução Industrial, que afetou diversos aspectos do cotidiano de muitas pessoas, de modo que houve inúmeras repercussões. Entre elas, a representação da figura masculina se modifica e passa a ser “[...] associada com a produção, a eficiência, a racionalidade e a produtividade” (ANDREOLI, 2011, p.162), enquanto a mulher ainda se destaca no papel do ser sensível e do espírito materno.

8 A dança nas pontas dos pés foi o período que deu o surgimento da sapatilha de ponta. Restrito às mulheres, elas foram criadas para trazer a imagem de mais leveza e a natureza etérea das bailarinas. Salienta-se que tal imagem confronta com a realidade do sacrifício e dor causados pelos movimentos em tal calçado. SAPATILHAS DE PONTA. Disponível em: www.dancaempauta.com.br Acesso em: 10 abr. 2018

Representação essa que perdura até os dias atuais (século XXI) como se pode observar na fala de Ana (19 anos/2016):

Eu acho que tem muito preconceito com o homem de fazer um curso de dança porque ele é visto como curso feminino. Mas acho que o patriarcado que coloca a mulher como sensibilidade e homem como produtividade. [...] tudo é uma construção social. (ANA, 19 ANOS/2016)

Ou seja, os papéis da masculinidade e da feminilidade citados pela participante como a sensibilidade para a mulher e a produtividade para o homem, podem ser compreendidos de acordo com o que Louro (1997) aborda como sendo adjetivos, construídos e atribuídos de forma geral aos homens e mulheres. Tais construções de adjetivações desses papéis como: “[...] a menina é carinhosa, delicada e meiga e o menino é durão, corajoso e forte”, são construídos a cada gênero, pelos reflexos dos paradigmas socioculturais,

Ao associar a dança aos adjetivos apontados como feminino (menina/delicada por exemplo), mesmo a mulher, de acordo Louro (1997), ter conquistado seus direitos civis (século XVIII), políticos (século XIX) e sociais (século XX), nota-se que a visão da dança não fazer jus aos adjetivos masculinos (fortão/durão) ainda são predominantes. Dessa forma, tal fator acaba contribuindo para a construção de estereótipos que possam afetar e dificultar o sujeito a desempenhar uma atividade que gostaria de realizar devido a forma que ela é julgada pela sociedade.

Para entender os estereótipos ligados à dança é necessário compreender os papéis e comportamentos esperados tanto dos homens, quanto das mulheres. Kleinubing (2009, p.43) salienta que esses papéis “[...] estão intrinsicamente ligados a estereótipos construídos pela sociedade a fim de categorizar e ‘normalizar’ atitudes femininas e masculinas”, ou como diz Andreoli (2011) servem para “naturalizar” e padronizar gestos e movimentos que devem ser característicos e apropriados a cada corpo e gênero.

Essa padronização de gestos, ações e atitudes característicos do homem e/ou da mulher são cultivados e incentivados desde a infância, como cita o participante Zico (24 anos/2015) “[...] elas [meninas] são mais estimuladas a dançar, porque parece ser super bonito colocar uma menininha no balé, toda bonitinha de rosa, sapatilhazinha. Raramente você vai ver um pai colocando um menino”. O participante Juca (22 anos/2014) também compartilha sua visão, e fala que “[...] quando a menina é pequenininha lá, ela vai no balé,

se despertar interesse, à medida que ela cresce, ela vai continuar no balé. Que família vai querer colocar o seu filho [homem] no balé?”

É interessante analisar a fala do participante Zico (24 anos/2015) e Juca (22 anos/2014), principalmente, quando este faz o uso, no sentido pejorativo, do diminutivo das palavras: “menininha”; “bonitinha”; sapatilhazinha”. Furlani (2008, p.70) aborda que este uso sintético e de grau na linguagem, também é habitual como uma forma de mostrar as diferenças pela influência de uma cultura hegemônica que remete a uma relação comumente considerada mais própria da natureza ou da essência de cada gênero. Para as mulheres predominam o uso do diminutivo como: “[...] menininha, bonequinha, princesinha [...]”; para os homens uso do aumentativo como: “[...] garotão, menino, filhão [...]”.

Todavia, essa representação que o autor supracitado argumenta é ponderada pela participante Sara (25 anos/2015), como uma forma de preconceito às questões que envolvem os papéis relacionados a feminilidade e a masculinidade:

O preconceito que começa desde pequeno, com meu sobrinho uma vez alguém da família brincou e falou: ah vou te colocar no balé, aí ele: “Não! Balé não! É de menina.” Os meninos vão fazer lutinha, capoeira, e as meninas vão fazer balé, as vezes nem dá abertura pra entrar os meninos. As vezes os pais também não comentam dessa diferença em casa, mas aprende com o coleguinha, que balé é coisa de mulherzinha, que a lutinha é só de menino, aí vem trazendo isso pra própria vivência, você cresce já com uma mente bastante limitada.

Tais representações da masculinidade e feminilidade podem ser vista de forma progressiva, como cita Lacerda (2010) que geralmente, se tratando da infância, o jogar futebol e o brincar de carrinho é uma atividade mais indicada para meninos, ao contrário da menina que faz balé e brinca de casinha e boneca. Nesse sentido, Naat e Carrieri (2016, p.128) colocam que:

Fundamentos preconceituosos e equívocos recorrentes seguem naturalizando o que não é natural e atribui ao homem e mulheres papéis que os aprisionam em lugares demarcados, promovendo a exclusão e a demarcação de espaços distintos para homens e mulheres.

Eli (19 anos/2017) também traz tais adjetivações enquanto formadoras da feminilidade e a masculinidade, que podem ser percebidas nas ações do corpo, isto é, no que se espera em relação do homem e da mulher. A experiência vivenciada pelo estudante evidencia o quão é significativo socialmente e culturalmente a naturalização das diferenças conforme as gestualidades, atribuída a cada sexo.

[...] Desde criança até então, nós, homens, somos educados a ver que sensibilidade não é o que pode ser mostrado por nós. A sensibilidade é mais permitida socialmente para mulheres e para os homens nem tanto, isso está começando a mudar de leve agora. Mas no momento em que eu vivi no meu crescimento, existia essa preocupação de não poder se expressar com o corpo da forma que eu queria. Por exemplo, as vezes eu fazia um movimento, sei lá, muito solto sabe, quando eu era criança, tipo pulava de um jeito engraçado digamos assim. Eu lembro da minha tia olhando pra mim e falando: 'Pode parar! Pode parar! Anda direito, conserta esse corpo aí.' Ficava aquela coisa de tem que ser assim, o maleável e flexível não podia, tinha que ser algo... Mostrar vigor, mostrar força, mostrar que tem um corpo preparado pra atacar em uma guerra, sei lá. (ELI, 19 anos/2017)

Todas essas construções sociais do corpo e suas ações podem, também, ser compreendidas no universo da dança.

Os usos do corpo, dentro dos mais diversos estilos de dança, podem ser analisados como mecanismos de normatização, de aplicação das normas de gênero, que investem na produção de determinados tipos de corpos masculinos ou femininos (ANDREOLI, 2010, p.111).

Diante do exposto pelos entrevistados, foi percebido que a associação da feminilidade à dança faz com que as mulheres tenham uma melhor aceitação em realizá-la em comparação ao homem, o que impacta naqueles que a buscam como curso de formação superior.

Foi também mencionado pelos participantes que os reflexos da feminilidade associados à dança podem afetar de forma significativa na formação de estereótipos que envolvem a orientação sexual do homem. Pereira (2009, p.218), fala que a reputação do sujeito frente ao seu grupo é colocada em prova fazendo com que ele tenha uma apreensão de como vai ser julgado pelo meio em que ele está inserido. “Para ser mais exato, é o temor de que o próprio comportamento venha a confirmar uma reputação que se aplica aos membros do grupo ou categoria social ao qual se pertence.”

3.2 Reflexos da Graduação em Dança na Orientação Sexual do Gênero Masculino

Como já mencionado, a associação da dança com a feminilidade reflete na masculinidade. Com as entrevistas realizadas foi possível perceber a relevância em discutir a dança como uma atividade correlacionada ao feminino, mas é impossível não falar sobre outro estereótipo que envolve as representações de gênero e sexualidade. O rótulo que a sociedade coloca em relação a orientação sexual do homem que faz Dança.

A participante Joana (18 anos/2017), por exemplo, menciona os estereótipos em questão de gênero na escolha em cursar a graduação em Dança: “Tipo assim... acho que está no estereótipo na sociedade, toda mulher que veio fazer dança é bailarina e todo homem é gay, homossexual, bailarino que veio cursar”. A participante Jade (21 anos/2016) percebe alguns rótulos sobre aqueles que escolhem tal profissão “[...] as pessoas têm essa visão, ou é mulher ou é gay.” O participante Carlos (35anos/2014) também fala que:

Tem toda a relação da estranheza de ter um homem hétero no curso de Dança, porque ‘pra’ eles ou é mulher ou homossexual, as pessoas até assustam... Já tem três anos que estou aqui e as pessoas continuam me perguntando se sou hétero mesmo porque eu faço curso de Dança.
(CARLOS, 35ANOS/2014)

Já a participante Marta (23 anos/2015) menciona que o fato da Dança ser percebida como uma atividade feminina pode contribuir para a concepção de que todo homem que faz Dança seja visto como homossexual: “As pessoas acham que Dança é só pra menina, que é uma coisa afeminada, aí o homem que faz Dança é gay... fez Dança é gay”. Percebe-se novamente que a Dança é construída sob o signo do feminino fazendo com que sejam criados papéis que recaem sobre as mulheres e homens que optam por realizar tal curso. De acordo com a visão dos estudantes, entende-se que há uma “aceitação” social melhor da mulher realizar o curso de Dança, visto que ambos, (dança e mulher) “pertencem” ao padrão socialmente idealizado como feminino. Portanto, quando o homem, escolhe realizar tal curso é como se ele rompesse com os referenciais masculinos e quisesse “pertencer” ao feminino. Por realizar um curso tido como feminino, ele passa a ser visto como afeminado e, conseqüentemente, é considerado homossexual. Na visão de Pereira (2009, p.214):

A vida social humana ocorre em um contexto de relativa incerteza e esta característica permite caracterizar o julgamento social com uma tarefa implementada de acordo com um raciocínio fundado sobre o critério da probabilidade.

Souza (2007, p.59) afirma que os sujeitos “Ao nascerem do sexo masculino, ‘herdaram’ as diversas expectativas sociais e familiares do que é ser homem, inclusive em termos de sua sexualidade – como se tudo estivesse determinado pela natureza.” Nessa direção, o homem que contrariar a ordem “natural” das coisas, são muitas vezes excluídos, ignorados e discriminados pela sociedade, uma vez que não se enquadram em tal condição (LOURO, 2008). De acordo com Bourdieu (2012), essa construção, que visa

perpetuar a dominação simbólica exercida pela figura masculina, pode ser explicada nas ações sexuais, cabendo ao “ator masculino” o papel de ativo e penetrante, e ao papel feminino o seu apostado, passivo e penetrado.

Consequentemente, na Dança, muitos homens são rotulados como homossexuais, visto que ele realiza uma atividade que instiga o questionamento da identidade masculina e sua dominação. No artigo “*O espaço social e a identidade sexual na pós-modernidade*”, a autora Naiane Silva (2007) discute o padrão visto como “natural” e como desviante, sobre o qual recai os preconceitos:

A norma que se estabelece com predominância histórica no meio social, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã, passando esta a ser tratada como referência. Nessa perspectiva, a mulher ainda é representada como o “segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual, sendo organizadas como “antinaturais, peculiares e anormais”. A partir dessa posição institui-se o preconceito arraigado nas sociedades contemporâneas (SILVA, 2007, p.36).

A opinião da participante Lina sobre a relação entre dança e homossexualidade aponta os reflexos causados na identidade do indivíduo, possivelmente associados a dança como geradora ou reafirmadora da homossexualidade do sujeito que nasceu com o sexo masculino.

Porque assim, homem que dança no Brasil é muito direcionado ao homossexual, nossa sociedade é extremamente preconceituosa com isso. Então, eu acho que muitos meninos homossexuais ou não, que gostariam de dançar, mas tem medo de enfrentar esse preconceito que eu vejo que os meninos enfrentam. Quando eu converso com algum cara: ‘Tem menino no seu curso?’ Tem! ‘Ah! mas eles são tudo baitola.’ Não, têm uns que não são, e têm uns que são, e qual o problema? Do mesmo jeito que vai ter homossexual em qualquer área de conhecimento, tem na dança também. Mas têm meninos que não são, são hétero. ‘Ah! Mas eu duvido que eles são hétero, eles dançam’.

(LINA, 22 ANOS/2014).

A participante Jade (21 anos/2016) argumenta que o receio de ser julgado socialmente leva muitos homens a decidirem não fazer a graduação em Dança. “Eles têm medo de que vão entrar pra cá, isso vai de alguma forma mexer com a sexualidade deles... medo de ‘Ah! Você faz curso de Dança, que bichinha’, que não sei o quê...”.

Outra participante que mencionou algumas de suas experiências familiares que envolvem a questão da sexualidade e medo de serem julgadas socialmente foi Tina (17 anos/2017). Ao relatar suas experiências durante a entrevista, ela trouxe um episódio ocorrido sobre a graduação em Dança quando foi visitar sua família. Mencionou o caso

do seu primo que gosta muito da dança e estava interessado em saber como era a graduação em Dança, mas foi repreendido pela mãe:

Minha tia, no meio da conversa, começou a falar: ‘Não Felipe, [primo da Tina (17 anos/2017)] você não vai entrar em graduação em Dança, porque você não vai virar gay!’ Então... eu acho que talvez muitos garotos queiram fazer Dança, mas tem talvez um medo de falar com a mãe: “Mãe! Eu quero fazer dança, e eu vou ser bem-sucedido no que eu quero, e eu não vou virar gay por causa disso. (TINA, 17 ANOS/2017).

Quando os participantes foram questionados se acreditavam haver alguma relação entre a orientação sexual e a pessoa escolher cursar a graduação em Dança, foi unânime a resposta de que não é o fato da pessoa dançar ou escolher a Dança como formação que irá estabelecer o gênero pelo qual ela se sente atraída. Como destaca João (20 anos/2015): “Não é a dança que vai te definir, você vai ter a sua própria força, de botar a sua cara. Ok! Vou fazer dança, sou um homem que faz dança, pronto.” A participante Tina (17 anos/2017) confirma tal argumentação dizendo que “[...] ninguém vai virar gay porque está fazendo Dança, ninguém vira sei lá... Cowboy porque está fazendo Agronomia, isso são padrões que as pessoas colocaram”.

Buscando compreender os fatores identitários envolvidos nos modos de ser, pensar e agir do sujeito, nota-se que muitos homens (homossexuais ou não), ao se interessarem pela dança, acabam se afastando e não a seguem, seja como hobby ou profissão. O participante Adão (25 anos/2016) acredita que muitos homens que têm preconceito e medo de serem julgados, e não escolhem esse curso devido a esse fato. “Tem pessoas que... Ah! não vou lá não porque tem [homossexual].

Muitas pessoas desconhecem os objetivos da dança e conseqüentemente do seu cenário enquanto um curso superior. Dessa forma, os estereótipos construídos socialmente e culturalmente sobre a dança, acabam por caracterizar e definir como essas pessoas serão vistas ao exercer tal área.

A participante Maria (21 anos/2014) acredita que a forma de interpretar a dança como uma atividade feminina traz o rótulo da homossexualidade faz com que “[...] acanhe os homens a vir estudar, e fazer o curso”. Já Carlos (35 anos/2014) menciona que “[...] às vezes tem homens que querem fazer o curso, mas em função dessa linha de pensamento que a sociedade tem, os homens acabam não fazendo [...] às vezes por não entender como funciona aqui dentro”.

Diante desse fato, entende-se que a falta de conhecimento das pessoas em relação ao curso deveria ser o ponto central a ser analisado e discutido para que haja um conhecimento efetivo sobre a dança e sobre quem a realiza, podendo assim, desmistificar conceitos e estereótipos formados.

O participante João (20 anos/2015) também comenta sobre a relação entre a orientação sexual e a dança. Segundo ele “Existem muitos homens héteros que adoram dança, são apaixonados por dança, loucos por dança, só que não têm coragem, porque vai ser visto pela sociedade como feminino, praticamente como gay, entendeu?”

Os relatos dos entrevistados evidenciam que as construções dos estereótipos de gênero influenciam nas escolhas profissionais, levando muitas pessoas a deixarem de realizar seus sonhos e se dedicarem profissionalmente à área que gostam e que tenham aptidão para realizar.

Segundo Souza (2007), a conexão com o gênero feminino contribui para que a dança muitas vezes não seja reconhecida como profissão. Segundo a autora, a relação do não reconhecimento da dança enquanto uma profissão envolve o “ser” feminino o que afeta a forma que a dança vai ser interpretada socialmente e principalmente aquele que a busca como formação, visto que essas formas de pensamento reforçam a construção do papel a ser exercido pela mulher e não pelo homem. “É como se a cultura dissesse: dança não é uma profissão, é uma atividade feminina, talvez como complemento da boa educação de moças. Então, como pode um homem querer fazer disso a sua profissão?” (p.61).

O medo de enfrentar o preconceito, de ser julgado como homossexual e principalmente por se sentirem incapazes de afrontar o resistente sistema social são fatores que podem explicar a proeminência de mulheres na área e no curso de graduação. A participante Nina (34 anos/2016) colabora com a assertiva de Tina (17 anos/2017) ao apontar o quanto tal concepção pode impactar na identidade daquele que almeja a Dança e tem que adiar os seus sonhos em função de uma determinação social preconceituosa:

Eu tenho um amigo da graduação que quis fazer Dança desde sempre. Ele só conseguiu isso depois dos seus vinte e quatro anos quando ele saiu de casa e falou: ‘Eu quero dançar.’ Mas aí ele já tinha se formado em Direito tinha vivido uma outra vida, ele já tinha o emprego dele, o salário dele, mas a vida inteira o menino dançava dentro do quarto escondido (NINA, 34 ANOS/2016).

O amigo citado pela participante Nina (34 anos/2016), também foi entrevistado na pesquisa, identificado como José (24 anos/2016) e relatou que em sua trajetória até a

universidade, ele passou por esses percursos para realizar o seu sonho de fazer a graduação. Ele argumenta ter escolhido realizar o curso de Direito, que era esperado por sua família, já que seguiam uma tradição na área: “[...] meu pai fez direito, meu irmão fez direito, minha família no direito e aí eu fui fazer.” Porém, o participante não gostava da profissão e sempre gostou de dançar, mesmo que os pais não aprovassem a ideia: “Me formei, mas não suporto. Aí teve um tempo que eu pensei... vou desistir da Dança, não vai ter jeito mesmo, vou seguir a carreira da minha família e vou desistir da Dança”. Mas após passar por todo esse percurso árduo, ele decidiu enfrentar tais obstáculos e se inscreveu no Enem para Dança e após a aprovação contou para a família. “Depois que eu fui aprovado contei por telefone, minha mãe estava no trabalho... aí liguei e falei. Foi aquele alvoroço todo, mais por causa do meu pai, mas no final ele acabou aceitando.”

A fala de José (24 anos/2016) mostra que a figura do pai é uma referência do medo da não aceitação em realizar a graduação em Dança, o que comprova novamente o quanto a dança leva a uma associação negativa ao sexo masculino e uma forte barreira para aquele que a visa como interesse profissional.

Meu pai, não aceitou de boa, agora ele está aceitando, mas eu acho que é mais pelo preconceito tipo: ‘só quem faz dança é veado’, palavras dele. Fiquei guardando, fiquei até com raiva do meu pai... por anos tinha ódio do meu pai por causa disso. Ele não tinha me deixado dançar, levei isso por muito tempo, mas assim, também não é o que eles queriam (JOSÉ, 24 anos/2016).

Essa questão pode explicar a construção dos estereótipos de gênero sobre a dança e consequentemente o preconceito da imagem do homem associada a tal arte. A participante Sara (25 anos/2015) também conta sobre quando levou um amigo da graduação para visitar sua cidade, destacando a reação da sua tia acerca do rapaz:

Uma vez um amigo da dança foi lá pra casa da minha tia, na minha cidade. Depois que ele foi embora ela disse: ‘Nossa! Ele dança também? O jeito dele é meio de mulherzinha, né?!’ Aí eu falei: ‘Tia, uma coisa não tem nada a ver com a outra’. Tem esse lado também, vai fazer dança é gay e não é assim, porque aqui a gente tem exemplos de meninos que dançam e nem por isso vão ser gays, é complicado, o preconceito é grande (SARA, 25 anos/2015).

A associação da dança com a homossexualidade determinada apenas ao homem confirma o caráter social e cultural da dança como algo feminino, logo, atribuído a mulher. Tal associação reflete na identidade do estudante que escolhe se graduar em Dança. Sendo assim, o homem que escolhe uma profissão socialmente e culturalmente

vista como não apropriada ao seu gênero é visto como quem perdeu o seu caráter dominador e seu prestígio frente a sociedade, sendo julgado pela sua escolha.

Portanto, manter as couraças impostas socialmente e culturalmente que envolvem as exigências da virilidade masculina como uma legitimadora de sua invulnerabilidade constitui um fardo, segundo Bourdieu (2012). Segundo ele, “O privilégio masculino é também uma cilada e encontrar sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” (p.64).

Nesse sentido, é interessante destacar que até mesmo no mundo da dança e na graduação há uma percepção no que concerne à distinção de gênero sobre algumas de suas modalidades. Esse pensamento pode ser visto, de acordo com Souza (2007, p.64), o fato de “Um homem dançar (uma dança convencionada como feminina) significa tornar público, expor algo que não é desejável aparecer (ou ainda, em alguns contextos, é inaceitável)”. A presente pesquisa não objetiva aprofundar em tais questões que abordem especificamente a representação de cada modalidade ou determinadas manifestações que envolvam a dança, mas convém salientar, que as modalidades de dança de rua (movimento cultural hip hop) e a dança de salão foram mencionadas pelos entrevistados como eminentes das idealizações que supervalorizam o papel masculino.

Dessa maneira, ao trazer as questões que envolvem as modalidades de dança, a participante Laura (19 anos/2017) faz uma comparação sobre a percepção social que envolve as representações de gênero, de acordo com as movimentações do balé em oposição as danças urbanas. “Eu acho que funciona assim... as pessoas pensam que balé é coisa de gay. Mas, aaah... se ele está fazendo danças urbanas, é o machão da porra toda.” Outra modalidade mencionada pela participante Marta (23 anos/2015) foi a dança de salão: “Assim... Acho que a pessoa [referindo a sociedade] não consegue enxergar um homem viril fazendo outra coisa que não seja dança de salão.”

Os estereótipos que permeia o homem que escolhe a dança como profissão é que tal ação não pertença a identidade masculina. A sociedade espera que homem pode dançar com uma mulher em um baile ou festa, como uma forma de diversão ou galanteio, desde que tenha uma profissão séria e a dança não comprometa a tradicional ideia do homem como provedor. Para ser aceitável que o homem dance, Espíndola menciona que há modalidades de dança que não comprometem a tradicional visão do masculino:

No Hip Hop, que tem movimentos que envolvem força, coragem, firmeza, domínio, entre outros fatores dominantes nesses estilos citados. No caso da dança de salão o homem se faz sujeito mandante da ação e assim é ele quem conduz a dama e dita os passos e movimentos. Nesses estilos também se fazem presentes o uso de roupas tidas como apropriadas aos homens, com roupas largas, as cores, e utensílios estilizados, assim como bonés, entre outros elementos que carregam um caráter masculino (ESPÍNDOLA, 2017, p.29).

As duas modalidades citadas podem ser percebidas como formadoras de construção da masculinidade, na Dança. Elas podem ser vistas socialmente como um padrão aceitável para serem exercidas pelo homem viril, forte e principalmente heterossexual, ao contrário de modalidades que possuem características vistas como feminina. Frente a sua força simbólica seja em suas movimentações e até mesmo nos figurinos utilizados pode-se dizer que os atributos característicos de tais danças podem, de forma geral, servir como justificativas para que o sujeito possa atuar na dança sem ter que colocar em prova sua masculinidade e principalmente sua orientação sexual. Conforme Espíndola:

[...] a dança do ventre, o ballet, jazz e entre outras danças, assumem um papel típico do feminino (pelos movimentos estereotipados, e carregados de significados distorcidos), mas não é em toda dança que temos uma negação por parte dos homens, podemos perceber uma maior aceitação por partes deles e assim automaticamente perceber a diferença de movimentações de danças como, por exemplo, em danças de salão, ou Hip Hop que são mais aceitas, devido à imposição da figura masculina, havendo nessas danças uma necessidade muito grande de reafirmar a presença do homem dançando. (ESPÍNDOLA, 2017, p.29)

Constata-se esses fatores em vista dos discursos proferidos, seja pelas interpretações das movimentações e batidas fortes das danças urbanas ou pelo domínio e condução do cavalheiro na dança de salão, em que o homem não perde seu vigor e dominação, cabendo às damas serem conduzidas, se deixando levar e “entregando-se” ao cavalheiro. Muitas vezes o cenário da dança está ligado a uma disputa de significações ou até mesmo como uma justificativa plausível para que o papel “apropriado” ao sexo masculino seja efetivo. Dessa forma, ele não precisaria se preocupar com a imagem, já que sua virilidade, força, heterossexualidade estariam sustentadas perante a sociedade devido a imagem construída sobre determinadas modalidades de dança.

Mesmo com a visão da heterossexualidade ligada a determinadas modalidades de dança, a homossexualidade sobressai em relação a associação a tal área. Houveram participantes que citaram que o curso de Dança, como a dança de modo geral, é uma área

que possui de fato um número significativo de homens homossexuais. A participante Ana (19 anos/2016), por exemplo, diz achar que “[...] tem muito homossexual na dança, eu acho que isso também... pela sensibilidade ter sido mais desenvolvida, natural né?! Bem... natural não! Socialmente construído. Eu acho que às vezes até por eles se sentirem mais confortáveis aqui [...]” A explicação para tal interpretação está, segundo a participante, no fato de serem mais sensíveis e encontrarem nessa área um conforto maior. A sensibilidade, em geral, além de estar mais vinculada às figuras femininas, parece ser considerada como algo inferior a outros atributos associados geralmente ao masculino.

A associação da dança ao feminino induz novamente a ideia de que os homens que dançam desempenham um papel destinado ao feminino, e essas questões são fortemente ligadas ao sexo e as ações sexuais. Com a construção cultural, histórica e social da dança como uma área associada ao homem homossexual, entende-se que o sentimento de pertencimento a tal identidade possa de fato colaborar de certa forma para aquele que se identifica como homossexual se sinta mais familiarizado com a área da Dança.

Se você é homossexual, você se aceita, e depois a sociedade te aceita ou não te aceita e você continua vivendo a sua vida. Essa liberdade que o homossexual tem de se assumir para a sociedade e colocar a cara a tapa, tipo: ‘eu sou gay, eu sou assumido, e eu estou aqui e eu sou uma pessoa’. Isso já mostra uma tremenda coragem, essa coragem se mostra aqui, porque é um homem que faz dança a gente não está nem aí se você vai achar que a gente é gay ou não. Porque, eu sou gay e não faz diferença. (JOÃO, 20 ANOS/2015)

Já com relação aos homossexuais esse impacto é menor, uma vez que a dança é considerada um meio mais “adequado” ao feminino, logo, às mulheres e aos homossexuais. O participante Pedro (21 anos/2015) fala que sua entrada no curso de Dança independeu da sua orientação sexual sendo que ela contribuiu de forma positiva, não sendo ela o fato determinante para essa. Andreoli (2011, p.170) em sua pesquisa comprova que a associação da dança com a homossexualidade traz uma certa aceitação social.

A dança, assim, parece ser um meio social onde as demais formas de sexualidade são melhor aceitas. Mas do que isso, a oposição por dançar, entendida como ruptura com as normas que dizem que um homem não deve dançar, é uma transgressão similar e equivalente à opção por si assumir como não-heterossexual, em uma cultura que diz que todos os seres humanos devem ser heterossexuais.

Nota-se então que, entre os homossexuais “assumidos”, a escolha do curso, na maioria das vezes, não é um tabu porque para eles o dilema de qual área seguir acaba

levando mais em consideração outros aspectos que realmente são relevantes como vocação e afinidade para a área que deseja seguir. Ou seja, há um processo simbólico que atribui significados a identidade do sujeito, determinando e direcionando-o as suas escolhas, trajetórias e vivências ao longo da sua vida.

Assim, é fundamental trazer tais questões na dança para, também, refletir sobre a construção da identidade do estudante de graduação, visto que estes se tornarão futuros preceptores do ensino em Dança em diferentes circunstâncias e abordagens. De acordo com objetivos específicos, do PPC/Dança-bacharelado-UFV (2017, p.14) o curso se propõe a “Formar agentes culturais multiplicadores corroborando na transformação da sociedade brasileira através de atividades educativas e culturais”, bem como “Compreender as implicações sócio-culturais, políticas, econômicas e ambientais do campo das artes, de modo a agir de forma crítico-reflexiva”. (PPC/DANÇA-BACHARELADO-UFV, 2017, p.16). Dessa forma, cabe ao futuro profissional da Dança esclarecer e colaborar para a transformação dos estereótipos construídos sobre a sua área de atuação.

Portanto, de acordo com o projeto pedagógico mencionado acima, entende-se que há uma relação entre corpo/movimento, representação e interpretação das ações realizadas pelo sujeito com a constante formação das diversas fontes identitárias, seja profissional, de gênero, entre outras. Essas vêm de um mecanismo sistematizado simbolicamente, através do qual a sociedade participa, de acordo com o meio em que ele se integra. Conforme Mauss (2003, p.420), “Há em todo conjunto da vida em grupo uma espécie de educação dos movimentos”. O fortalecimento dessa representação do corpo/movimento conta com o aval da mídia. Por exemplo, as apresentações de dança de salão nas emissoras de televisão trazem imagens que não levam o homem a ser identificado como homossexual. Ainda que haja questões relativas ao poder de persuasão, propícias da disseminação das culturas das mídias, de certa forma, elas também possibilitam a divulgação e o acesso a dança.

Porém, a compreensão sobre a diversidade em Dança deve ser constantemente estimulada para que as pessoas possam expandir seus conhecimentos e não limitar seu ponto de vista ou distorcer uma ideia com base apenas a um tipo de conceito ou entendimento. Conforme Espíndola (2017, p.35), é necessário que as pessoas busquem a dança por outros meios de acesso “[...] que ampliem as suas experiências do contato com a dança, indo a teatros, assistindo a espetáculos com a temática, lendo livros sobre, entre outras possibilidades que torne possível olhar por outros ângulos”.

Dessa forma, é importante refletir sobre os estereótipos, a desvalorização e discriminação que enfrenta aqueles que escolhem a Dança como profissão, em função de um construto cultural que determina padrões impostos socialmente que intensifica cada vez mais rótulos e categorizações que impactam nas identidades do sujeito e nas suas relações com o mundo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados possibilitam inferir que os estereótipos que envolvem o gênero construídos em relação à Dança podem afetar os estudantes que escolhem tal graduação como profissionalização. Ver a dança como uma área predominantemente feminina reforça os padrões estabelecidos socialmente, culturalmente e historicamente quanto às distinções de gênero, enquadrando aqueles que devem ou não atuarem na área. A predominância de mulheres no curso de graduação em Dança pode ser reflexo dessas construções, fazendo com que muitos homens não sejam estimulados a cursarem a Dança por terem receio de serem julgados negativamente ao não atender aos padrões sociais.

A questão da orientação sexual foi um fator relevante identificado nas falas dos participantes e que também foi referida como um aspecto que justifica a preponderância das mulheres em atuar e se profissionalizar na área. Além disso, as entrevistas possibilitaram a reflexão sobre a associação da dança à homossexualidade. Esses fatores podem refletir na identidade do homem heterossexual ou aquele que não se apresenta socialmente como homossexual por terem receio de serem julgados negativamente por não cumprirem o papel do “homem masculino”, como forte, viril e dominador.

Diante das falas dos alunos, nota-se que a graduação em Dança ou a dança em seus diferentes aspectos, não formam a orientação sexual do sujeito, porém devido às construções já mencionadas, pode ser entendido que o sentimento de pertencimento a tal identidade possa colaborar com aquele que se identifica como homossexual, o qual possa se sentir mais familiarizado com tal área.

Ainda são muitas as problemáticas que envolvem as questões de gênero e sexualidade na área da Dança. Portanto, se faz necessário que haja novos trabalhos que possam colaborar com as discussões e compreensões acerca de tal temática. Cabe, portanto, trazer abordagens mais aprofundadas como os estereótipos em relação as modalidades de dança, que caracterizam o sujeito conforme seus estilos de movimento, como foi brevemente falado na pesquisa. Além disso, é interessante investigar se tal realidade também se encontra presente em outros cursos e outras instituições de ensino, propiciando uma maior compreensão sobre as especificidades envolvidas na formação em Dança.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Audrei Vieira. Representações de masculinidade em oposição às representações de feminilidade: alguns desdobramentos do modelo patriarcal numa capital amazônica. *Revista Sociais e Humanas*, Santa Maria, v. 25, n.1, jan./jun., p.54-74, 2012.
- ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. *Conjectura*, Caxias do Sul, v.15, n.1, p.107-118, jan./abr. 2010.
- _____. Representações de masculinidade na dança contemporânea. *Movimento*, Porto Alegre, v.17, n.1, p.159-175, jan./mar., 2011.
- BOURCIER, Paul. *História da dança no ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BURKE, Peter. *A fabricação do Rei*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- ESPÍNDOLA, Ageniana. O gênero dançante: desvelando significados da dança. Florianópolis, *Monografia* (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Escola de princesa: uma pedagogia de gênero na contemporaneidade. In: XI COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”. v.11, n.1, 2017. Sergipe. Anais... Sergipe, 2017. p.1-6.
- FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNEER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL. Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- HANNA, Judith Lynne. *Dança, sexo e gênero: Signos de identidade, dominação e desejo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- KLEINUBING, Neusa Dendena. A dança como espaço-tempo de intersubjetividades: possibilidade da educação física no ensino médio. Florianópolis, *Dissertação* (Mestre em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- LACERDA, Cláudio. *Representações da Masculinidade na dança e no esporte: um olhar sobre Nijinsky e Jeux*. Recife: O Autor, 2010.
- LE BRETON, David Le. *A Sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

LIMA, Maristela Moura Silva. A dança na educação. *Revista Mineira de Educação Física*, v.1, n.2, p.15-19, 1993.

LOURO. Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Currículo gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNEER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac e Naify, 2003, p.399-422.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1996.

NASCIMENTO, Diego Ebling do; AFONSO, Mariângela da Rosa. A participação masculina na dança clássica: do preconceito aos palcos da vida. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.21, n.1, p.219 - 236, jan./jun., 2013.

NATT, Elisângela Domingues Michelatto; CARRIERI, Alexandre de Pádua. É para menino ou para menina? representações de masculinidade e feminilidade. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v.7, n.1, p.109 - 131, jan./jul., 2016.

PEREIRA, Marcos Emanuel. Identidade, avaliação e desempenho escolar. In: José Albertino Lordelo; Maria Virgínia Dazzani. (Org.). *Avaliação educacional: atando e desatando nós*. Salvador: Edufba, v.1, p.201-224, 2009.

PEREIRA, Marcos Emanuel; MODESTO, João Gabriel; MATOS, Marta Dantas. Em direção a uma nova definição de estereótipos: teste empírico do modelo num primeiro cenário experimental. *Psicologia e Saber Social*, v.1 n.2, p.201-220, 2012

PPC/DANÇA-BACHARELADO - UFV, Departamento de Letras Artes e Humanidades. *Projeto*. Viçosa, 2017. Projeto Pedagógico de Curso. Impresso.

PPC/DANÇA-LICENCIATURA - UFV, Departamento de Letras Artes e Humanidades. *Projeto*. Viçosa, 2017. Projeto Pedagógico de Curso. Impresso.

QUIVY, Raymond., CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva, 2008.

RODRIGUES, Renato Ribeiro. Sujeito, formação e profissão: um recorte na realidade docente da dança em Goiânia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE SALVADOR. 16, 3, 2009. Bahia. *Anais...* Bahia, 2009. p.1-15.

SANTOS, Valdonilsom Barbosa. Os discursos masculinos sobre as práticas violentas de gênero. 2013. 300 f. *Tese* (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2013.

SAPATILHAS DE PONTA. Disponível em: www.dancaempauta.com.br Acesso em: 10 abr. 2018.

SILVA, Naiane França. O espaço social e a identidade sexual na pós-modernidade. Revista Fórum Identidades, Taboiana, v.2, n.1, p.32-39., 2007.

SOUZA, Andréa Bittencourt. Cenas do masculino na dança: representações de gênero e sexualidade ensinando modos de ser bailarino. Canoas, *Dissertação* (Mestre em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.

CONCLUSÃO GERAL DA PESQUISA

Diante do processo percorrido para a realização da pesquisa apresentada, o uso da primeira pessoa no desfecho dessa pesquisa seja relevante como foi também realizada na contextualização do problema. Com tal formato verbal acredito que seja possível expor com mais familiaridade meu ponto de vista, críticas, contribuições e recomendações com a concretização do presente trabalho como mestranda do curso de Pós-graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa.

Primeiramente, como autora e idealizadora da pesquisa, juntamente com minhas orientadoras, foi possível identificar e discutir sobre os estereótipos enfrentados por estudantes do curso superior em Dança da UFV. Nesse processo, foi possível confirmar seus impactos na identidade dos estudantes, em relação aos aspectos socioculturais, acadêmicos e familiares. O desenvolvimento do estudo permitiu conhecer os comportamentos do grupo pesquisado e como ele é percebido e tratado no contexto social em que está inserido. Portanto, quando se entende que existe um pré-conceito formado a respeito dos profissionais e acadêmicos da Dança é possível uma compreensão do papel destes na sociedade.

Diante do objetivo de identificar os estereótipos encontrados pelos estudantes entrevistado, os que mais se sobressaiu foi a associação do curso de graduação em Dança a uma aprendizagem direcionada apenas ao entretenimento.

Tal rotulação faz com que a Dança seja compreendida como uma área de diversão, o que traz uma visão de descomprometimento em relação à profissão. Outro fator que contribui para tal visão é a questão da dança ser uma área muito ampla e diversificada e não possuem um conselho ou algum órgão que possa fortalecer e valorizar o profissional e impossibilitar de exercer a profissão aqueles que não possui uma formação na área.

Este fato, pode desvalorizar o papel do ensino superior em Dança, afetando a identidade do estudante visto que o mesmo pode não ser reconhecido por suas potencialidades e conhecimentos construídos em sua formação, sendo capaz de afetar sua inserção no mercado de trabalho.

Outro estereótipo evidenciado foi o fato do curso ser visto como uma profissão que não oferece status social e pode não trazer um retorno financeiro favorável. A pesquisa evidencia que o curso de graduação muitas vezes nem é conhecido e, conseqüentemente, as pessoas desconhecem sua importância enquanto uma área de conhecimento que envolve os diversos aspectos sociais, culturais e políticos.

Tal pensamento promove uma inferiorização da graduação em Dança a outros cursos que são geralmente apontados com maior apreço por determinados grupos. Desse modo, a Dança não pertence a um grupo de cursos que traga uma imagem social promissora, atendendo aos padrões de produtividade e lucro socialmente valorizados, o que faz com que o curso e aquele que o escolhe sejam alvos de uma estereotipia negativa.

Por fim, outro estereótipo citado foi a associação da dança à figura feminina e consequentemente vinculada à homossexualidade do estudante/profissional do sexo masculino. A associação da dança ao feminino envolve toda uma construção social, cultural e histórica que envolve a dicotomia entre os papéis impostos para o homem e para a mulher.

A pesquisa evidencia que a relação da dança ao feminino decorre de construções históricas, culturais e sociais do contexto em que o sujeito está inserido. Em função dessas construções, quando o curso é realizado por homens, causa certo espanto pela associação ao feminino e à homossexualidade, o que destoa do tradicional padrão socialmente esperado para o masculino, representado pelo homem branco, de classe média ou heterossexual (LOURO, 2008).

Apesar da sociedade questionar a identidade do estudante do sexo masculino, algumas modalidades de dança como o hip hop (dança de rua) e a dança de salão, também foram citadas pela valorização do papel masculino, servindo muitas vezes como justificativa para a fuga dos rótulos impostos. Tal visão construída sobre as modalidades de dança também pode refletir na identidade do estudante de graduação, visto que tais estereótipos se encontram ainda fixados na imagem do homem viril, forte e heterossexual o que reflete na forma que a Dança é percebida e consequentemente no que se espera daquele que escolhe o ensino superior como área de formação.

Tal fato é exemplificado por um dos graduandos convidados a participar da pesquisa que desistiu de dar prosseguimento ao curso. Em uma conversa informal, ele mencionou que um dos motivos para evadir do curso foi a pressão de amigos e familiares em relação aos estereótipos envolvidos na orientação sexual, que o levou a perder o contato com amigos por acreditarem que ele estava se tornando homossexual ao fazer a graduação em Dança. Tal fato, confirma o quanto os estereótipos impactam na identidade do estudante e contribuiu para que alguns deles não sigam o caminho que desejam em prol das expectativas sociais resultantes das construções hegemônicas de gênero.

Não cabe a ninguém julgar as escolhas feitas pelo participante, mas é importante trazer tais discussões para que sejam buscados mecanismos para que, em um futuro

próximo, esses padrões não limitem os sujeitos a seguirem seus sonhos e suas vontades com base em falsas ideias com as quais ele não concorda.

Portanto, é imprescindível identificar e discutir as origens dos problemas enfrentados pelos estudantes para que consigam, de alguma forma, combater ou minimizar os rótulos que afetam desfavoravelmente sua identidade no contexto em que estão inseridos. Para que isso ocorra, é importante que o estudante e futuro profissional graduado em Dança seja um disseminador das informações que envolvam o conhecimento social em relação à diversidade de abordagens da dança e principalmente da sua área de trabalho. A atuação dos profissionais contribuirá para que novos conceitos sejam reconstruídos e rótulos sejam quebrados, fazendo com que cada vez mais esse profissional seja respeitado e compreendido de forma efetiva com suas ações.

Por fim, destaca-se que as questões levantadas não se findam nesta pesquisa, mas, espera-se que ela se constitua em um estímulo para que novos estudos possam abordar temáticas específicas sobre cada estereótipo, destacando outros que não foram mencionados entre os participantes desse processo investigativo.

Uma das limitações da pesquisa é que ela não abarcou todos os estudantes da graduação, dessa forma, novas pesquisas poderão se pautar em maior número as opiniões caso possa abarcar todos os ingressos no curso.

Outra sugestão seria pesquisar diretamente as famílias, buscando desvelar o ponto de vista dos pais e seus argumentos, o que possibilitaria o confronto de percepções, já que a presente pesquisa se baseou na perspectiva do estudante. Os estudos ainda poderiam ser estendidos a outras instituições que oferecem o curso de graduação em Dança em diversos estados e países, analisando se há mudanças nos aspectos culturais, sociais e históricos sobre os estereótipos construídos sobre a dança, os estudantes e profissionais.

Dessa forma, as pesquisas futuras poderão desvelar novos aspectos envolvidos na graduação em dança, ampliando os debates e fornecendo subsídios para a luta quanto o reconhecimento das potencialidades do curso e da profissão.

REFERÊNCIAS GERAIS

ALVARES, Kátia Salvany Felinto. Rudolf Laban nas artes Visuais: Fatores do movimento e o ensino do desenho. São Paulo, *Dissertação* (Mestre em Artes). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ALENCAR, Audrei Vieira. Representações de masculinidade em oposição às representações de feminilidade: alguns desdobramentos do modelo patriarcal numa capital amazônica. *Revista Sociais e Humanas*, Santa Maria, v. 25, n.1, jan./jun., p.54-74, 2012.

ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. *Conjectura*, Caxias do Sul, v.15, n.1, p.107-118, jan./abr. 2010.

_____. Representações de masculinidade na dança contemporânea. *Movimento*, Porto Alegre, v.17, n.1, p.159-175, jan./mar., 2011.

AQUINO, Rita. Ferreira. Formação em dança na Bahia: reconhecimento e contribuição. In: CONGRESSO DA ABRACE - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS. 7., 2012. Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2012. p.1-9.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula. Mena; COSTA, Maria. Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p.24-34, 2011.

BERLATTO, Odir. A construção da identidade social. *Revista do Curso de Direito da FSG*, Caxias do Sul, v.3, n.5, p.141-151, jan./jun. 2009.

BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BOLSANELLO, Deborah Pereira. *Em pleno corpo*: Educação Somática, Movimento e Saúde. Curitiba: Juruá, 2009.

BOURCIER, Paul. *História da dança no ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRITO, Danilo Lopes; BONA, Fabiano. Dalla. Sobre a noção de estereótipo e as imagens do Brasil no exterior. *Revista Graphos*, v. 16, n. 2, p.15-28, 2014.

BURKE, Peter. *A fabricação do Rei*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

CAMARGO. Giselle Guilhon Antunes. In: CAMARGO, Giselle Antunes (Org.) *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013.

CAMPOS, Kátia Nahum. *Transmissão geracional*: repercussões na escolha da profissão. Rio de Janeiro. *Dissertação* (Mestre em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CARVALHO, Meireane Rodrigues Ribeiro. Profissional de dança: possibilidades de formação no estado do Amazonas. In: ROCHA, T. (Org.). *Graduações em Dança no Brasil: o que será que será?* Joinville: Nova Letra, 2016. p.29-36.

CATÁLOGO DE GRADUAÇÃO 2017. Disponível em: <http://www.catalogo.ufv.br>. Acesso em: 2 jan. 2018.

CONTREIRAS, Clarisse Nunes Muniz. *Mercado de trabalho e perfil profissional: egressos da escola de dança/UFBA*. Salvador. Dissertação (Mestre em Dança). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo I*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

DIFERENÇA ENTRE HOBBY E PROFISSÃO. Disponível em: <http://maringamanchete.com.br>. Acesso em: 10 de jan. de 2018.

EMENTA DISCIPLINA BIO 120 - CITOLOGIA E HISTOLOGIA. Disponível em: <http://www.catalogo.ufv.br/PDF/2018/vicosa/BIO120.pdf> Acesso em: 20 fev. 2018.

EMENTA DISCIPLINA BIO 121 – PRÁTICAS EM CITOLOGIA E HISTOLOGIA. Disponível em: <http://www.catalogo.ufv.br/PDF/2018/vicosa/BIO121.pdf> Acesso em 20 fev. 2018.

EMENTA DISCIPLINA EDU 117 – PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM. Disponível em: <http://www.catalogo.ufv.br/PDF/2018/vicosa/EDU117.pdf> Acesso em 20 fev. 2018.

ESPÍNDOLA, Ageniana. O gênero dançante: desvelando significados da dança. Florianópolis, *Monografia* (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ESPINDOLA, Poliana. Merie. Semiótica social e estereótipos: uma análise na comunicação intercultural. In: SEMANA DE LETRAS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. 9, 2009. Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2009. p.187-201.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Escola de princesa: uma pedagogia de gênero na contemporaneidade. In: XI COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”. v.11, n.1, 2017. Sergipe. *Anais...* Sergipe, 2017. p.1-6.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNEER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GATTI, Daniela. Graduação em Dança na Unicamp: 30 anos de produção de conhecimento com o corpo e no corpo. In: INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA DE

JOINVILLE; ROCHA, T. (Org.). *Graduações em Dança no Brasil: o que será que será?*, Joinville: Nova Letra, 2016. p.29-36.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HANNA, Judith Lynne. *Dança, sexo e gênero: Signos de identidade, dominação e desejo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/panorama>. Acesso em: 15 de jan.2018.

JORDANI, Paulo Sergio et al. Fatores determinantes na escolha profissional: um estudo com alunos concluintes do ensino médio da região Oeste de Santa Catarina. *Revista ADMpg Gestão Estratégica*, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p.25-32, 2014.

KEALIINOHOMOKU, Joann. In: CAMARGO, Giselle Antunes (Org.) *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013.

KLEINUBING, Neusa Dendena. A dança como espaço-tempo de intersubjetividades: possibilidade da educação física no ensino médio. Florianópolis, *Dissertação* (Mestre em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. 5.ed. São Paulo: Summus, 1978.

LACERDA, Cláudio. *Representações da Masculinidade na dança e no esporte: um olhar sobre Nijinsky e Jeux*. Recife: O Autor, 2010.

LARAIA, Roque Barros. *Cultura, um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LE BRETON, David Le. *A Sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

LIMA, Maria Manuel. Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem. *Revista da Universidade de Aveiro*, n.14, p.169-181, 1997.

LIMA, Marisa Mello. Do corpo sob o olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo. In: SEMINÁRIO NACIONAL CORPO E CULTURA. 4., 2013. Goiás. *Anais...* Goiás, 2013. p.1-17.

LIMA, Maristela Moura Silva. A dança na educação. *Revista Mineira de Educação Física*, v. 1, n.2, p.15-19, 1993.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. *Arte da composição: teatro do movimento*. 1ª ed. Brasília: LGE. 2008.

LUCHIARI, Dulce Helena Soares. Os desejos familiares e a escolha profissional dos filhos. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v.14 n.20, p.81-92, 1996.

LOURO. Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Currículo gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNEER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARQUES, Isabel. Corpo, dança e educação contemporânea. *Pro-Posições*, v.9, n. 2, p.70-78, 1998.

MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac e Naify, 2003, p.399-422.

MENEZES, Tayana Dias. A identidade social: uma análise teórica. *Revista Prolíngua*, João Pessoa, v. 5, n. 2, p.16-27, jul./dez., 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). *Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social*. In: *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, v.9, n. 2, p.191-211, 2003.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo construído de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, v.12, n.1, p.117-128, 2006.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 1999.

NASCIMENTO, Diego Ebling do; AFONSO, Mariângela da Rosa. A participação masculina na dança clássica: do preconceito aos palcos da vida. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.21, n.1, p.219 - 236, jan./jun., 2013.

NATT, Elisângela Domingues Michelatto; CARRIERI, Alexandre de Pádua. É para menino ou para menina? representações de masculinidade e feminilidade. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v.7, n.1, p.109 - 131, jan./jul., 2016.

NAVAS, Cássia. Centros de Formação: O que há para além das academias? In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana. (Org.). *Algumas perguntas sobre Dança e Educação*. Joinville: Nova Letra, 2010. p.78-83.

NEPOMUCENO, Marília. O corpo na dança: uma reflexão a partir dos olhares da indústria cultural. *Pensar a Prática*, Goiânia, v.13, n.1, p.1-19, jan./abr., 2010.

OLIVEIRA, Francisco Neves. *Técnicas de amostragem utilizadas pelos serviços de auditoria interna de empresas no Brasil – um estudo de casos*. 1989. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Instituto Superior de Estudos Contábeis – ISEC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 1989.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo. Amostragem não-probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. *Administração On Line*, v. 2, n. 3, jul/ago./set. 2001. Disponível em: http://www.fecap.br/adm_online/art23/tania2.htm. Acesso em: 9 abr. 2017.

PEREIRA, Marcos Emanuel. Cognição, categorização, estereótipos e vida urbana. *Ciências & Cognição*, v.13, n.3, p.280-287, 2008.

_____. Cognição Social. In: *Psicologia social: temas e teorias* CAMINO, Leôncio. et al. (Orgs.) Brasília: Technopolitik, 2013.

_____. Identidade, avaliação e desempenho escolar. In: José Albertino Lordelo; Maria Virgínia Dazzani. (Org.). *Avaliação educacional: atando e desatando nós*. Salvador: Edufba, v.1, p.201-224, 2009.

PEREIRA, Marcos Emanuel; MODESTO, João Gabriel; MATOS, Marta Dantas. Em direção a uma nova definição de estereótipos: teste empírico do modelo num primeiro cenário experimental. *Psicologia e Saber Social*, v.1 n.2, p.201-220, 2012.

PEREIRA, Ricardo Pina. Bolsa de Bailarinos. *Revista Dança Brasil*: São Paulo, p.30-31, 2016.

PIMENTA, Rosana Aparecida. Arte, cultura e educação e a formação do professor em dança. *Tese* (Doutora em Artes), Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes, São Paulo, 2016.

PORTAL DA UFV. Disponível em: <https://www.ufv.br>. Acesso em: 2 jan. 2018.

PPC/DANÇA-BACHARELADO - UFV, Departamento de Letras Artes e Humanidades. *Projeto*. Viçosa, 2017. Projeto Pedagógico de Curso. Impresso.

PPC/DANÇA-LICENCIATURA - UFV, Departamento de Letras Artes e Humanidades. *Projeto*. Viçosa, 2017. Projeto Pedagógico de Curso. Impresso.

PREFEITURA DE VIÇOSA. Disponível em: <http://www.vicosa.mg.gov.br>. Acesso em: 15 de jan. 2018.

RODRIGUES, Renato Ribeiro. Sujeito, formação e profissão: um recorte na realidade docente da dança em Goiânia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE SALVADOR. 16, 3, 2009. Bahia. *Anais...* Bahia, 2009. p.1-15.

QUIVY, Raymond., CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva, 2008.

SANTOS, Adilson Pereira; CERQUEIRA, Eustáquio Amazonas. Ensino Superior: trajetória histórica e políticas recentes. In: IX COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL. 2009. Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 2009. p.1-17.

SANTOS, João Ricardo Viola.; DALTO, Jader. Otávio. Sobre análise de conteúdo, análise textual discursiva e análise narrativa: investigando produções escritas em matemática. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. 5., 2012. Petrópolis. *Anais...* Petrópolis, 2012. p.1-20.

SANTOS, Valdonilsom Barbosa. *Os discursos masculinos sobre as práticas violentas de gênero*. 2013. 300 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2013.

SAPATILHAS DE PONTA. Disponível em: www.dancaempauta.com.br Acesso em: 10 abr. 2018.

SILVA, Eliana Rodrigues. Graduação em Dança no Brasil: professor como orientador e aluno como protagonista. In: ROCHA, T. (Org.). *Graduações em Dança no Brasil: o que será que será?*, Joinville: Nova Letra, 2016. p.29-36.

SILVA, Naiane França. O espaço social e a identidade sexual na pós-modernidade. Revista Fórum Identidades, Taboiana, v.2, n.1, p.32-39., 2007.

SIMÃO, Angelica Karim Garcia. Representações e estereótipos sobre a tradução português/espanhol. *Trab. Ling. Aplic.*, n. 53, p.243-257, 2014.

SOUZA, Andréa Bittencourt. Cenas do masculino na dança: representações de gênero e sexualidade ensinando modos de ser bailarino. Canoas, *Dissertação* (Mestre em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.

SOUZA, Helga Vanessa Assunção. Os estereótipos sociais: instrumento para a construção de identidades. In: ENCONTRO DO EVENTO PG LETRAS 30 ANOS, 2006. Recife. *Anais...* Recife, 2006, p.150-161.

STALLIVIERI, Luciane. O Sistema de ensino superior do Brasil: características, tendências e perspectivas. In: UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2006, Caxias do Sul. *anais eletrônicos...* Caxias do Sul: UCS, 2006. Disponível em:

http://www.ucs.br/ucs/tplPadrao/tplCooperacaoCapa/cooperacao/assessoria/artigos/imprimir/sistema_ensino_superior.pdf. Acesso em: 20 set. 2018.

STANKA, Sandro et al. Influências familiares na escolha profissional. In: II CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE DA SERRA GAÚCHA (FSG). 2014. v. 2, n. 2, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul, 2014. p.455-463.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. *Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança*. Campinas: Papirus, 2006.

TOLOI, Gabriela Gallucci; MANZINI, Eduardo José. Etapas da estruturação de um roteiro de entrevista e considerações encontradas durante a coleta dos dados. In: VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2013. Londrina. *Anais...* Londrina, 2013, p.3299-3306.

TULL, Donald.; HAWKINS, Dell. *Marketing Research, Meaning, Measurement and Method*. Macmillan Publishing Co., Inc., London, 1976.

VALORE, Luciana Albanesa. A problemática da escolha profissional a possibilidades e compromissos da ação psicológica. SILVEIRA, A. F. et al., org. *Cidadania e participação social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p.66-76, 2008. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/hn3q6/pdf/silveira-9788599662885-07.pdf> Acesso em: 02 jan. 2018.

VERAS, João. Bosco. *A dança e a promoção humana na sociedade: um estudo de caso*. Monografia (Especialista em Dança Educativa Moderna) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2002.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem dos bibliotecários. *Informação e sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 17, n. 3, p.27-38, set/dez, 2007.

YIN, Robert. *Estudo de caso: planejamentos e métodos*. 2.ed. Porto Alegre: Bookmam, 2001.

ZEMP, Hugo. Para entrar na dança. In: CAMARGO, Giselle Antunes (Org.) *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista

Nome:

Idade:

Sexo:

Gênero:

Cidade natal:

Ano que entrou no curso:

- 1) Quais são as principais dificuldades vivenciadas em ser estudante de graduação em Dança?
- 2) Em relação a visão que você tem da sua família. Qual foi a reação dela quando você escolheu cursar Dança na Universidade Federal de Viçosa? Comente.
- 3) Você percebe se houve alguma mudança na visão da sua família após seu ingresso? Qual?
- 4) Em relação a visão que você tem da sua família. O que ela acredita que você desenvolve em um curso de graduação em Dança?
- 5) Em relação a visão que você tem de sua família. O que ela pensa sobre o mercado de trabalho em Dança?
- 6) Como você percebe a reação das pessoas em geral, quando você fala que é estudante do curso de graduação em Dança?
- 7) Em relação a essas visões sobre o curso de Dança, você acredita que elas se embasam em quê?
- 8) A Graduação em Dança é mais concentrada pelo sexo masculino ou feminino? Por quê?
- 9) Quanto a orientação sexual. Você acredita que ela interfere na escolha do estudante em cursar a graduação em Dança?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

O (A) Sr. (a) está sendo convidado para participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada “Graduação em Dança? Isso existe? Impactos de estereótipos na identidade de estudantes do curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa” Coordenado pela professora Dra. Rita de Cássia Pereira Farias do Departamento de Economia Doméstica, tendo como pesquisadora, Mariana Cristina Tavares da Silva Souza Amorim, Mestranda em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa. O projeto tem como objetivo geral identificar e discutir sobre os estereótipos enfrentados por estudantes do curso superior em Dança da UFV em relação aos aspectos, socioculturais e familiares, verificando como eles impactam na identidade do próprio estudante. Especificamente pretende-se: Descrever a percepção do estudante sobre a compreensão da família enquanto graduando em um curso superior em Dança; Descrever a percepção do graduando em Dança sobre a compreensão da sociedade de forma geral em relação ao graduando em um curso superior em Dança; Refletir sobre a questão de gênero e orientação sexual na escolha do curso superior em Dança. Esta proposta de pesquisa é pertinente, uma vez que será possível trazer instigantes reflexões acerca das construções socioculturais em torno da graduação em Dança na UFV, buscando analisar os fatores que possibilitam a construção dos estereótipos e como esses podem impactar na formação da identidade do graduando. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: Será realizada uma entrevista semiestruturada, com duração de prevista de aproximadamente uma hora, a qual será gravada as narrativas e os dados serão analisados e discutidos com as obras dos autores consultados. O risco referente a esta pesquisa está relacionado a um pequeno desconforto que pode ser sentido ao responder a entrevista. Este risco pode ser minimizado, protegendo sua identidade usando nomes fictícios, por exemplo. A pesquisa contribuirá para que você expresse sua opinião enquanto estudante do curso de Dança e possa ajudar a compreender quais são os impactos que os estereótipos podem causar em sua própria identidade. Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo e nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o Sr. (a) tem

assegurado o direito à indenização. Serão excluídos dos estudos os participantes que não estiverem matriculados, não tenham ingressado nos anos de 2014 a 2017 e que não responderem a todas as perguntas do questionário. A participação no estudo será voluntária, o que lhe confere o direito de recusar-se a participar ou retirar-se do estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou justificativa. Será assegurada a sua privacidade substituindo seu nome por nomes fictícios podendo solicitar questionamentos e informações quando precisar. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos.

Será um trabalho simples sem custo, o qual você utilizará dos próprios conhecimentos e opiniões para responder os questionamentos. A sua participação é primordial para que se compreenda os estereótipos construídos em relação ser estudante de graduação em Dança e como isso pode impactar sua identidade.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____,
contato _____,

Declaro que fui informado (a) dos objetivos e condições da realização do projeto “Graduação em Dança? Isso existe? Impactos de estereótipos na identidade de estudantes do curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa” de maneira clara e detalhada e esclareci as minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que recebi uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a outra cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, no Departamento de Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa. Declaro que autorizo de livre e espontânea vontade, a participação do sujeito identificado abaixo.

Nome do Pesquisador Responsável: Mariana Cristina Tavares da Silva Souza Amorim

Endereço: Rua dos Estudantes, nº 90, apartamento 302, centro, Viçosa-Minas Gerais
Telefone: (31) 993742721 E-mail: maritavaresdan@gmail.com

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar: CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos Universidade Federal de Viçosa Edifício Arthur Bernardes, piso inferior Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário Cep: 36570-900 Viçosa/MG Telefone: (31)3899-2492 Email: cep@ufv.br www.cep.ufv.br

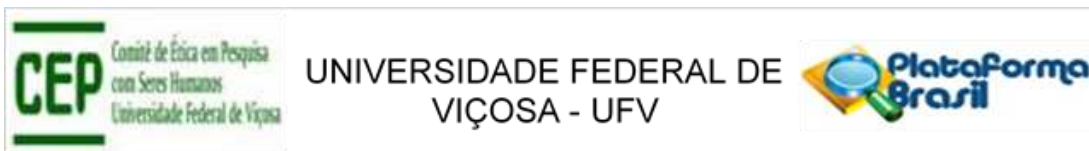
Viçosa, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFV.



Continuação do Parecer: 2.160.201

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "Graduação em Dança? Isso existe? Impactos dos estereótipos na identidade de estudantes do curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa"

Pesquisador: Rita de Cassia Pereira Farias

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69771317.5.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Economia Doméstica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER Número do Parecer: 2.160.201

Apresentação do Projeto:

O presente protocolo foi enquadrado como pertencente à área temática: Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas. Segundo formulário online: "O estudo trata de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, buscando uma descrição direta dos participantes, trazendo uma abordagem crítico-dialética que visa argumentar, discutir conceitos, esclarecer e refletir acerca da realidade encontrada. Tem como objetivo identificar e discutir sobre os estereótipos enfrentados por estudantes do curso superior em Dança da UFV em relação aos aspectos acadêmicos, socioculturais e familiares, verificando como eles impactam na identidade do próprio estudante. Metodologia: O estudo trata de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, buscando uma descrição direta dos participantes, trazendo uma abordagem crítico-dialética que visa argumentar, discutir conceitos, esclarecer e refletir acerca da realidade encontrada. Trata-se de um estudo de caso, visto que o fenômeno a ser estudado está ligado diretamente aos alunos do curso de graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa-MG. A entrevista semi-estruturada será o instrumento empregado para coleta de dados, e por meio dela buscaremos um diálogo sobre o problema a ser investigado. A descrição e análise dos resultados serão interpretados de forma qualitativa e com uma abordagem textual discursiva, pautando-se nos referenciais teóricos sobre o tema.

Endereço:	Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro:	Campus Universitário
UF: MG	Município: VICOSA
CEP:	36.570-900



Continuação do Parecer: 2.160.201

Objetivo da Pesquisa:

Segundo formulário online: Objetivo primário: “identificar e discutir os estereótipos enfrentados por estudantes do curso superior em Dança da UFV em relação aos aspectos socioculturais, acadêmicos e familiares, verificando como eles impactam na identidade do próprio estudante”. Objetivos secundários: “caracterizar socialmente os estudantes do curso de graduação em Dança que participarão da pesquisa;

Analisar como os estudantes se identificam enquanto graduandos de um curso superior em Dança; Descrever a percepção do estudante sobre a compreensão da família enquanto graduando em um curso superior em Dança; Descrever a percepção do graduando em Dança sobre a compreensão de outros estudantes da instituição, professores e a sociedade enquanto graduando em um curso superior em Dança; Refletir sobre a questão de gênero, biótipo na escolha do curso superior em Dança”.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo formulário online: Riscos: “o risco referente a esta pesquisa está relacionado a um pequeno desconforto que pode ser sentindo ao responder a entrevista. Este risco pode ser minimizado, protegendo sua identidade usando nomes fictícios”. Benefícios: segundo a pesquisadora dentre os benefícios se encontram “contribuir para que o graduando expresse sua opinião enquanto estudante do curso de Dança e possa ajudar a compreender quais são os impactos que os estereótipos podem causar em sua própria identidade”. Com relação aos benefícios, estes atendem as exigências contidas na Resolução CEP 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta proposta de pesquisa se insere, segundo a pesquisadora na área temática: Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas. O estudo trata de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, buscando uma descrição direta dos participantes, trazendo uma abordagem crítico-dialética que visa argumentar, discutir conceitos, esclarecer e refletir acerca da realidade encontrada. Trata-se de um estudo de caso, visto que o fenômeno a ser estudado está ligado diretamente aos alunos do curso de graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa, MG. A entrevista semi-estruturada será o instrumento empregado para coleta de dados, e por meio dela buscaremos um diálogo sobre o problema a ser investigado. A descrição e análise dos resultados serão interpretados de forma qualitativa e com uma abordagem textual discursiva, pautando-se nos referenciais teóricos sobre o tema.

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes**Bairro:** Campus Universitário**CEP:** 36.570-900

UF: MG Município: VICOSA

Telefone: (31)3899-2492

E-mail: cep@ufv.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 2.160.201

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta os seguintes termos: - Folha de rosto devidamente assinada e carimbada pela Chefia do departamento do Curso de Economia Doméstica da UFV – Projeto de pesquisa - Formulário online – TCLE para maiores de idade - Autorização assinada pela chefia do Departamento de Artes e Humanidades da UFV, Cronograma das atividades de pesquisa – Roteiro de entrevista.

Recomendações:

Não se aplica

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora apresentou todos os documentos em conformidade com as exigências contidas na Resolução CEP 466/12.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site (www.cep.ufv.br)). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos para encerramento de todo o protocolo na Plataforma Brasil. Projeto aprovado autorizando o início da coleta de dados com os seres humanos a partir da data de emissão deste parecer.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_892477.pdf	20/05/2017 23:12:12		Aceito
Outros	Autorizacao.pdf	20/05/2017 23:11:02	Mariana Cristina Tavares da Silva Souza Amorim	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	20/05/2017 23:07:42	Mariana Cristina Tavares da Silva Souza Amorim	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	20/05/2017 22:29:54	Mariana Cristina Tavares da Silva Souza Amorim	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevistas.pdf	20/05/2017 22:29:17	Mariana Cristina Tavares da Silva Souza Amorim	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes

Bairro: Campus Universitário

CEP: 36.570-900

UF: MG

Município: VICOSA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 2.160.201

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	20/05/2017 22:18:50	Mariana Cristina Tavares da Silva Souza Amorim	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	20/05/2017 22:17:18	Mariana Cristina Tavares da Silva Souza Amorim	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VICOSA, 06 de Julho de 2017

Assinado por:

**Maria da Conceição Aparecida Pereira Zolnier
(Coordenador)**

Endereço:	Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes		
Bairro:	Campus Universitário	CEP:	36.570-900
UF:	MG	Município:	VICOSA
Telefone:	(31)3899-2492	E-mail:	cep@ufv.br